

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO E TRABALHO EM
ENFERMAGEM**

EDILENE RODRIGUES DA SILVA

**O EGRESSO DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM:
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INSERÇÃO NO MUNDO DO
TRABALHO**

**FLORIANÓPOLIS/SC
2015**

Edilene Rodrigues da Silva

**O EGRESSO DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM:
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INSERÇÃO NO MUNDO DO
TRABALHO**

Tese apresentada à Banca Examinadora como requisito para obtenção do Título de Doutor no Curso de Doutorado em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC – PEN-UFSC na Modalidade Doutorado Interinstitucional/UFSC/UFRN - Área de Conhecimento: Educação e Trabalho em Enfermagem

Grupo de Pesquisa: EDEN – Educação em Enfermagem e Saúde

Área Temática: Formação profissional em Enfermagem e Saúde

Professor Orientador: Dra. Kenya Schmidt Reibnitz

**FLORIANÓPOLIS/SC
MAIO/2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Edilene Rodrigues da
O egresso do curso técnico em enfermagem : formação
profissional e a inserção no mundo do trabalho / Edilene
Rodrigues da Silva ; orientadora, Kenya Schmidt Reibnitz -
Florianópolis, SC, 2015.
221 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

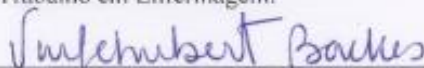
1. Enfermagem. 2. Educação em Enfermagem. 3. Educação
Técnica em Enfermagem. 4. Estudante de Enfermagem. 5. Força
de Trabalho. I. Reibnitz, Kenya Schmidt. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. III. Título.

EDILENE RODRIGUES DA SILVA
O egresso do curso técnico em enfermagem:
formação profissional e a inserção no mundo do trabalho

Esta Tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

DOUTOR EM ENFERMAGEM

Aprovada em versão final em ____/____/2015, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, na área de conhecimento Educação e Trabalho em Enfermagem.

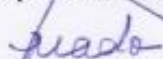


Profª Dra. Vânia Marli Schubert Backes
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:



Profª Dra. Kenya Schmidt Reibnitz – Presidente



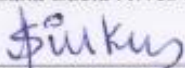
Profª Dra. Marta Lenise do Prado – Membro



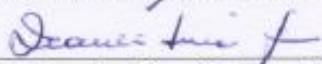
Profª Dra. Rosalba Pessoa de Souza Timoteo – Membro



Profª Dra. Rosana Lucia Alves de Vilar – Membro



Profª Dra. Silvana Silveira Kempfer - Membro



Profª Dra. Francine Lima Gelbecke - Membro

Dedico este trabalho *especialmente à minha mãe, Maria Daluz (in memoriam)*, alicerce do meu ser, fonte constante de amor, carinho, estímulo e esforço em propiciar a minha vida e realização profissional. Hoje a vejo na estrela mais brilhante do firmamento acompanhando o meu viver. Assim como sempre a encontro ao contemplar as mais belas flores com que deparo em meu caminho. Ao meu pai, Euzébio, de quem nunca me faltaram o amor, dedicação, zelo e incentivo para que eu me realizasse como pessoa e profissional.

A Márcio, amor da minha vida, esposo, amigo e companheiro. Seu apoio incondicional me fortalece e me faz ir adiante no meu processo de construção de conhecimento. Presença decisiva e maior incentivador em tudo que faço, cuida de mim com seu amor e me faz feliz.

A André e Arthur, filhos amados, fontes de alegrias, admiráveis por suas qualidades, valores e virtudes que revelam nas suas atitudes de coragem, compreensão, equilíbrio e cuidado com todos que os cercam. Tê-los comigo é um privilégio que agradeço a Deus. Por eles têm valido a pena minha luta e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Aos meus irmãos, Edmildo e Euzébio, aos meus tios, especialmente Antônio, Elza e Estelina, sempre presentes ao longo da minha vida, e neste momento de doutoramento, me apoiando, compartilhando e, sobretudo compreendendo minhas ausências.

Ao meu neto Lucca, minha neta de coração, Érica, e às noras, Liliane e Rejane, agradeço a vocês pelo colorido e leveza que trazem à minha vida com seu carinho e alegria.

A toda a minha família, aos meus sobrinhos, Juliana, Daniella, Daniel, Isabelle, Danielle, Ricardo, Melissa e João Gabriel, à minha irmã de coração Nádia e minhas cunhadas Márcia e Tatiana, que estiveram sempre presentes, apoiando-me nas conquistas diárias, incentivando-me a batalhar para alcançar meus ideais.

Aos egressos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, em particular aos técnicos em enfermagem participantes deste estudo, que possibilitaram a sua realização, com quem tenho aprendido permanentemente no processo de construção do conhecimento.

Às instituições de saúde e aos gerentes de enfermagem pela disponibilidade, seriedade e contribuição na realização deste estudo, falando-me de suas percepções sobre o objeto deste estudo, com bom grado e respeito às atividades de pesquisa.

Às amigas e aos amigos: Jussara, Núbia, Jailma e Marcílio, Acácia e Micussi, Meine e Nildo, Jacqueline e Adriano, Agslene e Zé Martins, Edna e Marlídio, Nevinha e Marcondes, agradeço por vocês estarem sempre presentes na minha vida com seu carinho, compreensão, respeito, tolerância, equilíbrio, cuidado e por estarem comigo nas horas felizes e também nos momentos difíceis, mas sempre trazendo-me alegria.

Às amigas e amigos que de bem perto ou mais distantes acompanham minha trajetória e me apoiam, acreditam na minha capacidade e almejam de coração o meu sucesso e paz, externo meus agradecimentos.

À professora Ângela Maria Paiva Cruz, Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e às Pró-Reitoras Edna Maria da Silva e Mirian Dantas dos Santos, pelo empenho para tornar possível a realização do DINTER entre a UFSC e a UFRN, integrando docentes da Escola de

Enfermagem de Natal, do Departamento de Enfermagem e da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi – FACISA.

À Gilvania Magda Luz de Aquino, diretora em exercício da Escola de Enfermagem de Natal/UFRN, pela amizade, estímulo, apoio incondicional na realização do Dinter, do estágio em Florianópolis e contribuição na realização deste trabalho.

Às amigas professoras da Escola de Enfermagem de Natal da UFRN, cujo apoio foi essencial para o desenvolvimento deste estudo. De modo particular à Cleide Gomes, Francisca Idanésia e Ana Flávia, pelo cuidado carinhoso, força, estímulo e ajuda constante. Aprendo muito com vocês, todos os dias. A vocês minha gratidão.

Aos funcionários da Escola de Enfermagem de Natal/UFRN, pela atenção e as mais diferentes formas de ajuda, em particular a Leandro, Isabela, Anna, Ari, Alice, Antônio, Micheline, Zefinha e Maristela, pelo seu carinho.

À professora Rosalba Pessoa de Souza Timoteo, pela atenção, sensibilidade e contribuições valiosas; sempre presente na minha trajetória profissional e pessoal.

À Jacileide Guimarães, pelo carinho, sabedoria, estímulo e contribuições em momentos de reflexão e aprendizagem na realização deste doutorado.

À professora Vânia Marli Schubert Backes, pelas importantes contribuições e sugestões que permitiram o aprimoramento deste trabalho, pelo apoio, compreensão e confiança durante o meu processo de formação no doutorado.

Agradeço de modo especial à minha orientadora, professora Kenya Schmidt Reibnitz, pelo acolhimento carinhoso, por todos os ensinamentos, pela seriedade e respeito, companheirismo e compreensão, dedicação e amizade em todos os momentos. Minha gratidão por compartilhar e proporcionar saberes e experiências, e por participar deste momento tão especial em minha vida.

À Coordenação do Dinter, em especial às professoras coordenadoras Jovanka Bittencourt, Francis Tourinho, Vânia Backes e Flávia Ramos, pelo estímulo, dedicação e trabalho junto aos discentes e aos docentes para concretização do doutorado. Obrigada por ajudarem na realização deste projeto.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC) e aos

professores e funcionários do programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, pelas contribuições no processo de formação, oportunizando um aprendizado de qualidade, especialmente durante o estágio doutoral desta turma, na modalidade Dinter.

Aos colegas e professores do Grupo de Pesquisa Educação em Enfermagem e Saúde – EDEN/PEN/UFSC, agradeço o acolhimento, o carinho, a disposição em compartilhar conhecimentos e experiências. Muito obrigada pelas contribuições para construção deste trabalho.

As amigas do doutorado Cláudia Rubin, Lúcia Macedo, Sheila Saint-Clair, Lauriana Medeiros, Simone Pedrosa, Luciane e Elisângela, agradeço a vocês por toda a confiança, tolerância, respeito, força, companheirismo, pelos momentos de reflexão, aprendizagem, estímulo, convivência prazerosa e alegre. Obrigada por vocês terem feito parte da minha vida nesta caminhada. Sejam felizes!

A todas as colegas de turma do Dinter, pelo convívio, amizade, companheirismo, solidariedade e pelos momentos de aprendizagem compartilhados.

Aos bolsistas Augusto, Daisianny, Thaís e Dayany, pela atenção e trabalho efetuado nas transcrições das entrevistas. A Sonia Argollo pela correção do português, e à bibliotecária Fernanda Medeiros pela normalização.

Aos membros da Banca Examinadora, profissionais pelos quais eu tenho profunda admiração, respeito e carinho. Agradeço por aceitarem participar da minha defesa de tese e contribuírem com o meu processo de formação.

Agradeço finalmente a todas as pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente, se envolveram e contribuíram para a consecução deste trabalho que se transforma de sonho em realidade. A todos os meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

SILVA, Edilene Rodrigues da. **O egresso do curso técnico em enfermagem**: formação profissional e a inserção no mundo do trabalho. 2015. 221 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que atuava no Sistema Único de Saúde a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. No aporte teórico utilizaram-se elementos conceituais de Freire, estudos sobre a educação em enfermagem, a educação profissional e o mundo do trabalho em saúde, fontes documentais que regulamentam a Educação Brasileira. Pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso naturalístico. Participaram do estudo 20 Técnicos em Enfermagem e seis gerentes de enfermagem. A coleta das informações ocorreu no período de julho a setembro de 2014, por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise das informações ocorreu nas várias fases do estudo, utilizando a análise de conteúdo do tipo temática. Os resultados foram organizados em categorias temáticas. A temática intitulada de “Caracterização sociodemográfica dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal” buscou caracterizar o perfil dos egressos do curso técnico em enfermagem inseridos no Sistema Único de Saúde. Os egressos, na maioria, eram mulheres jovens com inserção no mercado de trabalho, especialmente no serviço público. Desenvolviam suas atividades em unidades hospitalares, maternidades, unidades de saúde e como docentes. A segunda temática, “Formação profissional de Técnicos em Enfermagem e inserção no mundo do trabalho”, revelou os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a inserção do egresso no mundo do trabalho e a aplicabilidade do perfil apreendido no curso técnico em enfermagem de uma escola pública. Os egressos construíram durante o seu processo de formação competências e habilidades que constituíram um perfil profissional para se inserir e atuar no mundo do trabalho. Caracterizaram o trabalho do técnico em enfermagem como árduo, devido à carga de trabalho, absenteísmo, salários defasados, acúmulo de escalas, adoecimentos causado pelo trabalho. A terceira temática trata do “Perfil profissional apreendido pelo egresso do curso técnico em enfermagem”,

que emergiu visando conhecer como o egresso deste curso apreendeu o perfil profissional durante o processo de formação e como os gerentes de enfermagem observaram esta formação na atuação profissional deste egresso. A aprendizagem é apresentada através das temáticas: Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem; Características essenciais ao trabalhador da enfermagem; Comportamento ético e postura profissional; O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem; Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos. O estudo mostrou que conhecimentos adquiridos pelos egressos possibilitaram construir o perfil profissional de técnico em enfermagem e inserir-se no mundo do trabalho. O resultado sustenta a tese de que o perfil do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola Enfermagem de Natal corresponde a um perfil profissional com competências e habilidades da profissionalização em enfermagem para o atendimento das necessidades do Sistema Único de Saúde. Traz contribuições para novas reflexões sobre a atualização contínua do processo de formação do técnico em enfermagem desenvolvido nesta Escola e, também, para outras instituições de ensino e a pesquisadores da temática, na busca de uma formação profissional em nível técnico de qualidade.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem. Educação Técnica em Enfermagem. Estudante de Enfermagem. Força de Trabalho.

SILVA, Edilene Rodrigues da. **The egress of the nursing technician course:** professional formation and the insertion in the labor world. 2015. 221 p. Thesis (PhD in Nursing) – Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ABSTRACT

The present study had as general goal to know the profile of the egress of the nursing technician course of the Escola de Enfermagem de Natal which acted in the Sistema Único de Saúde from the implementation of Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. For the theoretical basis were used conceptual elements of Freire, studies about the education in nursing, the professional education and the labor world in health, documental sources which regulate the Brazilian Education. Research qualitative, of case study naturalistic type. The study included 20 Nursing Technicians and six nursing managers. The collection of informations took place between July and September of 2014, gathered through semi-structured interviews. The analysis of informations occurred in the various phases of study, using the content analysis of the thematic type. The results were organized into thematic categories. The thematic entitled “Sociodemographic characterization of egress of the nursing technician course of Escola de Enfermagem de Natal” sought to characterize the profile of egress of the nursing technician course of Escola de Enfermagem de Natal of Universidade Federal do Rio Grande do Norte inserted in Sistema Único de Saúde in public and private natures institutions. The egress, in most, were young women with insertion into labor Market, especially in the public service. Developed its activities in hospital unities, maternities, basic and mixed health unities and as teachers. The second thematic, “Professional formation of nursing technicians and insertion into labor work”, revealed factors that facilitated and/or hampered the insertion of egress into the labor work and the applicability of the seized profile in the nursing technician course of a public school. The egress built during their process of formation skills and abilities that constitute a professional profile to insert themselves and act in the labor world. They characterize the work of the nursing technician as hard because of the workload, absenteeism, outdated wages, accumulation of scales, illnesses caused by work. The third thematic deals with “Professional profile seized by the egress of the

nursing technician course”, which emerge aiming to know how the egress of this course seized the professional profile during the formation process and how the nursing managers observed this formation in professional performance of this egress in the labor work. The learning is presented through the thematics: Interpersonal Relationship in the daily work of the Nursing Technician; Essential characteristics of the nursing workers; Ethical behavior and professional posture; The care in nursing and the performance of the nursing technician; Skills and abilities based on the techno-scientific knowledge. The study showed that theoretical and practical knowledge acquired by the egress during the course made possible to construct the professional profile of the technician in nursing and its entering in the labor world. The result supports the thesis that the profile of the egress of the nursing technical course of Escola de Enfermagem de Natal corresponds to a professional profile with skills and abilities of professionalization in nursing to meet the needs of the Sistema Único de Saúde. The research brings contributions to new reflections on the continuous updating of technical formation process in nursing developed at Escola and, also, for others educational institutions and researchers of the thematic, in search of a quality professional formation at a technical level.

Keywords: Education in Nursing. Technical Education in Nursing. Nursing. Workforce. Professional Profile. Egress.

SILVA, Edilene Rodrigues da. **El egresado del curso técnico en enfermería:** formación profesional y la inserción en el mundo laboral. 2015. 221 p. Tesis (Doctorado en Enfermería) – Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo general conocer el perfil del egresado del curso Técnico en Enfermería de la Escuela de Enfermería de Natal que actuaba en el Sistema Único de Salud desde la implementación de las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación Profesional de Nivel Técnico. Para el aporte teórico se ha utilizado elementos conceptuales de Freire, estudios sobre la educación en enfermería, la educación profesional y el mundo del trabajo en salud, fuentes documentales que reglamentan la Educación Brasileña. Investigación cualitativa, del tipo estudio de caso *naturalístico*. Participaron del estudio 20 Técnicos en Enfermería y seis gerentes de enfermería. La recopilación de datos se ha desarrollado en el período de julio a septiembre del 2014, recolección hecha por medio de entrevistas semiestructuradas. El análisis de las informaciones ocurrió en varias fases de la investigación, se ha utilizado el análisis del contenido de forma temática. Los resultados fueron organizados en categorías temáticas. La temática bajo el título de “Caracterización sociodemográfica de los egresados del curso técnico en enfermería de la Escuela de Enfermería de Natal” ha buscado caracterizar el perfil de los egresados del curso técnico en enfermería de la Escuela de Enfermería de Natal de la Universidad Federal del Río Grande del Norte inseridos en el Sistema Único de Salud en instituciones de naturaleza pública y privada. Estos egresados, en su mayoría, eran mujeres jóvenes con inserción en el mercado laboral, especialmente en el trabajo público. Desarrollaron sus actividades en unidades hospitalarias, maternidades, unidades básicas y mixtas de salud y también como docentes. La segunda temática, “Formación profesional de Técnicos en Enfermería e inserción en el mundo laboral”, ha señalado los factores que han facilitado y/o han dificultado la inserción del egresado del curso en el mundo laboral y la aplicabilidad del perfil aprehendido en el curso técnico en enfermería de una escuela pública. Estos egresados han construido durante su proceso de formación competencias y habilidades que constituyeron un perfil profesional que les proporcionó su inserción y actuación en el mundo del

trabajo. Lo caracterizaron el trabajo del técnico en enfermería como arduo, debido a su carga de trabajo, absentismo, descompases en los sueldos, acúmulo de jornada profesional, enfermedades a causa de la labor del trabajo. La tercera temática trata del “Perfil profesional aprehendido por el egresado del curso técnico en enfermería”, que ha emergido con el intento de conocer cómo el egresado de este curso aprehendió el perfil profesional durante su proceso de formación y como los gerentes de enfermería observaron esta formación en la actuación profesional de este egresado en el mundo laboral. El aprendizaje es presentada a través de las temáticas: Relacionamiento Interpersonal en el cotidiano del trabajo del Técnico en Enfermería; Características esenciales del profesional de enfermería; Comportamiento ético y postura profesional; El cuidar en enfermería y la actuación del técnico en enfermería; Competencias y habilidades fundamentadas en los conocimientos técnico-científicos. El estudio demuestra que los conocimientos teóricos y prácticos adquiridos por los egresados durante el curso posibilitan construir el perfil profesional del técnico en enfermería y su inserción en el mundo laboral. El resultado sostiene la tesis de que el perfil del egresado del curso técnico en enfermería de la Escuela de Enfermería de la ciudad de Natal corresponde a un perfil profesional con competencias y habilidades de la profesionalización en enfermería para el atendimento de las necesidades del Sistema Único de Salud. La investigación trae contribuciones para nuevas reflexiones sobre la actualización continuada del proceso de formación del técnico en enfermería desarrollado en la Escuela de Enfermería de Natal y, también, para otras instituciones de enseñanza y a investigadores de la temática, en búsqueda de una formación profesional en nivel técnico de cualidad.

Palabras clave: Educación en Enfermería. Educación Técnica en Enfermería. Enfermería. Fuerza de Trabajo. Perfil Profesional. Egresado.

*Tua palavra, tua história
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar
Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim
E o fim é belo incerto... depende de você vê
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só
O Teatro Mágico – O Anjo Mais Velho*

LISTAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa com distribuição dos distritos sanitário da cidade de Natal/RN, em 2007.....	87
Figura 2 –	Tela do ATLAS.ti apresentando a entrevista transcrita e os códigos, 2014.....	91
Figura 3 –	Demonstrativo dos resultados da análise apresentando os temas e subtemas, objetivos e título dos manuscritos.....	93

MANUSCRITO I

Tabela 1 –	Distribuição de acordo com o ano, os concluintes por turma, o número de egressos localizados nos serviços de saúde e os participantes do estudo - Natal – 2014.....	103
Gráfico 1 –	Distribuição dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, segundo a faixa etária - Natal – 2014.....	104
Gráfico 2 –	Distribuição dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, segundo situação de escolaridade - Natal – 2014.....	105

LISTA DE SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ATLAS.ti	<i>Software</i> de análise de dados qualitativos
CEB	Câmara de Educação Básica
CNCT	Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNI	Confederação Nacional das Indústrias
CNRH	Conferência Nacional de Recursos Humanos
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CTE	Curso Técnico em Enfermagem
D. O.U.	Diário Oficial da União
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEP	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEN	Escola de Enfermagem de Natal
LDB	Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
NOB/RH	Norma Operacional Básica de Recursos Humanos para o SUS
PROFAE	Projeto de profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem
PROFAPS	Programa de Formação de Profissionais de Nível Médio para a Saúde
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SEC / RN	Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SUS	Sistema Único de Saúde
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	25
2	ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO BRASIL.....	35
2.1	Educação Profissional Brasileira.....	35
2.2	Educação Profissional em Nível Técnico em Enfermagem.....	42
3	MARCOS LEGAIS ORIENTADORES.....	53
3.1	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.....	54
3.1.1	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.....	56
3.1.2	Sistema Único de Saúde e a formação de trabalhadores de nível técnico.....	57
4	MARCO CONCEITUAL.....	61
4.1	Breve histórico da vida de Paulo Freire.....	61
4.2	Os princípios de Paulo Freire fundamentando o estudo.....	64
5	ESCOLHA METODOLÓGICA.....	77
5.1	Traçando a trajetória metodológica do estudo.....	79
5.1.1	Participantes da Pesquisa.....	85
5.1.2	Coleta das informações.....	87
5.1.3	Análise das informações.....	89
5.1.4	Aspectos éticos da pesquisa.....	94
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	95
6.1	Manuscrito I: caracterização sociodemográfica dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN.....	96
6.2	Manuscrito II: Formação profissional de técnicos em enfermagem e inserção no mundo do trabalho....	114
6.3	Manuscrito III: Perfil profissional apreendido pelo egresso do curso técnico em enfermagem.....	145
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	183
	REFERÊNCIAS.....	191
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO EGRESSO.....	203

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GERENTE DE ENFERMAGEM/ENFERMEIRO..	205
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO	207
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	209
APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	211
ANEXO A – FAC-SÍMILE DO CURRÍCULO MÍNIMO DE ENFERMAGEM – ANEXO DO PARECER Nº 45/1972, APROVADO EM 12 DE JANEIRO DE 1972.....	215
ANEXO B – CURRÍCULO DO CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM (2013) – ESCOLA DE ENFERMAGEM DE NATAL/UFRN.....	217
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	219

1 INTRODUÇÃO

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

Paulo Freire

A sociedade brasileira vem vivenciando nos últimos anos um projeto de desenvolvimento econômico e social que gera consequências e novas demandas para a educação. A formação do trabalhador, que também é definida pela relação econômico-corporativa da sociedade, vê-se, pois, estruturada em função da necessidade do capital (PEREIRA; RAMOS, 2006) e apresenta-se como uma das unidades estratégicas para o projeto de desenvolvimento do Brasil.

Educação e trabalho são temas que precisam manter uma articulação visando acompanhar o desenho das políticas públicas, marcado pela reestruturação produtiva, nas diversas esferas de governo. Nesse sentido, o trabalhador, para ingressar e manter-se no mundo do trabalho, necessita de uma formação profissional que valorize sua força de trabalho.

O trabalho em saúde é uma prática social, que atende às necessidades da vida humana, individuais ou coletivas, caracterizando-se, assim, como uma atividade essencial. Por conseguinte, a formação profissional dos trabalhadores na saúde também está sujeita às mudanças socioeconômicas do capitalismo e é organizada, segundo Pereira e Ramos (2006, p. 14), pelas “concepções de saúde, de sociedade e de sentido sobre a relação entre educação e trabalho”.

De acordo com esse entendimento, Reibnitz e Prado (2006, p. 171) caracterizam a formação profissional como “determinada histórica, política e economicamente”, onde destacam-se alguns fatores, tais como as políticas governamentais.

Assim sendo, observam-se mudanças nos processos de trabalho em saúde decorrentes da modernização científica e tecnológica e das novas formas de organização do trabalho, frente ao desenvolvimento de

modelos de atenção voltados à saúde para a qualidade de vida. Em meio ao atual cenário, vêm ocorrendo reformas que buscam o atendimento às novas necessidades, tornando-se imprescindível uma formação dos trabalhadores voltados ao atendimento desse setor na contemporaneidade.

Para a educação em enfermagem tem sido um desafio acompanhar estas transformações. Por um lado, busca-se atender aos requisitos técnicos exigidos à força de trabalho, e, por outro, há o compromisso ético em formar profissionais com visão crítica, com conhecimento e capacidade de pensar e agir politicamente.

Nesse contexto, a educação profissional ganha importância tendo em vista a sua marcante presença na política da educação brasileira, bem como a sua contínua ligação e, por vezes, sua sujeição à dinâmica do mercado de trabalho, o que, via de regra, norteia a qualificação dos profissionais para atender à necessidade dos seus postos de trabalho.

Torres (2001) ressalta que a educação profissional de nível técnico em enfermagem deve formar profissionais com competências e habilidades para compreenderem a prática de enfermagem e a dinâmica de sua inserção no mundo do trabalho, fato que leva Silva (2001) a acrescentar que é preciso romper com os padrões mecanicistas, favorecendo a formação do cidadão e preparando-o para a vida. Além disso, Ferreira (1999) propõe repensar a formação desses profissionais, a sua importância para a sociedade e para o trabalho em saúde/enfermagem, bem como o seu comprometimento com o direito à saúde, à cidadania e à prática de saúde mais criativa, mais humana, mais equânime e democrática.

Percebe-se, desse modo, que até os anos de 1990, a formação dos profissionais de nível médio era fundamentada no modelo mecanicista, priorizando a saúde individual, hospitalocêntrica. Durante anos, prepararam-se profissionais capacitando-os tecnicamente para desenvolver atividades determinadas, o que consistia em motivo de preocupação, visto que tal formação buscava prioritariamente atender às exigências do mercado e à legislação que regulamentava o exercício profissional.

Nos anos seguintes, educadores, enfermeiros, estudantes, participando ativamente de discussões sobre políticas de saúde e educação, em fóruns como Conferências Nacional e Estaduais de Saúde, Congresso Brasileiro de Enfermagem, Seminário Nacional de Educação em Enfermagem, Fóruns Nacional e Estaduais de Escolas de Enfermagem, iniciaram estudos para formulação de uma nova proposta

curricular que viesse atender às necessidades de mudanças nos projetos político-pedagógicos dos cursos de enfermagem.

Assim, as Escolas de Saúde e Enfermagem passaram por reestruturação, impulsionando as discussões para construção de novo perfil profissional, o que demandou a revisão do plano de curso e a transição para a nova proposta de ensino orientada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, nº 9.394/1996, regulamentada pelo Decreto nº 2.208/1997, o qual recebeu crítica da sociedade, sendo substituído Dec. nº 5154/2004 e posteriormente incorporado à LDB pela Lei 11.741/08, promovendo alterações importantes, principalmente nos itens que tratam da educação profissional e tecnológica. Nesta modalidade de ensino os cursos são organizados em eixos tecnológicos, podendo ser ofertados na forma de: formação inicial e continuada ou qualificação profissional; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação (BRASIL, 1996, 1997, 2004, 2008).

Na última década os cursos técnicos em enfermagem vêm qualificando trabalhadores de enfermagem em técnicos de nível médio, orientados pelos documentos: *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* e *Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico*. Este último ressalta que o trabalhador da área da saúde “precisa ser capaz de identificar situações novas, de auto organizar-se, de tomar decisões, de interferir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe multiprofissional e, finalmente, de resolver problemas que mudam constantemente” (BRASIL, 2000, p. 14).

O perfil profissional de conclusão do técnico em enfermagem, delimitado pela Lei do Exercício Profissional, Lei Federal nº 7.498/86, e pelo Decreto nº 94.466/87, refere que, sob supervisão do enfermeiro, aquele profissional deve exercer cuidados de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação, obedecendo aos níveis de conhecimento e complexidade de ações que lhe são designados, referenciados nas necessidades de saúde individuais e coletivas e determinadas pelo processo saúde-doença (ABEN, 2000; BRASIL, 1986, 1987).

Assim, as exigências educacionais demandadas pelo mundo do trabalho aos profissionais de nível técnico em enfermagem pautam-se em uma formação ampla, constituída por competências que lhes permitem acompanhar as transformações da área.

Estudo de Silva (2008) chama a atenção que, desde 1994, o Relatório Final da II Conferência Nacional de Recursos Humanos (CNRH) para a saúde e documentos oficiais descrevem que a qualificação dos trabalhadores da saúde é insuficiente ou o perfil de formação é inadequado para a área de saúde, refletindo na qualidade das ações desenvolvidas por estes profissionais e conseqüentemente na integralidade do sistema e de suas práticas.

Assim, a adequação do perfil profissional, segundo Christóforo, Melo e Gussi (2003), é de extrema importância devido às necessidades de saúde da população, o que foi tema de constantes reflexões na enfermagem. As autoras chamam ainda a atenção para não se dissociar o referido tema de uma questão mais ampla, que é a adequação de recursos humanos na área de saúde, fato que vem preocupando a comunidade em geral no que se refere à formação de pessoal para o setor de saúde.

Tal perfil profissional implica na concepção de educação como missão de formar o cidadão para a vida, cabendo aos educadores respeitar os saberes dos educandos, aproveitar saberes socialmente construídos, reconstruir saberes cristalizados, inserir suas experiências na organização do processo de aprendizagem, valorizar suas descobertas e esforço pessoal, e, principalmente, conhecer as características individuais de cada um (FREIRE, 2004; BONFIM, 2000).

Dessa forma, a educação acontece nas relações do homem com o cotidiano, com o mundo, e “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2000, p. 78).

Vários trabalhos fazem reflexões sobre a prática do enfermeiro, como também sobre o seu cotidiano de trabalho. Entretanto, são escassos os estudos que têm como foco a atuação e ou a formação e o perfil profissional dos trabalhadores técnicos em nível médio da enfermagem, bem como os que constataam a apreensão desse novo perfil profissional pelo egresso do curso, em seu cotidiano de trabalho, o que gera nas escolas e cursos uma ausência de informação, acerca da qualidade de seu processo pedagógico de formação.

O estudo de egressos de cursos de enfermagem é uma forma de conhecer o seu processo de inserção no mundo do trabalho e a sua atuação profissional. Este tipo de estudo compreende que:

O espaço, onde se dão as relações sociais e econômicas, em que as instituições de ensino e seu

corpo social estão inseridos é dinâmico e se constitui num locus de constantes transformações, o que aponta diversos desafios ao processo educacional. São necessárias estratégias para que as instituições de ensino tenham condições de acompanhar estas transformações, na perspectiva de uma avaliação contínua da formação profissional ofertada, dos seus currículos, do perfil profissional dos egressos e a exigência, cada vez mais crescente, de uma formação profissional continuada (BRASIL, [2013?]).

Por conseguinte, acham-se pertinentes e necessárias as reflexões acerca do modo como o egresso do curso técnico em enfermagem apreende o seu perfil profissional e sua aplicação no dia a dia de seu trabalho nos serviços de saúde, a partir do olhar dos próprios Técnicos em Enfermagem, por entender que este profissional poderá contribuir com a efetiva proposta de mudança no sistema de saúde e com a educação profissional brasileira.

Por outro lado, ao participar ativamente da vida de uma escola pública federal na qualidade de educadora, observei que, nos últimos anos, tem ocorrido uma alteração no perfil dos alunos, que buscam o curso técnico em enfermagem; um aumento na empregabilidade dos egressos desse curso; o reconhecimento da comunidade em geral e dos gerentes de serviços de saúde, como trabalhadores competentes; a motivação encontrada nos formandos em dar prosseguimento aos estudos; a avaliação quanto à qualidade e metodologia de ensino como facilitadores do processo de aprendizagem.

Além disso, nos resultados obtidos em minha dissertação de mestrado, intitulada: *O cidadão técnico em enfermagem: analisando as mudanças na sua profissionalização*, evidenciam-se nas palavras dos egressos a mudança ocorrida na vida dos alunos do Projeto de profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) da Escola de Enfermagem de Natal (EEN), tendo em vista a ampliação dos conhecimentos durante o curso, a segurança e consciência para desenvolver suas atividades, contribuindo para a melhoria da qualidade do cuidado prestado à população. Ressaltam também a importância da utilização de metodologias inovadoras no processo de aprendizagem (SILVA, 2003).

Surgiu, portanto, a motivação para realizar um estudo sobre o perfil profissional do egresso do curso técnico em enfermagem, gerada a partir do meu cotidiano, como docente da EEN da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tema que vem sendo discutido, neste espaço, juntamente com outros colegas e alunos do curso técnico e pós-técnico em enfermagem.

A Escola de Enfermagem de Natal, integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, órgão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vem participando, ao longo de sua trajetória histórica, da profissionalização de trabalhadores, oferecendo cursos técnico e tecnológico na área da saúde. Concebe como eixos norteadores a formação integral, princípios éticos, políticos e humanísticos, com uma concepção de saúde como direito do cidadão. Tem qualificado e capacitado jovens e adultos com conhecimentos e competências que lhes assegurem oportunidades de inserção no mundo do trabalho, utilizando metodologias e estratégias próprias e adequadas para uma formação de qualidade.

O curso técnico em enfermagem da EEN define o seguinte perfil profissional de conclusão do técnico em enfermagem como:

Profissional da área de saúde, de nível técnico, integrante da equipe de Saúde / Enfermagem, com exercício regido por Lei do Exercício Profissional de Enfermagem, Lei Federal nº 7.498/86 e do Decreto nº 94.466/87, que desenvolve, sob supervisão do enfermeiro, cuidados de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação, obedecendo aos níveis menor e médio de conhecimento e complexidade de ações, referenciadas nas necessidades de saúde individuais e coletivas, determinadas pelo processo saúde-doença (UFRN, 2009, p. 8).

Ao definir o perfil no plano de curso, constam como condições essenciais a esses egressos:

Apresentar bom relacionamento interpessoal, senso crítico-reflexivo e autocrítico, iniciativa, flexibilidade, senso de observação, capacidade de autogestão, abstração e raciocínio lógico; Aplicar

as habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos, éticos, políticos e educativos, e de organização do processo de trabalho que contribuem para o alcance da qualidade do cuidar em enfermagem, buscando transformar a realidade social na qual está inserido; Desempenhar atividades profissionais com responsabilidade, justiça e competência, considerando os princípios básicos de universalidade, equidade e integralidade da assistência à saúde. Para atender às exigências educacionais demandadas pelo mundo do trabalho, os profissionais de nível técnico em enfermagem deverão receber formação ampla, constituída por competências gerais e específicas que lhes permitam acompanhar as transformações da área (UFRN, 2009, p. 8).

Partindo do princípio de que o aluno, para obter o seu certificado de conclusão do curso, deve estar apto ao exercício e conseqüentemente ter apreendido o perfil profissional definido, questionamos: *Como o curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte favoreceu a apreensão do Perfil Profissional proposto pela Escola ao egresso deste curso? O perfil profissional do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte atende às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico e corresponde à necessidade do mundo do trabalho?*

Ao realizar o presente estudo foi utilizada a metodologia de Estudo de Caso, em uma abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio da entrevista aos egressos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal e dos enfermeiros gerentes de enfermagem de serviços de saúde do Município de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Recorremos também às informações contidas em documentos, como leis, decretos, portarias, projeto político, plano de curso, escalas de trabalho, e livros de atas, documentos que contribuíram com a pesquisa.

O presente estudo reveste-se de importância visto que permitiu conhecer o modo como o perfil profissional trabalhado na formação do

técnico em enfermagem é exercido no trabalho diário desse profissional. Espera-se apresentar contribuição para o processo de profissionalização dos trabalhadores da enfermagem, colaborando com a construção permanente do currículo, elevando a qualidade da formação profissional e consequentemente do Sistema Único de Saúde (SUS).

Reitera-se assim a relevância do tema, por entendermos a importância da educação profissional, que reflete na formação do técnico em enfermagem, e consequentemente possibilita desenvolver o cuidado de saúde e enfermagem com qualidade, de forma mais humana, em respeito ao direito do cliente/cidadão, com o propósito maior de elevar o nível de qualidade dos serviços de saúde, consolidando, dessa forma, os princípios norteadores do SUS.

Mediante a importância que a educação profissional e tecnológica representa para o mundo do trabalho em saúde, em especial para a enfermagem, apresentamos a *tese* de que *o perfil profissional do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola Enfermagem de Natal corresponde ao perfil profissional do plano de curso com competências e habilidades da profissionalização em enfermagem para o atendimento das necessidades do Sistema Único de Saúde.*

Para responder as questões relacionadas anteriormente, definiram-se os seguintes objetivos de pesquisa:

Objetivo Geral:

- Conhecer o perfil profissional do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que atua no Sistema Único de Saúde, a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

Objetivos Específicos:

- Caracterizar o perfil sociodemográfico do egresso do curso técnico em enfermagem.
- Conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem apreendeu o perfil profissional.

- Identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a aplicabilidade do perfil proposto pela Escola no trabalho do técnico em enfermagem.

Esta Tese encontra-se organizada em sete capítulos que estão assim dispostos:

O primeiro capítulo – INTRODUÇÃO – apresenta, em linhas gerais, o tema da pesquisa, de caráter introdutório, contextualizando a educação profissional no Brasil, particularmente na saúde/enfermagem, bem como a formação, o perfil profissional dos trabalhadores técnicos em nível médio da enfermagem e a inserção no mundo do trabalho em saúde. Trata, ainda, da motivação, dos questionamentos de pesquisa, dos objetivos do estudo e da formulação da tese.

O segundo capítulo – ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO BRASIL – desenha a trajetória histórica da Educação Profissional e do Ensino Técnico em Enfermagem no Brasil, contextualizando a problemática do estudo, em dois subitens: Educação Profissional Brasileira e Educação Profissional em Nível Técnico em Enfermagem.

O terceiro capítulo – SUPORTE TEÓRICO – expõe instrumentos normativos e de orientação técnica, como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Brasil, o Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, bem como os atos legais que regulamentam o Sistema Único de Saúde, a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, que norteiam a formação dos trabalhadores técnicos em nível médio do SUS e fundamentam a sustentação teórica do estudo.

O quarto capítulo – MARCO CONCEITUAL – apresenta breve histórico da vida de Paulo Freire, bem como os princípios de Paulo Freire que vêm iluminar e fundamentar o presente estudo. As concepções e conceitos freirianos fundamentam teoricamente os achados da pesquisa, embasando as discussões a respeito das transformações que vivenciamos nas políticas econômicas, sociais e culturais, e consequentemente na educação e no mundo do trabalho.

O quinto capítulo – ESCOLHA METODOLÓGICA – consiste em descrever a trajetória metodológica do estudo, os participantes da

pesquisa, os instrumentos utilizados no percurso metodológico, no que tange à coleta, ao tratamento e à análise das informações, e os aspectos éticos da pesquisa, além da estrutura organizacional da tese.

No sexto capítulo – RESULTADOS E DISCUSSÃO –, o constructo da pesquisa apresenta os resultados das categorias temáticas definidas a partir dos significados encontrados na análise das informações. Atendendo à instrução normativa do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, os resultados são apresentados no formato de três manuscritos intitulados: Caracterização sociodemográfica dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal; Formação profissional de técnico em enfermagem e inserção no mundo do trabalho; Perfil profissional apreendido pelo egresso do curso técnico em enfermagem.

O sétimo e último capítulo – CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE – apresenta a partir dos achados e dos resultados as contribuições do estudo para a formação do profissional de enfermagem, bem como as facilidades e dificuldades do processo de formação e a inserção do trabalhador no mundo do trabalho.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO BRASIL

Somente um ser que é capaz de sair do seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.

Paulo Freire

Este capítulo objetiva mostrar a evolução histórica da Educação Profissional e do Ensino Técnico em Enfermagem no Brasil, contextualizando a problemática do estudo. Organizamos o texto em duas perspectivas: Educação Profissional Brasileira e Educação Profissional em Nível Técnico em Enfermagem.

2.1 Educação Profissional Brasileira

A educação profissional surge a partir de 1809, com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI, considerado como o marco de origem desta modalidade de formação. Ao longo de décadas, prosseguem iniciativas com característica não sistemática de ensino profissionalizante, visando atender “órfãos e desvalidos da sorte”, ou seja, a população pobre, assumindo, desde então, um caráter assistencialista, que tem marcado toda a história da educação profissional brasileira. (BRASIL, 1999a).

No início do século XX, durante o governo de Nilo Peçanha, o ensino profissional recebeu um grande estímulo, foram criadas, através Decreto n. 7.566/1909, 19 Escolas de Aprendizizes e Artífices, sendo este fato reconhecido por estudiosos como o marco inicial do ensino técnico profissionalizante no Brasil. Essas escolas destinavam-se aos *deserdados da fortuna*, bem como atendiam aos desafios da ordem econômica e política vigente no país (MANFREDI, 2002; PEREIRA; LIMA, 2009; BRASIL, 1999a).

O país ingressa na fase industrial, mediante as mudanças no modo de produção econômica do extrativismo agroexportador para o industrial, e constata-se a necessidade de mão de obra para atender ao novo modelo

que se instalava. Ensaia-se, então, a partir dos anos de 1930, a organização do ensino profissional através das primeiras regulamentações, conferindo uniformidade ao ensino desenvolvido nas escolas federais, estabelecendo um currículo de aprendizagem prática e o grau primário para os ingressantes no curso profissionalizante.

Nesse período surgem os cursos noturnos de aperfeiçoamento destinados aos que trabalhavam durante o dia, com o objetivo de melhorar seu desempenho no trabalho (GARCIA, 2013).

No período de 1930 a 1937, o país viveu um dos momentos de maior radicalização política de sua história, marcado por efervescência ideológica, rico na diversidade de projetos distintos para a sociedade brasileira e de uma nova política educacional para o país. Neste período histórico, especialmente no tocante à industrialização brasileira, ressaltase questão relacionada com o trabalho e a educação da população como problema fundamental. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2009)

Instala-se nesse período o Ministério da Educação e da Saúde Pública, órgão que passou a agregar as escolas de formação profissional. Posteriormente, com a Reforma Capanema, este ministério é renomeado para Ministério da Educação e da Saúde, mudando também a denominação de Escolas de Aprendizes e Artífices para Liceus (BRASIL, 1999a).

A Constituição de 1934 é a primeira a incluir um capítulo especial sobre a educação, em que consta, dentre outros itens, a educação como um direito de todos e dever do Estado, em colaboração com a família; trata da obrigatoriedade da escola primária integral; da gratuidade do ensino primário; e da assistência aos estudantes necessitados. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2009)

O Estado brasileiro, de acordo com a Constituição, passou a ter a atribuição de fixar um Plano Nacional de Educação e, também, pela primeira vez foi incluída a vinculação dos recursos públicos ao ensino, estabelecendo que a União e os municípios deveriam aplicar, na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos, nunca menos de 10%, e os Estados e o Distrito Federal, nunca menos de 20% do PIB (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2009).

Havia, então, uma total desarticulação entre o ensino profissional e a educação geral. Aos trabalhadores era destinada uma formação voltada para o treinamento/adestramento, objetivando atender às primeiras indústrias, que eram bastante elementares, com características de artesanato e manufatura, com poucas exigências (GARCIA, 2013).

A Constituição de 10 de novembro de 1937 foi a primeira a tratar a questão do ensino profissional, a qual previa a criação de instituições públicas de ensino de todos os graus, destinando o ensino pré-vocacional e profissional aos menos favorecidos e criando, então, as escolas de aprendizes por parte das indústrias e sindicatos, para os filhos de seus empregados e associados (BRASIL, 1999a). Relata Garcia que (2013, p. 7) “este fato marca o início da transferência de responsabilidades, isto é, o Estado passa para os empresários a responsabilidade de qualificação dos trabalhadores, situação que perdura até nossos dias”.

No contexto vivido pelo país nesse período, os responsáveis pelas indústrias, que solicitavam alternativas para qualificar trabalhadores de forma mais rápida, por falta de ação do governo na concretização e expansão do ensino secundário profissionalizante, criaram um sistema de ensino paralelo ao sistema oficial, o qual foi organizado em convênio com as indústrias, através da Confederação Nacional das Indústrias – CNI. Criou-se então o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, que seguia a política americana do pós-guerra, importando para o Brasil as ideias compreendidas na teoria do capital humano (GARCIA, 2013).

Sob a concepção da teoria do capital humano, formulada na década de 1950, a educação é concebida de forma reducionista, como explicação da ascensão e equidade social, aumento da renda do trabalhador e desenvolvimento econômico de um país. Nesse sentido, a educação é vista como principal capital humano resultante de um investimento, que permitiria conquistar habilidade e conhecimento, determinando aumento da produtividade e renda (FRIGOTTO, 2006).

A educação profissional, ao ser desenvolvida sobre tal lógica, “deixou de ser um recurso para recuperar os pobres, desvalidos e marginalizados – que aprendiam nos moldes das corporações de ofício – para ser o fornecedor de mão-de-obra qualificada necessária à expansão industrial” (BRASIL, 1999a, p. 32).

Na década de 1950 e início dos anos de 1960, segundo Frigotto (2010), esboçaram-se na sociedade brasileira movimentos que defendiam a reforma de base por uma sociedade menos submissa ao capital internacional e às oligarquias. Observa-se nesse período que

O espírito do desenvolvimentismo inverteu o papel do ensino público colocando a escola sob os desígnios diretos do mercado de trabalho. Daí a ênfase na proliferação de uma escola capaz de

formar mão-de-obra técnica, de nível médio, deixando a universidade para aqueles que tivessem ‘vocação intelectual’. Concretamente, os recursos financeiros entre 1957 e 1959 destinados ao ensino industrial foram quadruplicados. Enquanto isso, o país, em plena ultrapassagem da metade do século XX, manteve a metade de sua população sem o domínio dos conhecimentos básicos da leitura e da escrita. (GHIRALDELLI JÚNIOR., 2009, p. 131).

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 4.024 de 1961, concede equivalência plena entre o ensino profissional e o ensino acadêmico, podendo os egressos destas modalidades dar continuidade no Ensino Superior. Esse movimento contou com o apoio de vários segmentos da sociedade, porém, foi radicalmente interrompido pelo golpe militar de 1964 (BRASIL, 1961).

Durante os 21 anos de governo militar, iniciados em 1964, o país começa a mudar sua face com a industrialização, e o trabalhador é considerado como parte fundamental neste processo. O Brasil vivia o chamado “milagre econômico”, que demandava mão de obra qualificada para atender à expansão das atividades econômicas e direcionar os jovens mais rapidamente para o mundo do trabalho; no entanto nas entrelinhas dessas solicitações existia a intenção de diminuir a pressão por vagas nas universidades públicas em atendimento à divisão internacional do trabalho (BRASIL, 1999a).

De acordo com Kuenzer (2002), reitera-se a existência de dois caminhos diferenciados, para os que aprenderão a exercer sua função na escola (dirigentes de dois níveis – superior e médio) e no processo produtivo (trabalhadores que completam os poucos anos de escolaridade obtida com cursos profissionalizantes em instituições públicas ou privadas e com durações variáveis).

Nesse contexto é aprovada a Lei nº 5.692/71, instituindo a profissionalização generalizada e obrigatória no ensino de 2º grau, sendo modificada parcialmente em 1982 pela Lei nº 7.044, que termina com a obrigatoriedade da qualificação para o trabalho nesse nível de ensino, deixando restrita tal formação às instituições especializadas (BRASIL, 1999a; MANFREDI, 2002).

A Lei n. 5.692/71 reformulou o ensino primário e secundário. Estabeleceu compulsoriamente a profissionalização como finalidade

única para o ensino de 2º grau. Tal reforma tinha a pretensão de que os egressos deste ensino pudessem optar por continuar seus estudos em grau superior ou ingressar no mercado de trabalho imediatamente, já que possuiriam um diploma de técnico. Em decorrência desta lei, a educação profissional não mais se limitava a estabelecimentos de ensinos especializados, conseqüentemente, todas as escolas deveriam fazer adaptação dos seus currículos sem receber nenhum tipo de financiamento para o desenvolvimento dos cursos (BRASIL, 1999a; PEREIRA; LIMA, 2009).

A profissionalização obrigatória no ensino de 2º grau foi uma visão distorcida da evolução do capitalismo brasileiro, uma vez que os tecnocratas do regime militar acreditavam e implementavam o ensino profissionalizante obrigatório baseado na teoria do capital humano, sob a tese da educação como investimento. O Estado brasileiro entendia que poderia sair do subdesenvolvimento e atingir o capitalismo social se houvesse um investimento em recursos humanos (BRASIL, 1999a; KUENZER, 2002).

Nesse contexto, os cursos ofertados por imposição legal eram excessivamente acadêmicos e não preparavam para o exercício profissional esperado para atender às necessidades do mercado de trabalho, influenciando inclusive de forma negativa o setor econômico do país. Para os trabalhadores, segundo Ghiraldelli Júnior (2009), o ensino profissional no 2º grau foi danoso, por ter sido retirada do educando a oportunidade de estudos aprofundados para sua vida urbana, para o trabalho, para a cidadania e para uma melhor participação na vida sindical do país.

Nos anos de 1980, mantêm-se os graves problemas políticos, econômicos e sociais. Em face disso, ocorrem organizações de movimentos sociais e corporativos pela redemocratização da sociedade brasileira, na luta pela reabertura política, pelos direitos de cidadania, por políticas sociais mais abrangentes e pelo enfrentamento do modelo econômico. O resultado dessa mobilização popular forçou a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, em que a sociedade organizada participou ativamente, destacando-se os representantes das organizações educacionais e da saúde (PEREIRA, 2007; PEREIRA; LIMA, 2008).

Esse movimento revela a profunda crise pela qual passava o país, o que no setor saúde é visualizado pela ineficiência e ineficácia dos serviços prestados e pela insatisfação dos usuários desse sistema. Os

trabalhadores do setor organizam-se através de lutas por direitos trabalhistas, pelo direito à saúde, como direito de cidadania.

Surge, então, o Movimento da Reforma Sanitária, representando a organização da saúde, o qual defendia “os princípios do bem-estar social, como a universalização do direito, a equanimidade, a equidade, participação e controle popular às ações e políticas públicas; o dever do Estado em assegurar o direito do cidadão” (GERMANO; TIMOTEO, 2002, p. 3). Destas lutas, inicia-se a construção do Sistema Único de Saúde – SUS, que objetivava a reorganização das ações de saúde no país.

A educação caracterizava-se, então, pelos problemas crônicos gerados pela falta de garantia da universalização, gratuidade da escola pública, condições de trabalho, qualidade do ensino e distribuição das verbas públicas. Os movimentos populares e os educadores progressistas se organizavam através de discussões, debates, pesquisas, congressos, conferências, entre outros, com compromissos políticos e objetivos educacionais em torno de um projeto histórico-político para a sociedade.

A atual Constituição Federal, promulgada em 1988, contempla em linhas gerais o projeto histórico político da sociedade. Posteriormente, é aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, influenciada pelo modelo neoliberal, o qual procura diminuir a interferência do Estado na sociedade, deixando que as chamadas leis do mercado regulem as relações sociais. Para Severino (2007), a referida Lei é o resultado histórico possível frente ao jogo de forças e de interesses em conflito no contexto da conjuntura política da sociedade brasileira, nas décadas de 1980 e 1990.

A educação brasileira na atual LDB é estruturada em dois níveis – educação básica e educação superior – e “a educação profissional não integra nenhum dos referidos níveis, consolida-se a dualidade de forma bastante explícita. Dito de outra maneira, a educação profissional não faz parte da estrutura da educação regular brasileira”, mas passa a ser desenvolvida à parte do sistema de educação (BRASIL, 2007).

A reforma do ensino técnico se deu mediante o Decreto Federal nº 2.208/97, que instituiu o sistema nacional de educação profissional em paralelo ao sistema de educação. O decreto impôs um conjunto de reformas à educação profissional, dentre as quais a separação entre o ensino técnico e o médio, definindo, assim, a educação profissional como necessariamente paralela e complementar à educação básica (RAMOS, 2002).

Esse Decreto representa, segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a ampliação do dualismo exacerbação da fragmentação e regressão social e educacional, percebida particularmente nas diversas dimensões e especificamente devido à separação do nível médio regular de ensino da rede não regular de ensino técnico-profissional, com organização curricular específica e modular.

O Parecer CNE/CEBnº 16/99 afirma que o Decreto Federal n.º 2.208/97 estabelece uma organização curricular para a educação profissional de nível técnico de forma independente e articulada ao ensino médio, associando a formação técnica a uma sólida educação básica e apontando para a necessidade de definição clara de diretrizes curriculares, com o objetivo de adequá-las às tendências do mundo do trabalho (BRASIL, 1999a, 1997).

O nível técnico destina-se a habilitar profissionalmente os alunos matriculados ou egressos do ensino médio, tem organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico (DCNEP) são instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, através da Resolução CNE/CEB nº 04/99 e fundamentadas no Parecer CNE/CEB nº 16/99. As Diretrizes estabelecidas são mandatórias e assumem um caráter de conjunto articulado de princípios, critérios, definição de competências gerais do técnico por área profissional e procedimentos a serem observados pelos sistemas de ensino e pelas escolas na organização e no planejamento dos cursos de nível técnico (BRASIL, 1999a, 1999b).

O Ministério da Educação (MEC) publica no ano de 2000 os Referenciais Curriculares Nacionais, os quais contêm informações e indicações para a concepção de currículos nas diversas áreas profissionais de nível técnico. Estes auxiliam na elaboração de planos de cursos, especialmente na caracterização de seus respectivos processos de produção, competências, habilidades e bases tecnológicas nelas envolvidas ou para elas necessárias (BRASIL, 2000).

Em 23 de julho de 2004, o Decreto nº 5.154 revogou o Decreto n.º 2.208/97. Tal mudança legal resultou da significativa mobilização dos setores educacionais, da população brasileira, dos sindicatos e dos estudiosos da área de trabalho e educação, como forma de enfrentamento e luta em prol da educação brasileira, que se encontrava em um momento de profunda crise no ensino médio (BRASIL, 2004).

O referido Decreto altera o artigo 4º, parágrafo 1º, o qual diz que a educação profissional poderá ser desenvolvida de forma articulada com o ensino médio e de forma integrada, a quem já tenha concluído o ensino fundamental, ou concomitante, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio tradicional. Explicita, também, em seu artigo 3º, parágrafo 1º, o itinerário formativo como o conjunto de etapas que compõem a organização da educação profissional em uma determinada área, possibilitando o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos (BRASIL, 2004).

Com a publicação do referido Decreto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico foram atualizadas através do Parecer CNE/CEB n. 39/2004. Ressalta o relator do parecer que essas permaneceram plenamente compatíveis com o Decreto n. 5.154/2004 e, posteriormente, permitiram a incorporação de seu conteúdo à LDB pela Lei 11.741/08, promovendo alterações importantes principalmente nos itens que tratam da educação profissional e tecnológica (CIAVATTA; RAMOS, 2012; BRASIL, 2012a).

No primeiro semestre de 2010, iniciaram-se discussões a partir da minuta de Parecer e Resolução do CNE/CEB relativos a novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Trata-se de novas orientações para as instituições educacionais e sistemas de ensino, a partir das alterações definidas na LDB pela Lei nº 11.741/2008. Em 9 de maio de 2012 a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação aprovou por unanimidade as referidas diretrizes, afirmando que tal atualização justifica-se pelo motivo de ter havido “transformações no mundo do trabalho que se consolidaram, promovendo uma verdadeira mudança de eixo nas relações entre trabalho e educação” (BRASIL, 2008, 2012a).

A comunidade em geral aguarda a aprovação da resolução que regulamentará o referido parecer, o qual vem recebendo críticas de pesquisadores e estudiosos da área, no tocante à sua consistência teórica e por não oferecer aos docentes efetivas orientações pedagógicas.

2.2 Educação Profissional em Nível Técnico em Enfermagem

No século XIX, a formação dos trabalhadores de nível médio da área da saúde no Brasil era desenvolvida na qualidade de ensino de grau elementar, destinada aos desvalidos. Este ensino era realizado no próprio local de trabalho, sendo essencialmente um treinamento prático, para

qualificar as pessoas para o cuidado dos enfermos (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

Com o intuito de atender a necessidade dos hospitais civis e militares é criada a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras, ligada ao Hospital Nacional de alienados, no Rio de Janeiro, através do Ministério dos Negócios do Interior. Criada pelo Decreto Federal nº 791, de 27 de setembro de 1890, objetivando a qualificação de pessoal de enfermagem (GEOVANINI et al. 2002; DANTAS; AGUILLAR, 1999).

A escola profissional de enfermeiros e enfermeiras, denominada na atualidade Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro, foi criada para qualificar pessoal de enfermagem em conformidade com o modelo desenvolvido pelas Escolas de Salpêtrière, da França, que eram dirigidas por médicos. O curso de instrução elementar era desenvolvido através de um currículo curativista, focalizando a assistência hospitalar, com duração de dois anos, e as vagas eram ofertadas para ambos os sexos, sendo as aulas ministradas por médicos (GEOVANINI et al., 2002; PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Autores relatam que houve outras iniciativas de treinamento de pessoal de enfermagem. Ressaltamos ainda a qualificação dada pela escola prática de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, em colaboração com o movimento internacional de auxílio aos feridos de guerra, durante a primeira guerra mundial, em 1914, realizando, então, a preparação de voluntários para desenvolver as atividades de enfermagem (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

No começo do século XX, os brasileiros vivem um período de dificuldade incidindo epidemias que dizimavam a população, apresentando-se de forma mais acentuada nas cidades portuárias, prejudicando assim a economia agroexportadora, que prevalecia à época no país. Desde então, percebe-se a relação do trabalho com a educação e a saúde, pois com tal advento surge movimento voltado para a realização do saneamento e uma maior atenção voltada para a saúde pública. Devido à necessidade por pessoal de enfermagem no período, são criados a Escola de Enfermagem Anna Nery e o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP).

A Escola de Enfermagem Anna Nery (EAN), inicialmente denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), é organizada pela missão de cooperação técnica para o desenvolvimento da enfermagem no Brasil, patrocinada pela Fundação

Rockefeller, considerada marco na formação profissional de trabalhadores da saúde, e vem redirecionar o modelo de enfermagem brasileiro, passando a seguir o modelo de enfermagem concebido por Florence Nithtingale. Portanto, inicia-se a implantação da enfermagem moderna no país, sob a concepção da saúde pública (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011; PEREIRA, 2007; PEREIRA; RAMOS, 2006).

Primeira escola de enfermagem no país, a Escola de Enfermagem Anna Nery era dirigida por enfermeira e seu quadro de pessoal era também constituído em sua maioria por enfermeiras. O curso inicialmente tinha duração de dois anos e quatro meses, semanalmente as alunas realizavam 48 horas de atividades obrigatórias, porém, as instruções teóricas e os estudos não eram contabilizados nesta carga horária. Para candidatar-se ao curso era exigido: ter boa aparência, ser do sexo feminino, solteira ou legalmente separada, ter de 20 a 35 anos, ter cursado a escola normal ou equivalente, atestado médico de saúde e carta de referências constando as referências morais e intelectuais (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

A Escola de Enfermagem Anna Nery é reconhecida como escola padrão para o ensino da enfermagem, através do Decreto nº 20109, de 15 de junho de 1931. Esse ato institui que todas as escolas de enfermagem criadas no país a partir dessa data deveriam seguir o modelo de formação da EAN. O referido decreto regula pela primeira vez o ensino e a prática da enfermagem no Brasil (DANTAS; AGUILLAR, 1999; GERMANO, 1993; PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Nessa época, com o desenvolvimento da industrialização, percebeu-se uma mudança na medida em que as escolas passavam a ser encaradas como formadoras de técnicos capazes de exercer qualquer função na indústria, identificando-se como problema a relação entre trabalho e educação, pois nesse contexto o ensino profissional destinava-se aos menos favorecidos e filhos de operários.

A década de 1940 foi um período importante para a educação e saúde brasileiras, em especial para enfermagem. Nesse período o Ministério da Educação e Saúde Pública coordena a reforma dos ensinos secundário e universitário. O ensino da enfermagem recebe nova determinação com a publicação da Lei nº 775/49, de 6 de agosto de 1949, sendo regulamentada pelo Decreto nº 27.426/49, que reformou o currículo do curso de graduação em enfermagem, o qual passou a ter duração de 36 meses e a exigência do ensino secundário completo, criando também o

curso de auxiliar de enfermagem com duração de 18 meses, com caráter profissionalizante, focado na assistência curativa (GEOVANINI et al., 2002; DANTAS; AGUILLAR, 1999).

Desde os anos de 1930 vinha sendo discutida a possível formação de auxiliar de enfermagem, com intuito de atender a necessidade da saúde, por pessoal qualificado para realizar a assistência de enfermagem. Fato que se justificava pelo reduzido número de enfermeiras atuando, formadas desde a criação da Escola Anna Nery; tal formação era considerada de alto custo e durava longo tempo até a titulação da enfermeira. Surge, então, formalmente, a divisão do processo de trabalho da enfermagem no Brasil reforçada pelos níveis de ensino (CAVERNI, 2009; ALMEIDA; ROCHA, 1986; GEOVANINI et al., 2002).

O Decreto nº 27.426/49 define no art. 2º que “o curso de auxiliar de enfermagem tem como objetivo o adestramento de pessoal capaz de auxiliar o enfermeiro em suas atividades de assistência curativa”. O adestramento dos auxiliares de enfermagem era atividade exclusiva do enfermeiro. O curso era constituído pelas seguintes disciplinas: Introdução, Noções de ética, Corpo humano e seu funcionamento, Higiene em relação à saúde, Economia hospitalar, Alimento e seu preparo e Enfermagem elementar. Os alunos eram obrigados a cumprir 44 horas de atividade escolar por semana, incluídos os estágios (BRASIL, 1949).

O curso de enfermagem passou a ser de nível superior a partir da referida lei, pois segundo Almeida e Rocha,

[...] o ensino de enfermeiras no Brasil de 1949 a 1961 era de nível médio. Mesmo com a legislação, havia algumas escolas que já estavam integradas nas universidades, como o caso da Ana Néri, que em 1937 foi incluída na Universidade do Brasil como Instituto de Ensino Complementar, e em 1947 passou a ter na universidade lugar igual ao das demais unidades (ALMEIDA; ROCHA, 1986, p. 83).

O cenário da saúde brasileira continuava carente de pessoal de enfermagem para trabalhar na assistência ao doente, necessidade que estimulou a criação, em 1954, do curso regular de auxiliar de enfermagem volante; tais cursos poderiam ser realizados onde houvesse hospitais com estrutura mínima para formar o auxiliar de enfermagem em locais que não tivessem escola de enfermagem. Este ato viabilizou a criação de novas

escolas, elevando, conseqüentemente, o número de pessoal de enfermagem nos serviços de saúde (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

A publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024/61, definiu três níveis de ensino: primário, médio e superior; e determinou que o ensino médio fosse ministrado em dois ciclos: o ginásial e o colegial, abrangendo, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário. A nova lei altera os cursos de enfermagem, incluindo novas disciplinas e ampliando o tempo de duração; consta ainda da possibilidade da criação do curso técnico de enfermagem. Sendo o primeiro Curso Técnico de Enfermagem criado no país pela Escola de Enfermagem Anna Nery, autorizado pelo Parecer nº 171, de 11 de março de 1966 (CAVERNI, 2009).

A partir de 1970 o país passa por severas transformações sociais, políticas, econômicas e científicas. O Brasil encontrava-se em pleno regime militar, que adota diversas leis, entre as quais a Lei nº. 5.692/71, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus, reformando assim o ensino secundário, instituindo o ensino profissionalizante compulsório no 2º grau, adotando a qualificação para o trabalho. De acordo com a lei, os cursos de 2º grau poderiam formar técnicos, denominados de habilitação plena, e auxiliares, denominados de habilitação parcial, dependendo da carga horária definida no currículo (OGUISSO, 1977).

O Parecer nº 45/1972, da Câmara de Ensino de 1º e 2º do Conselho Federal de Educação, fixa o núcleo comum para os cursos e cria mais de 130 habilitações. Na Enfermagem é criado o curso técnico de enfermagem como habilitação plena, com carga horária de 2.760 horas, das quais 600 eram destinadas aos estágios (ANEXO A). E o curso de auxiliar de enfermagem, com carga horária de 2.200 horas, sendo 400 horas dedicadas aos estágios, como habilitação parcial.

Segundo Dantas e Aguillar (1999), o Parecer nº 3814/76 fixa os conteúdos mínimos para o curso de auxiliares de enfermagem. A Resolução CFE nº 7/77 instituiu as habilitações de técnico e de auxiliar de enfermagem no nível do ensino de 2º grau, permanecendo as cargas horárias mínimas dos cursos fixadas anteriormente. Como ambos os cursos eram em nível de 2º grau, foram especificadas as atividades do técnico e do auxiliar de enfermagem. E a Resolução nº 08/1977 do Conselho Federal de Educação autoriza a formação em caráter emergencial do auxiliar de enfermagem ao nível de 1º grau. Solução

paliativa encontrada para qualificar os trabalhadores de enfermagem na época, considerando as condições de educação geral do povo brasileiro e o elevado número de analfabetos (CAVERNI, 2009; DANTAS; AGUILLAR, 1999).

O cenário brasileiro do final da década de 1970 até os anos de 1990 segue em profunda crise, a saúde e educação são também atingidas pela crise econômica e social global, em meio à inovação tecnológica. Observa-se um aumento acentuado no número de escolas de nível médio e superior. Mas, a partir dos anos de 1980, os movimentos sociais marcam por luta de mudanças nas políticas de educação e saúde, na busca da construção de novos caminhos para a sociedade brasileira.

Com a promulgação da Lei nº. 5.905/73, foram criados os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem. A Lei nº. 7498/86, que havia sido aprovada, é regulamentada no ano seguinte pelo Decreto nº. 84.406/87. Este preconiza que a profissão é exercida privativamente pelo enfermeiro, técnico e auxiliar de enfermagem, e pela parteira, respeitando-se os respectivos graus de habilitação. Proíbe o exercício profissional dos atendentes de enfermagem e extingue a categoria profissional dos práticos em enfermagem (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Com a redemocratização brasileira, em 1988 é promulgada a atual Constituição Federal. A educação e a saúde passam por reformas. Na saúde ocorrem a construção e operacionalização do Sistema Único de Saúde, com a aprovação da Lei Orgânica de Saúde, Lei nº 8.080, 19 de setembro de 1990. Neste ínterim a educação segue sem alterações na sua organização, ocorrendo mudanças significativas em 1996, com a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases, LDB, nº 9.394/1996 (BRASIL, 1988, 1990, 1996).

Inicia-se a reforma da educação profissional brasileira, que passa a ser um sistema independente e complementar à educação básica. A reforma do ensino técnico se deu mediante o Decreto Presidencial nº 2.208/97, que institui o sistema nacional de educação profissional em paralelo ao sistema de educação, o qual foi substituído pelo Decreto nº 5154/04 e posteriormente incorporado à LDB pela Lei 11.741/08, promovendo alterações importantes para a educação profissional e tecnológica, que permanece em processo de expansão e construção permanente.

Mesmo com o modelo liberal vigente, os estudos de Reibnitz e Prado (2006, p. 82) apontam que

[...] há uma ênfase na qualificação profissional visando a atender ao mercado de trabalho, mas também há espaço para participação, para a definição de projeto político-pedagógico, que permitam a formação de um profissional crítico e criativo. Nota-se, no entanto, que há uma sintonia entre o que preconiza a legislação do ensino e o modelo econômico adotado no País.

Nesse sentido, é imprescindível que a política de educação profissional para a área de saúde/enfermagem venha a conceber a formação profissional e o aprender a fazer como processos interligados, em que o saber fazer na atualidade, em plena globalização econômica e da reconfiguração do mundo do trabalho, não pode mais ser direcionado para o treinamento de uma determinada tarefa, nem a aprendizagem pode ser concebida como uma simples transmissão de práticas repetitivas (DELORS, 2000).

Em síntese, a educação profissional é instituída pela legislação como um conjunto de princípios, critérios, definições de competências profissionais gerais do técnico, de acordo com a área profissional a que pertence, bem como procedimentos a serem observados pelos sistemas de ensino e pelas escolas na organização e no planejamento deste ensino, como tratam o Parecer CNE/CEB nº 16/99 e a Resolução CNE/CEB nº 04/99, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Nível Técnico (BRASIL, 1999a, 1999b).

Desde a vigência da atual LDB e da regulamentação da Educação Profissional, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) intensificou as discussões e análises nos Congressos Brasileiro de Enfermagem, nos Seminários Nacional e Estaduais sobre as Diretrizes Curriculares para a formação do técnico em enfermagem, elaborando de forma coletiva as orientações para auxiliar na construção dos planos de cursos das escolas técnicas de enfermagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Nível Técnico orientam que as Escolas, ao elaborarem o currículo do curso técnico em enfermagem, devem observar as demandas dos indivíduos, da sociedade e do mercado de trabalho. Com essas informações deve organizar o perfil profissional de conclusão do curso, e o referido perfil passa a ser o fio condutor na elaboração do plano de curso, definindo

assim a identidade do curso e, por conseguinte, estabelece as competências profissionais gerais do técnico, acrescidas das competências específicas da habilitação profissional, respeitando as características locais e regionais, tendo como foco o mundo do trabalho (BRASIL, 1999a).

Com a Resolução CNE/CEB nº 04/99, fica definido que o Ministério da Educação divulgará referenciais curriculares por área profissional, objetivando subsidiar as escolas na elaboração dos perfis profissionais de conclusão e na organização e planejamento dos cursos técnicos, e os cursos técnicos em enfermagem devem observar o que determina a lei do exercício profissional, que rege a atuação dos diferentes níveis profissionais que compõem a equipe de Enfermagem (BRASIL, 1999a; 1999b).

Na oficina de trabalho promovida pela ABEn: “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico em Enfermagem”, realizada em Brasília, em agosto de 2000, ficaram definidos o perfil de conclusão, as competências específicas do auxiliar e técnico em enfermagem e os itinerários para a construção do curso técnico de enfermagem, que pode ser estruturado em módulos, com terminalidade ou não. Para a organização curricular definiu-se a carga horária do curso em 1800 horas, modularizada, a ser desenvolvida da seguinte forma: Módulo 1, núcleo comum, com 250 horas de aulas teóricas; Módulo 2, núcleo específico, com 500 horas de aulas teórico-práticas e 200 horas de estágio; e o Módulo 3, núcleo específico, com 450 horas de aulas teórico-práticas e 200 horas de estágio (ABEN, 2000).

Frente às exigências da sociedade por um SUS de qualidade, a formação dos trabalhadores da saúde se constitui como tema essencial. Em 1999 foi criado o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) pelo Ministério da Saúde, o qual integrava a Política Nacional de Recursos Humanos para a Saúde, tendo como propósito a profissionalização intensiva dos trabalhadores de nível médio em enfermagem, objetivando a melhoria da qualidade dos serviços de saúde.

As ações do PROFAE iniciaram no ano de 2000. O projeto teve como meta qualificar 225 mil trabalhadores da enfermagem, foram formados 207.844 alunos nos cursos de auxiliares e técnicos em enfermagem, na complementação do auxiliar para técnico de enfermagem e no ensino fundamental. E também promoveu a formação pedagógica de

enfermeiros docentes dos cursos de qualificação profissional do PROFABE (SÓRIO, 2002; BRASIL, 2014).

O Conselho Federal de Enfermagem define, pela Resolução nº 276/2003, que os Auxiliares de Enfermagem serão inscritos neste conselho apenas em caráter provisório e por até cinco anos após a data de inscrição. Ao término desse prazo, todos devem apresentar título de Técnico em Enfermagem (COFEN, 2003). Somado a esta determinação, o mercado de trabalho em saúde tem privilegiado a contratação do Técnico em Enfermagem, deixando assim de absorver nos postos de trabalho o auxiliar de enfermagem. Observa-se uma grande procura pelos cursos técnicos e pela complementação do curso de auxiliares de enfermagem.

Na atualidade, as escolas que ofertam os cursos técnicos em enfermagem reorganizaram seu currículos a partir dos marcos legais e especialmente através de diretrizes construídas coletivamente nos Conselhos Consultivos e fóruns da ABEn, como também nos Seminários Nacionais de Educação em Enfermagem, Congressos Brasileiros de Enfermagem, oficinas e eventos regionais e estaduais, respeitando as normas legais vigentes.

O Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (CNCT) tem sido atualizado sistematicamente. O mais recente CNCT foi publicado em 2012, permanecendo o curso técnico em enfermagem com carga horária mínima de 1.200 horas, apontando como referência o seguinte perfil profissional de conclusão do curso:

Atua na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação dos processos saúde-doença. Colabora com o atendimento das necessidades de saúde dos pacientes e comunidade, em todas as faixas etárias. Promove ações de orientação e preparo do paciente para exames. Realiza cuidados de enfermagem, tais como: curativos, administração de medicamentos e vacinas, nebulizações, banho de leito, mensuração antropométrica e verificação de sinais vitais, dentre outros. Presta assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos (BRASIL, 2012c, p. 19).

Os cursos técnicos em enfermagem ofertados no Brasil, por instituições públicas e privadas, apresentam perfis de formação

profissional os mais diversos, e conseqüentemente trazem para o mercado de trabalho, sistematicamente, profissionais que buscam uma colocação. Mas apenas os técnicos em enfermagem com as competências e habilidades mínimas e necessárias exigidas para esta profissão são incluídos e possivelmente permanecem nos postos de trabalho.

3 MARCOS LEGAIS ORIENTADORES

O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade.

Paulo Freire

Para realizar o presente estudo tomamos como eixos orientadores alguns marcos legais como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Brasil, estabelecidas pela Resolução CNE/CEB nº 04/1999, o Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação nº16/199 e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, que norteiam o pensamento e desenvolvimento das ações na educação profissional, especialmente na elaboração e implementação dos planos de cursos técnicos.

Aos instrumentos normativos e de orientação técnica acima mencionados juntamos os atos legais que regulamentam o Sistema Único de Saúde, a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde publicada na Portaria GM/MS nº 1.996/2007 e o pacto pela saúde de 2006, que norteiam a formação dos trabalhadores técnicos em nível médio do SUS.

Também corroboraram com o aporte teórico elementos conceituais do modelo educativo freiriano, principalmente acerca da sua proposta pedagógica (FREIRE, 1979, 1985, 2000, 2003, 2004, 2010, 2011a, 2011b, 2011d). As ideias do autor embasaram a reflexão a respeito das transformações que vivenciamos nas políticas econômicas, sociais e culturais, e conseqüentemente na educação e no mundo do trabalho.

Nos estudos voltados para a educação, educação profissional e o mundo do trabalho em saúde, foram utilizadas fontes documentais que regulamentam a educação brasileira (BRASIL, 1990, 2000, 2005, 2008, 2012a, 2012b, 2012c) e diversos autores estudiosos da Educação Profissional (FRIGOTTO, 1996, 2010; CIAVATTA; RAMOS, 2012; RAMOS, 2002; PEREIRA, 2007, 2008) e educação em enfermagem (GERMANO, 1993; SILVA; TIMOTEO, 2007; CRISTÓFARO; MELO; GUSSI, 2003; REIBNITZ; PRADO, 2006).

3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico

A educação brasileira é regida pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996, no Capítulo III, art. 39. Os objetivos da educação profissional e tecnológica são definidos: “no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (BRASIL, 1996, online).

Na educação profissional e tecnológica estão definidas as diferentes modalidades de cursos: de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; de educação profissional técnica de nível médio; e de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

A educação profissional técnica de nível médio, observadas as diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, é desenvolvida por meio de programas que devem possibilitar a definição de metodologias de elaboração de currículos a partir de competências profissionais gerais do técnico por área; e cada instituição deve poder construir seu currículo pleno de modo a considerar as peculiaridades do desenvolvimento tecnológico com flexibilidade e a atender às demandas do cidadão, do mercado de trabalho e da sociedade (BRASIL, 1999a).

A educação profissional instituída pelos artigos 39 a 42 da Lei nº 9.394/1996, atualmente, encontra-se regulamentada pelo Decreto nº 5.154/2004. O Ministério da Educação, através do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Básica, organiza as diretrizes curriculares nacionais, contendo um conjunto de princípios, critérios, definições de competências profissionais gerais do técnico, de acordo com a área profissional a que pertence, bem como procedimentos a serem observados pelos sistemas de ensino e pelas escolas na organização e no planejamento deste ensino, como trata o Parecer CNE/CEB nº 16/99, que fundamenta a Resolução CNE/CEB nº 04/99, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Nível Técnico. Tal marco regulatório é necessário, em conformidade com o referido Parecer, tendo em vista que:

o mundo do trabalho está se alterando contínua e profundamente, pressupondo a superação das

qualificações restritas às exigências de postos delimitados, o que determina a emergência de um novo modelo de educação profissional centrado em competências por área. Torna-se cada vez mais essencial que o técnico tenha um perfil de qualificação que lhe permita construir itinerários profissionais, com mobilidade, ao longo de sua vida produtiva (BRASIL, 1999a, p. 13).

Na referida Resolução a educação profissional é definida do seguinte modo: “integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, objetiva garantir ao cidadão o direito ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social”. São elencados os seguintes princípios norteadores para a educação profissional de nível técnico: independência e articulação com o ensino médio; respeito aos valores estéticos, políticos e éticos; desenvolvimento de competências para a laborabilidade; flexibilidade, interdisciplinaridade e contextualização; identidade dos perfis profissionais de conclusão de curso; atualização permanente dos cursos e currículos e autonomia da escola em seu projeto pedagógico (BRASIL, 1999a).

As diretrizes aludidas definem também a identidade e especificidade de cada curso técnico e se referem aos princípios específicos recomendados para o desenvolvimento de “competência profissional a capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessárias para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho”, atribuições essenciais ao trabalhador. (BRASIL, 1999b).

A educação profissional de nível técnico passa a ser organizada por áreas profissionais, com suas respectivas caracterizações, competências gerais e cargas horárias mínimas, dentre elas a Agropecuária, Artes, Comércio, Comunicação, Construção Civil, *Design*, Geomática, Gestão, Imagem Pessoal, Indústria, Informática, Lazer e Desenvolvimento Social, Meio Ambiente, Mineração, Química, Recursos Pesqueiros, Saúde, Telecomunicações, Transportes e Turismo e Hospitalidade. Todas apresentadas no quadro anexo da referida resolução (BRASIL, 1999b).

Orienta a elaboração de planos de curso, que devem conter justificativa, objetivos, requisitos de acesso, perfil profissional de conclusão, organização curricular, critérios de aproveitamento de

conhecimentos e experiências anteriores, critérios de avaliação, instalações e equipamentos, pessoal docente e técnico, certificados e diplomas. Os projetos pedagógicos serão submetidos à aprovação dos órgãos competentes dos sistemas de ensino e incluídos no Cadastro Nacional de Cursos Técnicos, só assim os certificados e diplomas serão válidos (BRASIL, 1999b).

O perfil profissional é de fundamental importância, pois define a identidade do curso técnico. Este deve ser estabelecido pela escola, respeitando a legislação profissional; para isso, a escola observará as competências requeridas para a atuação do profissional, subsidiada por pesquisas, a relação com o mundo produtivo e pelos Referenciais Curriculares Nacionais. As competências profissionais definidas no perfil de conclusão do curso deverão estar explícitas no histórico escolar que acompanha os certificados e diplomas dos respectivos cursos.

Os cursos ofertados na educação profissional de nível técnico deverão ser ministrados por professores com formação em cursos de licenciatura ou em programas especiais ou através da preparação em serviço.

3.1.1 Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico

Por força de determinação legal, o Ministério da Educação (MEC) publica, em 2000, os Referenciais Curriculares Nacionais, compostos por um conjunto de publicações referentes a cada uma das vinte áreas profissionais definidas por estas Diretrizes, a partir do Parecer CNE/CEB nº 16/99 e da Resolução CNE/CEB nº 4/99. Objetivam oferecer orientações para a concepção e organização dos projetos pedagógicos dos cursos a serem desenvolvidos por docentes, outros profissionais da escola e a comunidade na qual a escola encontra-se inserida. O processo de elaboração deve ser democrático, contribuindo para a concretização da autonomia da escola (BRASIL, 1999a, 1999b).

O documento “Educação Profissional: Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico” é concebido sob outro paradigma da educação, no qual o conceito de competência tem papel de destaque; a educação profissional utiliza esse conceito como elemento orientador do currículo, entendido como um conjunto integrado de situações-meio, construído e organizado pedagogicamente para desenvolver a aprendizagem (BRASIL, 2000).

Nessa perspectiva, o mesmo documento enfatiza que, no mundo contemporâneo e no futuro, o foco do trabalho educacional é deslocado do ensino para o aprender e do que vai ser ensinado para o que é preciso aprender. A ênfase do ensino é transferida para as competências a serem adquiridas, as quais, como ações e operações mentais, integram os conhecimentos, as habilidades, os valores e as atitudes construídos de forma articulada e mobilizados em realizações profissionais, promovendo, assim, desempenhos eficientes e eficazes (BRASIL, 2000).

O profissional de nível técnico, integrante da equipe de saúde, deve atender “as atuais exigências, preparar-se para o futuro e ser capaz de identificar situações novas, auto organizar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe e de resolver problemas que mudam constantemente” (BRASIL, 2000, p. 14).

Estes referenciais definem a área da enfermagem, o processo de trabalho de enfermagem centrado no cuidar, fundamentado no saber, no fazer e no sentir, buscando atender às necessidades de saúde do paciente/cliente/comunidade durante seu ciclo vital e comprometendo-se, assim, com a proteção e promoção da vida, e com o cuidado e recuperação da saúde do cidadão.

3.1.2 O Sistema Único de Saúde e a formação de trabalhadores de nível técnico

A formação de profissionais para o Sistema Único de Saúde – SUS, em especial dos trabalhadores técnicos, é tema recorrente, que vem sendo discutido com ênfase cada vez maior na área da saúde. O Ministério da Saúde, órgão gestor da saúde da população brasileira, reconhece e valoriza a formação dos trabalhadores como um dos componentes para o processo de qualificação da força de trabalho em saúde, por contribuir decisivamente para a consolidação da Política Nacional de Saúde, atendendo, assim, ao direito à saúde de qualidade de todo cidadão.

No bojo da redemocratização da sociedade brasileira, fortalecido pelo movimento da Reforma Sanitária, o povo brasileiro consegue aprovar, na Constituição Federal de 1988, no artigo 196, o princípio de que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988). Por conseguinte, reserva ao Sistema Único de Saúde a competência de

“ordenar a formação de recursos humanos na área da saúde”. Estas concepções guiaram as discussões e tomadas de decisões sobre a formação do trabalhador para o SUS (BRASIL, 1988).

A Lei de criação do Sistema Único de Saúde – Lei nº 8.080/90 definiu no Art. 27 que:

[...] a política de recursos humanos na área de saúde será formalizada e executada, articuladamente, pelas diferentes esferas de governo, em cumprimento dos seguintes objetivos: organização de um sistema de formação de recursos humanos em todos os níveis de ensino, inclusive de pós-graduação, além da elaboração de programas de permanente aperfeiçoamento de pessoal; valorização da dedicação exclusiva aos serviços do Sistema Único de Saúde – SUS (BRASIL, 1990, online).

Planejar a preparação da força de trabalho para o SUS, formação, qualificação e atualização nos leva a um grande contingente de trabalhadores atuando, nos vários níveis de atenção, promoção, prevenção, recuperação e reabilitação de saúde. As especificidades dos processos de trabalho e as características do trabalho em saúde são ações desafiadoras para consolidar um sistema de atenção democrático, participativo, humano e de qualidade.

Com o propósito de superar dificuldades e consolidar o Sistema Único de Saúde brasileiro, é construído pelos gestores do SUS o pacto pela saúde em 2006, tendo como prioridade articular e integrar os componentes constituídos pelo Pacto pela Vida, Pacto em Defesa do SUS e Pacto de Gestão. Este último citado define as diretrizes para as ações de educação na saúde, dentre elas a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, como uma estratégia do SUS para a formação, qualificação e o desenvolvimento de trabalhadores, orientando a adoção de diferentes metodologias e técnicas de ensino-aprendizagem inovadoras, e propõe ações para formação e desenvolvimento dos profissionais de saúde para atender às necessidades do SUS (BRASIL, 2006).

A Política Nacional de Educação Permanente em Saúde publicada na Portaria GM/MS nº 1.996/2007, em seu anexo terceiro, ressalta que “a formação dos trabalhadores de nível técnico é um componente decisivo

para a efetivação da política nacional de saúde, capaz de fortalecer e aumentar a qualidade de resposta do setor da saúde às demandas da população”; define também que as ações para a formação dos trabalhadores de nível técnico no âmbito do SUS devem ser organizadas através de cooperação técnica entre as esferas de governo, as instituições de ensino, os serviços de saúde e o controle social (BRASIL, 2007).

A educação permanente visa melhorar a formação e, conseqüentemente, fortalecer o SUS, através do desenvolvimento pessoal dos trabalhadores da Saúde e do desenvolvimento das instituições, reforça a formação do educando com a gestão dos serviços, com o trabalho da atenção à saúde e com o controle social (BRASIL, 2005).

Para os trabalhadores técnicos em nível médio, o SUS tem desenvolvido ações exitosas como o PROFAE, a partir do qual foi planejado e encontra-se em execução o Programa de Formação de Profissionais de Nível Médio para a Saúde (PROFAPS), que visa oferecer cursos aos trabalhadores da atenção básica e especializada. Dentre os cursos ofertados encontramos Técnico em Radiologia, Técnico em Biodiagnóstico, Técnico em Manutenção de Equipamentos, Técnico em Higiene Dental, Técnico em Prótese Dentária, Agente Comunitário de Saúde, Técnico em Vigilância Ambiental, Epidemiológica e Sanitária, Técnico de Enfermagem; além de Especialização Técnica de Cuidadores para pessoas idosas, e em Assistência de Enfermagem em Diálise (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, o Sistema Único de Saúde tem desenvolvido uma série de estratégias na formação dos trabalhadores da saúde, inclusive nos modos de ensinar e aprender, visando efetivar mudanças na qualidade da atenção à saúde. Portanto, é preciso desenvolver ações que causem profundas transformações na formação dos trabalhadores para o SUS e conseqüentemente conseguir reorganizar a forma de cuidar, tratar e acompanhar a saúde dos brasileiros. Entende-se que:

A formação de nível técnico em saúde requer algumas peculiaridades e pode-se considerar como estratégias para a formação destes profissionais o desenvolvimento do currículo integrado, a descentralização dos cursos, a articulação escola-serviço-comunidade, os espaços e contextos de trabalho como locus privilegiados da formação, o ensino em serviço, a avaliação formativa e a

construção de livros-texto para estes profissionais (BRASIL, 2014, online).

A formação do técnico em nível médio em saúde tem como referência os princípios éticos do SUS, bem como visão crítica social, domínio tecnológico e agir político. Nesse sentido, as competências e habilidades requeridas do trabalhador para atuar no mundo do trabalho passam a ser mais exigentes, em virtude da constante inovação tecnológica que “produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica” (MORIN, 2003, p. 45). Mesmo com todo o avanço tecnológico e científico e a necessidade de qualificação e atualização do trabalhador, Freire (2011b, p. 28) ressalta que não se pode “reduzir o homem a um simples objeto da técnica, a um autômato manipulável”.

Visando à necessidade de inserir-se no mundo do trabalho, o aluno precisa de uma educação que oriente a construção do conhecimento, oportunize ao homem a experiência do debate, da crítica e da problematização, proporcionando o exercício da verdadeira participação. Como tal, não é um processo de adaptação do homem à sociedade, mas a possibilidade de este transcender para ser mais (FREIRE, 2011a).

4 MARCO CONCEITUAL

O que sobretudo me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los.
Paulo Freire

Visando desenvolver os desafios propostos nos objetivos do presente estudo, escolhemos realizar a discussão desta pesquisa a partir do referencial teórico de Paulo Freire, entendendo que as concepções do educador proporcionaram refletir sobre o perfil profissional dos egressos do CTE da EEN e como este foi adquirido pelos educandos, como participantes de um processo de formação construído coletivamente.

No pensamento de Freire, refletir sobre educação é refletir sobre o homem. O homem que se encontra em constante processo educativo, seres inacabados conscientes de sua inconcretude, mas em constante aprendizagem, no mundo e com o mundo. Seguindo tais ensinamentos, iniciamos esta reflexão com a apresentação do educador e cientista social Paulo Freire e com alguns conceitos e concepções de diálogo e dialogicidade presentes nos escritos do autor que vêm corroborar o tema em estudo.

4.1 Breve histórico da vida de Paulo Freire

Paulo Regulus Neves Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, nasceu na cidade do Recife, no dia 19 de setembro do ano de 1921.

Pernambucano de origem pobre, de família oriunda das classes populares, tinha três irmãos, sendo ele o caçula da família. Dizia ter aprendido a ler na sombra de uma mangueira, ensinado por seus pais; foi, principalmente, sua mãe quem o ensinou a escrever, com pequenos galhos de árvore no quintal da casa da família, usando temas do seu cotidiano como objeto de aprendizagem (GADOTTI, 1997, 2004).

A educação que recebeu de seus pais Joaquim e Edeltudres era diferente, de forma dialógica; tal aprendizagem o acompanhou por toda a sua vida. Assim, ainda muito pequeno, “aprendeu que a vida deve ser

tratada na sua concretude, que o ato de educar vem da solidez da própria vida” (FREIRE, 2001, p. 5).

Paulo Freire dedicou toda a sua vida à educação. Senhor de grandes ideias, sua vida e obra confundem-se, pois escreveu “sobre o óbvio, o cotidiano, sobre aquilo que se via (que ele via), que se observava (que ele observava), que se escutava (que ele escutava) e o que se sentia (o que ele sentia) todos os dias” (FREIRE, 2001, p. 3).

Paulo Freire foi um pensador que tinha compromisso com a vida, mais que ideias, mais do que o ouvir dizer e meras abstrações, pensava sobre a vida e o viver dos excluídos, dos ‘esfarrapados do mundo’, como afirma em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2000, p. 17).

Aos 22 anos de idade, Freire ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Enquanto cursava a faculdade, lecionava no Colégio Oswaldo Cruz em Recife, colégio em que estudou. Foi professor universitário, ensinando História e Filosofia da Educação. Casou-se com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira, tiveram cinco filhos (FREIRE, 1997).

No ano de 1947 teve seu primeiro contato com a educação de pessoas adultas analfabetas, quando assumiu a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria), onde entrou em contato com a alfabetização de adultos. Passa então a desenvolver ideias sobre a alfabetização de adultos e sua aderência ao cotidiano do trabalhador.

Para Freire, o adulto deve, no processo de alfabetização, conhecer sua realidade concreta para poder inserir-se de forma crítica e atuante na vida social e política. Ele pensava que a educação para adultos não deve se ater à mera transmissão de conteúdo, mas apontava para a indissociabilidade entre a teoria, o vivido, o trabalho, a pedagogia e a política (FREIRE, 1979, 2011d).

Ele falava em educação social, em que o aluno tinha a necessidade, além de se conhecer, conhecer também os problemas sociais que o afligiam. Ele não via a educação simplesmente como meio para dominar os padrões acadêmicos de escolarização ou para profissionalizar-se. Falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de imersão na vida pública, engajando-se no todo social (GADOTTI, 1997).

Suas ideias e concepções foram experimentadas e aplicadas no Rio Grande do Norte. Inicialmente influenciou a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, desenvolvida em Natal pelo então prefeito Djalma Maranhão. E, na cidade de Angicos, organizou e dirigiu, no ano

de 1963, sua experiência mais exitosa, quando alfabetizou 300 trabalhadores rurais. Fica conhecido nacionalmente como educador progressista, sendo convidado pelo então presidente João Goulart para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, através do qual pretendia alfabetizar, utilizando o “Método Paulo Freire”, 5 milhões de adultos (GADOTTI, 1997).

Diante do êxito de suas concepções, começa a incomodar o grupo conservador da sociedade, pois seu método possibilitava o desenvolvimento da consciência dos oprimidos, politizando-os e, conseqüentemente, elevando o número de eleitores, possibilitando impulsionar a democratização brasileira.

No entanto, com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi preso por dois meses, e exilou-se inicialmente na Bolívia. Com o golpe de estado no referido país, passa a exilar-se no Chile, atuando na formação de adultos camponeses, em seguida vive nos Estados Unidos e Genebra, e continuou produzindo conhecimentos na área de educação em diversos países (TORRES et al., 2008; GADOTTI, 1997, 2004).

Em 1970 publica no Brasil o livro “Pedagogia do Oprimido”, sua obra mais importante, conhecida mundialmente, fruto de observações durante suas atividades educativas realizadas no Brasil e durante o seu exílio. Neste escrito concebe uma práxis educativa centrada no diálogo, indissociável do processo de tomada de consciência da realidade, focalizando a emancipação e transformação da situação de histórica de opressão e dependência dos povos latino-americanos.

Com a Lei da Anistia, após quinze anos exilado, retorna definitivamente ao Brasil no ano de 1980. Em entrevista, diz que voltou para “reaprender o Brasil”. Nos anos que se seguem leciona em universidades, torna-se Secretário de Educação do Estado de São Paulo, viaja pelo Brasil e pelo mundo atendendo a convites para proferir conferências, palestras, em encontros e fóruns com estudantes e professores. Como reconhecimento do seu trabalho ganha vários prêmios, recebe também títulos de doutor *Honoris Causa* de várias universidades do mundo (GADOTTI, 1997, 2004).

Paulo Freire morreu na cidade de São Paulo, em 2 de maio do ano de 1997, legando para o Brasil e para o mundo publicações sobre a educação, seja no formato de artigo, diálogo, livro e vídeo.

Dentre a vasta produção e publicação, destacam-se a seguir obras de sua autoria como: *Educação como Prática da Liberdade*; *Pedagogia do Oprimido*; *Extensão ou Comunicação?*; *Ação Cultural para a*

Liberdade; Educação e Mudança; Cartas a Guiné-Bissau; Conscientização: Teoria e Prática da Libertação; A Importância do Ato de Ler; Política e Educação e Educação na Cidade; Pedagogia da Esperança – uma Releitura da Pedagogia do Oprimido; Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar; Cartas a Cristina; À Sombra Desta Mangueira; e Pedagogia da Autonomia.

4.2 Os princípios de Paulo Freire fundamentando o estudo

Pensar a formação do técnico em enfermagem como elemento da subjetividade é possibilitar as incertezas, é perceber a dimensão do educando-educador como integrante do processo de aprendizagem, o educador na responsabilidade de orientar o educando a direcionar a construção do seu próprio conhecimento, com as marcas de um tempo complexo pela própria estrutura social do momento presente.

O processo de educar é concebido como um momento de troca e aprendizagem, mais do que um fenômeno espontâneo, torna-se uma condição que requer interação e intencionalidade, ou seja, a interação de quem almeja ser educado, o apoio de quem se propõe a colaborar com o sujeito em transformação, e o estabelecimento da interação mútua dos sujeitos do processo de aprendizagem (SILVA; TIMOTEO, 2007).

Na obra de Paulo Freire encontramos a base da concepção de que a educação não tem o poder de realizar todas as transformações sociais, no entanto as mudanças dos seres humanos na sociedade dependem da educação, que é a essência para sua transformação. Para pensar a trajetória da formação e a importância desta para a inserção do Técnico em Enfermagem da EEN no mundo do trabalho, se faz necessário conhecer o ser egresso deste curso e entender o contexto de sua formação e da sua inserção no mundo do trabalho.

Pensar sobre o processo de aprendizagem do curso guiado pelas ideias freirianas nos remete às palavras do autor, ao afirmar que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 2011b, p. 33). Iniciamos assim esta reflexão com a mente aberta, em um processo permanente de construção do conhecimento.

A partir da vasta obra de Paulo Freire, elaboramos um marco conceitual composto por conceitos e definições inter-relacionados formulados por ele, objetivando subsidiar a compreensão do presente

estudo, bem como contribuir com a reflexão e a transformação da realidade vivenciada no nosso cotidiano.

Ressaltamos, que mesmo cientes da solicitação de Paulo Freire, no seu livro “Pedagogia da Esperança”, para mudar a linguagem machista dos seus escritos, substituindo “homem”, por “mulher e homem” ou “seres humanos”, optamos por utilizar no presente estudo em alguns momentos “homem” ou “seres humanos”, representando mulheres e homens (FREIRE, 2011c).

Paulo Freire revela a importância de ler o mundo em sua práxis, para tanto, tinha a necessidade de conhecer o modo de viver e enxergar o mundo dos sujeitos que estão em processo educativo. O autor afirma que este conhecimento “É fundamental, contudo, partirmos de que o **homem** ser de relações, e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 2011d, p. 55, grifo nosso).

Os homens são seres do “quefazer”, surgem do seu mundo, tendo oportunidade de conhecê-lo e transformá-lo, são portanto, seres de práxis. Para o autor, se “homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão” (FREIRE, 2011d, p. 167). Considerando o homem um ser de práxis, de ação e reflexão, o autor retrata em seus escritos o entendimento de que o homem, o mundo e a educação encontram-se em perfeita sintonia, interligados, vivenciando e sendo permanentemente desafiados na realidade concreta num permanente movimento de idas e vindas, de começo e recomeço, de aprofundamentos e novos conhecimentos, de permanente reflexão do viver.

O homem e o mundo são indissociáveis. O ser de relação vivendo na realidade concreta desenvolve ações sobre o mundo, criando-o e recriando-o constantemente, sendo condicionado pelo próprio mundo (FREIRE, 1985). Portanto, o homem ao longo do seu existir é capaz de intervir no mundo, num processo constante de idas e vindas, digo, de ação-reflexão-ação, observada a realidade histórica e socialmente determinada, como nos lembra o autor: “O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação” (FREIRE, 1985, p. 52).

No intuito de aprofundar a compreensão sobre as características dos seres humanos Paulo Freire diz que:

Homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria (FREIRE, 1979, p. 42).

O homem é permanentemente desafiado a conhecer o mundo, para tanto precisa ser curioso, dialógico, reflexivo, crítico, criativo e buscar constantemente entender o momento vivido para desenvolver uma ação que venha transformar a realidade mediante a sua criação e recriação. Por ser propriedade dos seres humanos “conhecer”, durante o processo para o conhecimento é que ele aprende. Segundo o autor, para que o processo de conhecimento ocorra, precisa acontecer na sua realidade concreta, ressalta que inicialmente os sujeitos apropriam-se do objeto de aprendizagem, reinventam-no, levando-os a transformá-lo em algo aprendido. Portanto, no cotidiano dos seres humanos o conhecimento é essencial para o processo social, sendo o diálogo o elo deste processo (FREIRE, 1985; GADOTTI, 2004).

Na obra intitulada “Paulo Freire”, da Coleção Educadores, Beisiegel (2010) descreve as andanças do autor e sua trajetória, diz que identificou durante sua pesquisa, na tese escrita por Freire para o concurso para academia sobre Educação e atualidade brasileira, a seguinte afirmação sobre o homem:

É um ser de relações, aberto para o mundo. ‘Dialogando eternamente’ com os outros homens, com sua circunstância e com o Criador, distingue o ontem do hoje e do amanhã, o aqui do ali, mantém relações com o mundo natural, que não é criação sua, mas ao qual confere uma significação que varia ao longo da história, e o mundo da cultura, que é criação sua (BEISIEGEL, 2010, p. 29).

Paulo Freire compreende o homem como ser de relação, que está no mundo e com o mundo, fazendo a leitura do vivido a partir dos laços entre os dados e/ou entre os fatos de forma crítica e reflexiva (FREIRE, 2011c).

Nesse sentido, ao compreender como homem o egresso do CTE, como: ser profissional, ser de práxis, educando/trabalhador, sujeito ativo no seu trabalho, comprometido com a sociedade e com os homens, que atua dialogando permanentemente com o outro, capaz de refletir sobre seu fazer, seu saber e sobre ele mesmo, por ser um ser de relação, relacionando-se com o outro e com o mundo, conseqüentemente precisa ter consciência de sua realidade que é histórica e cultural, e por ser homem compromete-se verdadeiramente por si mesmo com os homens em sociedade. No livro “Convite à leitura de Paulo Freire”, Gadotti (2004) descreve que:

Para Paulo Freire, **o diálogo** faz parte da própria natureza humana. Os seres humanos se constroem em diálogo, pois são essencialmente comunicativos. Não há progresso humano sem diálogo. Para ele, o momento do diálogo é o momento em que os homens se encontram para transformar a realidade e progredir (GADOTTI, 2004, p. 46, grifo nosso).

No seu pensamento, Freire concebe a centralidade do diálogo que ocorre independentemente de o homem ser ou não alfabetizado, bastando ser homem para poder captar os dados da realidade. Para Freire “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2011d, p. 109).

Neste permanente diálogo o ser humano transforma a si mesmo e ao mundo. A partir do diálogo entre os homens surge a reflexão e ação, objetivando a humanização e transformação do mundo vivido pelos próprios homens; para que venha a obter resultado, este diálogo precisa ser verdadeiro, conseqüentemente os pensamentos também devem ser verdadeiros e críticos, sempre mediados pela relação “homem-mundo” (FREIRE, 2011d).

Logo, o diálogo, como encontro entre os homens, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro ou à simples troca de ideias entre eles. Segundo Beisiegel, nas ideias de Freire “O diálogo entre os homens era entendido como componente essencial nessa educação comprometida com a construção de personalidades democráticas” (BEISIEGEL, 2010, p. 35).

Nesse sentido, a dialogação torna os seres humanos históricos mediante seu permanente diálogo com outros homens, com o mundo e sobre o mundo, e com o Criador (FREIRE, 2011a). É essencial no diálogo uma relação horizontal entre os homens, nutrida por amor, humildade, esperança, fé e confiança; pois, só assim, haverá comunicação.

Percebe-se o sincronismo permanente na obra de Paulo Freire entre o ser, o planeta, o processo de aprendizagem e a capacidade de aprender do indivíduo. Assim, o homem mediado pelo diálogo possibilita a relação essencial do educando e educador, entre pais e filhos, levando a aprender a sua autonomia como ser humano. No entanto, o homem tem como destino criar, recriar e contribuir com suas ações para transformar o mundo. É com este entendimento que Freire diz que “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 2011b, p. 38).

Com tal pensamento Freire concebe a **educação** para os brasileiros, uma educação humanizante, corajosa, que possibilitasse aos seres humanos refletir sobre si mesmos e suas responsabilidades, sobre o momento histórico e cultural da realidade em que vivem, que em sua reflexão enxergassem o seu próprio poder de refletir e de utilizar o resultado de sua reflexão no desenvolvimento desse poder. Para Freire os brasileiros necessitam de uma “educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização” (FREIRE, 2011a, p. 80).

A educação precisa ser corajosa para instrumentalizar o homem acerca dos perigos do tempo presente através da discussão não menos corajosa de seus problemas, bem como da forma de interferir sobre eles, desenvolvendo, assim, consciência, força e coragem para lutar pelas suas ideias. O homem também deve ter a clareza de que tal diálogo necessita de constantes revisões, de análise crítica, correções de rumos e retomadas da luta (FREIRE, 2011a).

Para Freire, a “*educação como prática da liberdade* é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes” (FREIRE, 1985, p. 53). A educação para a libertação é concebida pelo autor como um ato de conhecimento e consciência executado através de um método de ação

transformadora que homens e mulheres vislumbram exercer sobre o mundo real. Nesse sentido, a

educação como prática da liberdade não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a perpetuação dos valores de uma cultura dada; não é o esforço de adaptação do educando a seu meio (FREIRE, 1985, p. 53).

As ideias de Freire vêm contribuir com a discussão sobre a formação do técnico em enfermagem, ao afirmar que a educação é uma ferramenta de decisão do homem, para ser usada com responsabilidade social, como força de mudança e de libertação. Para ele, a educação “é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2011a, p. 127).

Portanto, durante o curso técnico em enfermagem o educando, ser de responsabilidade social, deve aprender a cuidar dos seres humanos para atuar na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde dos sujeitos, com criticidade, determinação, coragem e amor. O egresso deste curso, técnico em enfermagem, integrante da equipe de saúde, tem como ação primordial cuidar do homem em todas as fases de sua vida, em momentos históricos reais e concretos, atuar numa área de constantes inovações tecnológicas, em ambientes de trabalho que oferecem por vezes condições de trabalho precárias, mas que precisa desenvolver um cuidado de qualidade e humano.

Norteando a discussão, nos deparamos com a palavras de Freire em que afirma que a educação é

[...] permanente não porque certa linha ideológica, ou certa posição política, ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais”. A educação e a formação permanente

se fundem aí. [...] a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização [...] o ser humano jamais para de educar-se (FREIRE, 2003, p. 16-17).

Assim, se faz necessário ter consciência de ser um profissional inacabado, inconcluso, que necessita de uma permanente educação para cuidar dos seres humanos em momentos mais diversos, alegres, tristes, educativos, emocionantes, amorosos e críticos. Para Freire é na consciência do ser inconcluso que “se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 2004, p. 57).

Na realidade atual de permanentes mudanças e inovações, especialmente no mundo do trabalho da saúde, o trabalhador técnico em enfermagem, egresso da Escola de Enfermagem de Natal da UFRN, para atuar frente às mais diversas incertezas desta área, tem que mobilizar diversos conhecimentos no seu processo de trabalho. Os conhecimentos adquiridos na vida e no curso precisam instrumentalizá-lo para relacionar-se com os usuários do SUS e com a equipe de saúde, para desenvolver suas atividades corretamente nas mais diversas situações, locais e dificuldades que encontra no seu ambiente de trabalho.

A **educação ou formação profissional** adquirida formalmente em instituições especializadas visa desenvolver um processo de aprendizagem que leve o estudante a apropriar-se de conhecimentos teóricos e práticos, desenvolver habilidades e competências de uma profissão ou ocupação (MANFREDI, 2010).

Na obra de Paulo Freire não se encontram escritos específicos sobre a educação profissional, nem sobre questões da educação para e no trabalho, como afirma Manfredi (2010). Mas identificam-se algumas reflexões, pensamentos, nas entrelinhas de seus escritos sobre educação, educação de jovens e adultos, cultura popular e dos trabalhadores (MANFREDI, 2010).

Nesse sentido, Manfredi (2010, p. 142) afirma que a educação profissional, para Paulo Freire, é “um processo de formação humana, que vincule formação técnica – criticamente aos processos de trabalho – aos conhecimentos técnicos, científicos, em sua historicidade e com a sua

função social e política”. Percebe-se em suas ideias, segundo a autora, a relação entre educação, trabalho e sociedade, as quais refletem uma concepção ampliada de formação para o trabalho de cidadão crítico, humano, social e politicamente ativo.

Paulo Freire entendia que, independente da modalidade de ensino, seja fundamental, médio, técnico ou superior, o educando precisa ter uma visão dos problemas, do local em que vive, da região, do Brasil e do mundo. Ele não concebe para o trabalhador uma formação, ingênua e acrítica, que reflita sobre situações de outros e de outras realidades (FREIRE, 2011a).

É neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia (FREIRE, 2004, p. 14).

Refletir sobre a formação do técnico em enfermagem nas oportunidades de aprendizagem, seja nos momentos de realização de atividades teóricas ou práticas, nos remete a fazer os questionamentos feitos por Paulo Freire ao tratar da educação de adultos. Para ele:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 2000, p. 46).

Nesse sentido, a formação crítica para o trabalho em saúde/enfermagem é essencial, precisa-se muito mais dela do que do treinamento ou adestramento dos indivíduos para lidar com as constantes atualizações científicas e a implementação de sofisticadas tecnologias. Precisa-se de seres humanos com perfil profissional para cuidar de gente, que pensem criticamente seu processo de trabalho, que realizem seu atendimento eticamente e com qualidade. As inovações tecnológicas são muito importantes na área da saúde, mas necessita-se de “rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado” (FREIRE, 2000, p. 46).

O pensamento de Freire vem dar suporte a este estudo que entende que os sujeitos da educação profissional, e especialmente os egressos e educadores do Curso Técnico em Enfermagem da EEN, não podem se eximir de pensar criticamente a própria técnica no seu fazer cotidiano, além de manter a própria ação sob permanente vigilância ética. Exatamente por serem homens e mulheres de práxis, do “quefazer”, de ação-reflexão-ação, que vivem no mundo e com o mundo, tendo oportunidade de conhecer, de fazer, de refazer e transformar a realidade concreta.

Compreende-se que a educação profissional brasileira organizada em eixos tecnológicos os quais são compostos por diversos cursos, dentre os quais o curso técnico em enfermagem, para se aproximar dessa concepção de formação, necessita estimular o educador/educando a utilizar estratégias como a “problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão” (FREIRE, 1985, p. 21).

Na concepção de Freire o ato de **aprender** precede o de **ensinar**, para ele o ensinar se dilui na verdadeira experiência fundante de aprender. Afirma que o ensino não tem valor quando não há aprendizado, se o ser humano deixar de se apropriar do objeto, logo este não é capaz de recriá-lo e transformá-lo, assim não há aprendizado. Portanto, se não houve aprendizado também não houve ensinamento (FREIRE, 2004).

Ao experienciar na vida real a prática de ensinar-aprender, esta atividade vivenciada se constitui em uma ação ampla, diretiva, política, ideológica, humana, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, ato considerado por Paulo Freire de acentuada boniteza por revestir-se de seriedade e de amor.

Nas palavras de Weffort, ao prefaciar o livro “Educação como prática de liberdade”, reforça que para Paulo Freire o aprendizado e a tomada de consciência da situação real vivida pelo educando encontram-se interligados, para ele o aprendizado é um modo de tomar consciência da realidade, para ele o aprendizado só pode ocorrer dentro desta tomada de consciência. Freire era incansável em afirmar que o homem, ao dizer sua palavra, toma consciência de sua condição de ser humano (FREIRE, 2011a).

Gadotti, em sua obra sobre Paulo Freire, escreveu sobre o entendimento de Freire de que “aprender é um processo inerente ao homem que tem necessidade de aprender, da mesma maneira que tem necessidade de se alimentar. Nesse processo em que o homem apreende a si mesmo e aos outros, existe a mediação do mundo” (GADOTTI, 2004, p. 37).

No processo de aprendizagem o educador e o educando aprendem juntos, para ele “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2004, p. 23). É com este entendimento que Freire descreve que ensinar

[...] não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE, 2004, p. 118-119).

É importante ressaltar que o educador é o responsável pelo começo do processo de aprendizagem, tem o papel de apresentar o objeto em estudo ao educando e estimular a compreensão deste objeto, através do esforço metodológico do professor e do empenho do educando, ambos atuando de forma crítica. “É mister, que o educando assuma a posição de quem está apreendendo concretamente o objeto para poder aprender o objeto. Não haverá aprendizagem significativa se o educando não estabelecer uma relação com o objeto, não agir sobre ele” (GADOTTI, 2004, p. 41).

Ao analisar o processo de aprendizagem, Freire ressaltava que “a participação do sujeito da aprendizagem no processo de construção do conhecimento não é apenas algo mais democrático, mas demonstra ser também mais eficaz. [...] Paulo Freire comprovou que os métodos novos em que o aluno e professor aprendem juntos são mais eficientes” (GADOTTI, 2004, p. 34).

O interesse do educando, para Paulo Freire, era essencial para o processo de aprendizagem, logo o educador deve de forma criativa e dinâmica desenvolver em suas atividades temas e conteúdos relacionados com a realidade do educando. Durante seus estudos, Paulo Freire compreenderia que “a forma de trabalhar o processo do ato de aprender era determinante em relação ao próprio conteúdo da aprendizagem”, ao refletir a questão e deixar claro o entendimento, dizendo que é impossível “aprender a ser democrata com métodos autoritários” (GADOTTI, 2004, p. 44).

O educador, ao apresentar a realidade ao educando, não é para ele simplesmente expor informações, deve levar o educando a perceber e investigar sua própria realidade com um olhar crítico buscando a superação. A leitura do mundo deve ser realizada por cada um, segundo Paulo Freire não é possível a transmissão da leitura do mundo de um homem para outro. Mas deve-se constituir uma visão coletiva de uma dada realidade concreta, porém realizada por múltiplas visões. Assim, aprende o educador ao estudar, discutir e analisar sobre determinada realidade, também aprende o educando ao desvelar a sua própria realidade e interpretar juntamente com outros sujeitos que vivem a mesma realidade.

Para Paulo Freire o “educador que respeita a leitura do mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica” (FREIRE, 2004, p. 123).

Dessa forma, a aprendizagem é concebida não somente do inato/adquirido, mas também do inato/adquirido/construído, sendo que o conhecimento se dá ao longo de toda a vida. Freire destaca sobre a necessidade permanente de construção do conhecimento a partir da realidade vivida, quando anuncia que “o profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos” (FREIRE, 2011b, p. 26).

O educando e o educador, sujeitos do processo de ensinar-aprender, são seres de diálogo, reflexivos, inacabados, inconclusos, conscientes de sua inconclusão, críticos, criativos. Paulo Freire identifica neste processo concepções interligadas em que ambos são educandos e educadores, os dois são sujeitos no mesmo ato, independente da modalidade de ensino, levando-os a aprender juntos, por conseguinte o autor não concebe um separado do outro, assim o educando-educador e educador-educando sempre caminham juntos (FREIRE, 2011d).

No livro “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire, ao discutir a impossibilidade de ruptura do elo entre o educando e o educador, ressalta que o ato de educar deixa de ser uma mera transmissão de conhecimento, de depositar conteúdo. Mas é um ato em que o educador e o educando aprendem e ensinam, tendo como essência o diálogo, define assim que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011d, p. 95).

Portanto, a atividade do educador não é apenas educar, mas, enquanto ele educa, é também educado, em diálogo com o educando que, igualmente, ao ser educado, também educa. Assim, ambos se tornam sujeitos ativos do processo em que crescem juntos (FREIRE, 2011d).

Ao refletir sobre o processo educativo, Freire reafirma a importância de identificar como os educandos percebem o mundo e como interpretam a realidade. A compreensão dos alunos sobre seu mundo real era utilizada como base para a realização das atividades do educador, não sendo significativa no processo a percepção desta realidade pelo educador. No entanto, o educando precisa assumir seu papel, reconhecer que ele próprio é capaz de conhecer e de querer conhecer em relação ao outro, que também almeja e é capaz de conhecer o objeto do conhecimento (FREIRE, 2011c).

Ao falar sobre o saber necessário ao professor, insiste na afirmação de que ensinar não é transferir conhecimento, conceitos e valores aos educandos, mas criar as possibilidades para desenvolver a sua construção. Nesse sentido, o conhecimento precisa ser apreendido pelos educadores e pelos educandos respeitando as características do ser humano como ser ontológico, político, ético, epistemológico, humano, que vivencia cotidianamente sua realidade de vida (FREIRE, 2004; BEISIEGEL, 2010).

O educando torna-se educando quando conhece os conteúdos e neste processo segue reconhecendo e aprofundando o objeto do conhecimento, conseqüentemente assume a tarefa de aprender e ensinar

(FREIRE, 2011c). O educador deve respeitar a identidade do educando, sua autonomia e dignidade, bem como cultivar uma convivência amorosa e estimular uma postura curiosa, crítica e aberta como sujeitos sócio-histórico-culturais conscientes do ato de conhecer (FREIRE, 2004, 2011c).

É imprescindível o respeito ao conhecimento que o educando traz consigo, independente da sua idade, da classe social, dos saberes que obteve no mundo real, seja na forma de comunicar-se, nas preferências alimentares, nos hábitos de higiene, no cuidado com as doenças, na religiosidade, sexualidade, no cuidado com o corpo e com o planeta.

O educador ensina realmente quando conhece o conteúdo que ensina e apropria-se do conhecimento apreendido. O ato de conhecimento do professor leva a estimular também o ato de conhecimento nos alunos através da curiosidade, da visão crítica e da criação.

Nas palavras de Paulo Freire identificamos a importância, responsabilidade e respeito ao educador ao dizer:

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste (FREIRE, 2004, p. 103).

O educador precisa cuidar do seu fazer docente com competência e rigor, desenvolvendo atividades educativas envoltas na amorosidade, construindo um ambiente de liberdade, autonomia e autoridade.

Assim, a riqueza dos pensamentos de Paulo Freire acerca da educação vem corroborar a análise das informações obtidas na pesquisa sobre o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, que atua no Sistema Único de Saúde a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

5 ESCOLHA METODOLÓGICA

Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.

Paulo Freire

Neste trabalho realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso naturalístico sobre o perfil profissional do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2002, 2010), caracteriza-se pela capacidade de incorporar os atos, as relações, as estruturas e as representações sociais construídas coletivamente ao longo da vivência entre diversos atores que compõem um determinado segmento da sociedade. Dessa forma, trabalhamos com o universo do conhecimento, valores e atitudes, submergindo mais profundamente nas relações, processos e fenômenos que envolvem o contexto da educação profissional em saúde.

Optou-se por um método tipo estudo de caso, utilizado por pesquisadores com o objetivo de compreender a complexidade de um caso particular. Segundo autores, estudamos um caso quando temos interesse em um caso especial para nós, neste observamos os detalhes da interação com os seus contextos. Portanto, o estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando o pesquisador a compreender sua atividade em importantes circunstâncias (STAKE, 2007; ANDRÉ, 2008; CARTANA et al., 2008).

Método de escolha para desenvolver este tipo de pesquisa, possibilita a compreensão de um fenômeno contemporâneo da vida real em profundidade utilizando vastas fontes de evidências, como documentos, artefatos, entrevista, entre outros (YIN, 2010). O autor define o estudo de caso como o método que:

[...] permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a

mudança de vizinhança, o desempenho escolar, as relações internacionais e a maturação das industriais (YIN, 2010, p. 24).

Ao definir o estudo de caso como modalidade de pesquisa, deve-se optar pelo que se quer estudar, pelo tipo de conhecimento que se deseja estudar em particular, e não pela estratégia do método de investigação, pois o importante é estudar o caso. Portanto, o foco de interesse central é o caso que se pretende compreender, o qual se caracteriza tanto por ser uma unidade particular, como por ser comum. O caso pode ser constituído por “uma pessoa uma instituição, um programa inovador, ou um grupo social” (ANDRÉ, 2008, p. 24).

André (2008) fez a adaptação da etnografia ao estudo de caso para pesquisas em educação, utilizando os princípios e os métodos da etnografia, concebe-o como um estudo singular, tendo como foco o grupo social envolvido no processo educacional, sendo denominado pela autora de estudo de caso do tipo etnográfico.

Nesse sentido, define o uso do estudo de caso do tipo etnográfico em educação quando houver “interesse em conhecer uma instância em particular; compreender profundamente essa instância particular em sua complexidade e totalidade; e retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural” (ANDRÉ, 2008, p. 31).

O estudo de caso e as pesquisas qualitativas ou naturalísticas apresentam características semelhantes, como destacam Lüdke e André (1986), as quais visam à descoberta de novos conhecimentos; enfatizam a interpretação do contexto; retratam a realidade de forma completa e profunda; utilizam diversas fontes de informação; revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; representam os diferentes e em algumas situações os conflitos presentes numa situação social e apresentam o relatório do estudo de caso de várias formas, desde que acessível, possibilitando a aproximação com experiência pessoal do leitor.

O pesquisador, ao realizar estudo de um caso, deve inicialmente delimitar bem seus contornos, desenhando as fases de desenvolvimento da pesquisa. O desenvolvimento do estudo de caso foi organizado em três fases, seguindo as definições de Lüdke e André (1986):

- Fase exploratória: Iniciou-se de forma simples. Foi sendo delineado, com mais precisão, durante o desenvolvimento

do estudo. Neste momento definiram-se o caso, o contexto, os participantes, os procedimentos e instrumentos de coleta de informações. Embora ciente de que os elementos desta fase poderiam vir a ser confirmados, reformulados ou abandonados, tendo em vista os imprevistos e a pertinência durante a realização do estudo.

- Fase de delimitação do estudo e coleta dos dados: Ocorreu a partir do momento em que foram identificados os elementos-chave e os contornos do objeto de estudo. O pesquisador iniciou a coleta sistemática de informações, através dos diversos instrumentos concebidos previamente para o estudo, como: entrevista, estudos documentais, entre outros. Nesta fase os autores ressaltam a importância da delimitação do foco da investigação, pois entendem que não seja possível explorar o fenômeno na sua totalidade, sendo necessário seguir o propósito e a delimitação desenhados para a pesquisa.
- Fase de análise sistemática dos dados e de elaboração do relatório: A análise das informações ocorreu nas diversas fases da pesquisa, tendo início na fase exploratória e apresentando-se mais fortemente ao término da coleta de informações. Observou-se a necessidade de organizar, fazer análise das informações. As várias fases não se completam numa sequência lógica, estas se entrelaçam, propiciando momentos constantes de confronto entre a teoria e a empiria.

Na concepção de estudiosos, o estudo de caso retrata uma situação real, em suas múltiplas dimensões e complexidade (STAKE, 2007; ANDRÉ, 2008). Dessa forma, trabalhamos com o fenômeno que envolve o contexto real e particular do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, constituindo-se como a unidade singular para desenvolvimento do presente estudo.

5.1 Traçando a trajetória metodológica do estudo

As escolhas metodológicas descritas anteriormente revestem-se de profunda importância por se entender que o estudo de caso possibilitou

realizar a pesquisa sobre um fenômeno em uma situação real, respeitando sua contextualização e complexidade.

Na primeira fase do estudo de caso, a *fase exploratória*, foram definidos o caso, o contexto, os participantes e os instrumentos de coleta de informações, mas sabendo que os elementos desta fase poderiam vir a ser confirmados ou não, durante o estudo. A seguir descreve-se a trajetória utilizada no presente estudo, que consta dos seguintes itens: Definindo o Caso: o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; O curso técnico em enfermagem; Contextualizando o ambiente de formação do egresso da Escola de Enfermagem de Natal.

Definindo o Caso: o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Iniciou-se o delineamento do estudo a partir da experiência pessoal desta pesquisadora em trabalhar com a educação em enfermagem de nível médio ao longo dos anos. Entendendo que o profissional Técnico em Enfermagem, egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao concluir o seu percurso formativo apreendeu o perfil profissional mínimo necessário para ser titulado como Técnico em Enfermagem. Estando, assim, apto para utilizar seus conhecimentos e competências no cotidiano de seu trabalho nos serviços de saúde, prestando uma assistência de qualidade nos diversos níveis de atenção à saúde.

Os egressos são profissionais que contam com o reconhecimento da comunidade em geral, dos gerentes e enfermeiros de serviços de saúde, sejam instituições públicas ou privadas, como trabalhadores competentes, e tais informações são dadas em conversas e discussões informais. Os próprios egressos expressam sua satisfação em ter realizado o curso nesta Escola, e relatam informalmente o êxito e sucesso ao ingressarem no mundo do trabalho, seja em processos seletivos simplificados, seja em concursos públicos realizados em todo o território nacional.

O Curso Técnico em Enfermagem

Anualmente o curso técnico em enfermagem da EEN oferece 90 novas vagas, para a comunidade em geral, com carga horária de 1.810

horas, sendo 600 horas de estágio com supervisão direta realizada por um professor; o tempo mínimo de integralização das unidades curriculares é de vinte e quatro meses, como consta na matriz curricular (ANEXO B). Os candidatos devem atender às seguintes exigências: ter no mínimo 16 anos de idade, ensino médio completo ou estar cursando a última série, ser aprovado no teste seletivo (UFRN, 2009).

O curso pretende formar o técnico de enfermagem como cidadão, com competências e habilidades técnicas, políticas, humanas e éticas, para atuar como generalista e sob a supervisão do enfermeiro, na assistência à saúde coletiva e individual, através de um ensino com terminalidade, integralidade, interdisciplinaridade e flexibilidade.

O técnico de enfermagem formado por esse curso deve desenvolver suas atividades sob a supervisão do enfermeiro, do qual se espera que seja capaz de atender aos clientes nos cuidados de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação, obedecendo aos níveis menor e médio de conhecimentos e complexidade de ações, referenciadas nas necessidades de saúde individuais e coletivas, determinadas pelo processo saúde/doença.

Durante o curso precisa adquirir conhecimentos mínimos para ser titulado como Técnico em Enfermagem, como consta no plano de curso: Desempenhar ações de enfermagem nos níveis de promoção, proteção, recuperação e de reabilitação da saúde de indivíduos e/ou grupos sociais, excetuando-se os cuidados requeridos por pacientes graves e com risco de vida; Participar do planejamento, programação, orientação e supervisão das atividades de assistência de enfermagem; Desempenhar ações de enfermagem, inclusive para pacientes em estado grave, nos níveis de promoção, proteção, recuperação e de reabilitação da saúde de indivíduos e/ou grupos sociais, excetuando-se os cuidados a pacientes com risco de vida; Participar da prevenção e controle sistemático dos danos físicos decorrentes da assistência à saúde; Participar da prevenção e controle sistemáticos da infecção hospitalar; Atuar nos programas de higiene e segurança no trabalho; Participar da implementação de programa de vigilância à saúde; Desenvolver atividades de educação e comunicação em saúde; e Participar de programas e projetos de pesquisa (UFRN, 2009).

O perfil profissional de conclusão do curso técnico em enfermagem da EEN foi definido a partir da identidade do curso, conforme a Resolução CNE/CEB nº 04/99, consideradas as competências indicadas pelo MEC nos referenciais curriculares para a área profissional

de enfermagem; e também por se tratar de uma profissão regulamentada, foram observadas as atribuições determinadas na Lei do Exercício de Enfermagem, Lei Federal nº 7.498/86 e no Decreto nº 94.406/87, para garantir o registro profissional Conselho Regional de Enfermagem (UFRN, 2009).

O processo ensino-aprendizagem do curso técnico em enfermagem utiliza metodologias inovadoras como a da problematização, em que os conhecimentos sistematizados estão articulados em níveis crescentes de complexidade, de forma a garantir que, a partir de sucessivas aproximações com o objeto a ser apreendido, o aluno passe a apreendê-lo e a aplicá-lo. A reflexão problematizadora, acerca de sua participação no processo de trabalho em saúde e em enfermagem, é necessária na busca de compreensão e transformação dessa realidade.

O Curso desenvolve-se em momentos presenciais em sala de aula, trabalhos e discussões em grupos sobre os temas propostos, visitas às instituições de saúde e da comunidade. As aulas práticas são desenvolvidas de forma simulada em laboratório de enfermagem e nas unidades de saúde, de acordo com a especificidade das unidades que estiverem sendo trabalhadas no momento, conforme Matriz Curricular proposta no Plano de Curso (UFRN, 2009).

Os Estágios Supervisionados são de caráter obrigatório e compreendem unidades de baixa, média e alta complexidade, atendendo ao exigido pela Lei do Exercício Profissional e da Educação Profissional, onde o aluno deve consolidar os conhecimentos teóricos e habilidades, de forma a adquirir competências profissionais para exercer sua função.

A avaliação da aprendizagem do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal compreende fases que são complementares e consta de avaliações parciais; avaliações de práticas e estágio supervisionado; e avaliação do desempenho final (UFRN, 2009).

Contextualizando o ambiente de formação do egresso da Escola de Enfermagem de Natal

O ensino profissional da enfermagem inicia-se no Rio Grande do Norte, com a criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, sob a Portaria Ministerial nº 381, de 07 de dezembro de 1955, publicada no Diário Oficial do Distrito Federal de 13 de dezembro do mesmo ano. Seu funcionamento ocorre a partir de 1956 e o reconhecimento se dá em 17 de outubro de 1960. Sob a direção da enfermeira Maria de Lourdes

Lopes, funcionou provisoriamente no Pavilhão Santa Isabel do Hospital Miguel Couto, sendo mantida pela Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, que oferecia, através de suas enfermeiras, assessoramento, supervisão e avaliação didático-pedagógica (TIMOTEO, 1997).

A escola seguia assim os critérios e rigor das escolas de enfermagem do país. As alunas eram selecionadas atendendo aos pré-requisitos: idade mínima de 16 anos, conclusão do curso primário ou cursando o ginásial, atestado de sanidade física e idoneidade moral e aprovação no exame das matérias de português, aritmética, geografia e história (TIMOTEO, 1997).

Ao longo de mais de cinquenta anos de existência, a Escola de Enfermagem de Natal é integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, órgão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tem como missão promover a profissionalização cidadã dos educandos para atuar em diversos níveis de atenção à saúde, de forma integral e crítica, considerando os princípios éticos, técnicos, políticos e humanos, na perspectiva de contribuir para a melhoria das condições de saúde da população.

Encontra-se sediada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, com uma população de 803.739 habitantes (IBGE, 2014), localizada na zona sul desta capital, que nas últimas décadas vem apresentando um crescimento econômico significativo, no qual se destacam os serviços sociais e de saúde, através de grandes investimentos com as aberturas de novas unidades hospitalares e clínicas especializadas.

Hoje, nesse município, contamos com 12 escolas técnicas em Enfermagem de nível médio, buscando desenvolver competências, habilidades, conhecimentos e atualizações científicas e tecnológicas. A maioria é formada por escolas de caráter privado, sendo apenas uma pública, que atende ao mercado aberto. Todas são vinculadas ao Fórum de Escolas da Associação Brasileira de Enfermagem – Secção RN, onde buscam organizar as atividades teórico-práticas, estágios, e desenvolver estudos para melhor desenvolver suas atividades.

A EEN é uma unidade de ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), conforme Decreto Federal nº 49.120-A, de 17 de outubro de 1960, publicado no D.O.U. em 18 de novembro de 1960, e reestruturada em 06 de novembro de 1997 conforme Resolução nº 70/97 CONSAD. Tem como objetivo profissionalizar e qualificar trabalhadores da saúde, de enfermagem e a comunidade em geral.

Atualmente, a EEN oferece os seguintes cursos: Técnico em Enfermagem, em Registros e Informações em Saúde, em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, em Vigilância em Saúde, em Agente Comunitário de Saúde, em Análises Clínicas e Técnico em Segurança no Trabalho. Além do curso de Graduação Tecnológica em Gestão Hospitalar, com duas entradas anuais. E também oferta dois cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, em Vigilância Sanitária e em Gestão em Saúde, sendo este último na modalidade a distância. Cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores são ofertados através de programas do Ministério da Educação, como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, os quais são desenvolvidos em polos descentralizados em outros municípios do estado como: Santa Cruz, Parnamirim, Maxaranguape e Parazinho.

A Escola funciona em espaço físico próprio, no *campus* central da UFRN, contíguo às instalações dos cursos de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. A EEN conta com 1.297,96 m² de área construída exclusiva. As instalações possuem três pavimentos, contendo salas de aula; salas de professores; biblioteca setorial; laboratórios de enfermagem, informática e práticas corporais; auditórios, anfiteatros, sala para reunião; sala para o grupo de pesquisa; e ambientes administrativos. As atividades teórico-práticas e estágio supervisionado são desenvolvidos nas unidades hospitalares da própria universidade, e nas unidades de saúde do SUS com as quais a UFRN possui convênio.

O corpo docente é constituído por professores efetivos da UFRN, por professores cedidos da SEC/RN mediante convênio e por professores substitutos, dos quais: trinta e sete professores efetivos, sendo um especialista, vinte e sete mestres, nove doutores, seis professores cedidos pela Secretaria de Educação do Estado, oito professores substitutos. Conta também com doze servidores técnico-administrativos, funcionários terceirizados, bolsistas de apoio técnico, bolsistas de pesquisa, desenvolvendo vinte e seis projetos de pesquisa e trinta e dois de extensão (UFRN, [2015?]).

Os discentes são matriculados ao serem aprovados em processo seletivo, que se realiza anualmente, através de edital público, específico para a Escola. Atende uma clientela proveniente da própria capital do estado e dos municípios que constituem a região metropolitana de Natal, entre eles: Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Ceará-Mirim, Macaíba, Monte Alegre, Nísia Floresta, São Jose de Mipibu e Vera Cruz.

5.1.1 Participantes da Pesquisa

Com a autorização dos representantes das instituições de saúde e da Escola e a devida aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, iniciamos a coleta de informações, que compreendeu o período de julho de 2014 a setembro de 2014. Primeiramente, realizamos contato prévio com as chefias dos serviços de enfermagem para apresentação do projeto de pesquisa. Após essa autorização, iniciou-se a pesquisa em documentos como escalas de serviço, relação nominal dos profissionais enfermagem de nível médio. Após identificação dos egressos do CTE da EEN, contatamos os Técnicos em Enfermagem e Enfermeiros para convidá-los a participar do estudo. As informações foram coletadas pela doutoranda.

Participaram da pesquisa vinte egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, e seis enfermeiros gerentes de enfermagem de serviços de saúde, todos integravam o SUS, trabalhando em serviços públicos e privados, na cidade do Natal/RN.

Os egressos da Escola de Enfermagem de Natal foram selecionados pelo motivo de esta instituição vir sistematicamente analisando a formação do técnico em enfermagem, atualizando seu projeto pedagógico, onde concebe formar um profissional/cidadão crítico, reflexivo, com competências e habilidades técnicas, políticas, humanas e éticas que o capacitem a atuar como generalista, na saúde individual e coletiva, comprometido com a integralidade da assistência humanitária e os princípios do SUS (UFRN, 2009).

Os egressos participantes do estudo concluíram o curso técnico em enfermagem na EEN, no período entre 2003 e 2012, e estavam inseridos no mercado de trabalho. Elegemos o período de dez anos, em que se teve a formação de um número representativo de profissionais de enfermagem à luz do currículo implementado a partir do ano de 2000, com adequação aos referenciais curriculares e às DCNs.

Para a realização da pesquisa foi selecionada, do universo de 362 egressos curso técnico em enfermagem na modalidade subsequente, uma amostragem de 20 egressos que aceitaram participar da pesquisa concedendo entrevista. Assim, foram escolhidos egressos dos distritos sanitários dentre os cinco que integram o Município de Natal/RN. Inicialmente foram identificados os egressos do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que estavam trabalhando nas unidades de saúde dos cinco distritos sanitários de Natal/RN

denominados de distritos: Norte I, Norte II, Leste, Oeste e Sul, como apresentado na Figura I.

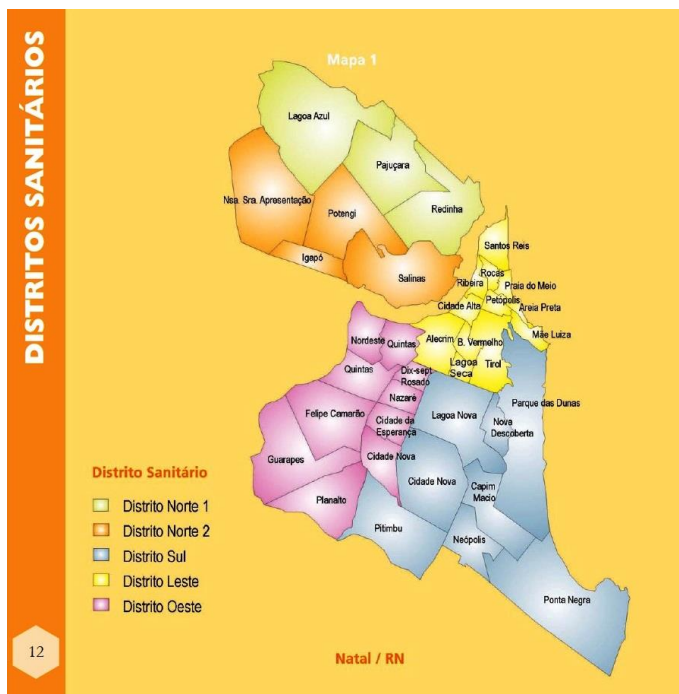
Selecionamos os seguintes serviços de saúde, de natureza pública: a Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por serem os maiores empregadores de profissionais da saúde do estado, e consequentemente possuem o maior número de trabalhadores de enfermagem de nível médio, e três hospitais de natureza privada, através de sorteio dentre os de maior porte.

Com a cessão de documentos contendo a relação nominal dos trabalhadores de nível técnico em enfermagem dos serviços de saúde previamente selecionados, foi realizado o cruzamento destes com a relação nominal dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, cedida pelo Departamento de Recursos Humanos ou pela gerência de enfermagem das instituições de saúde e pela secretária escolar, respectivamente, sendo identificados os egressos que concluíram o curso no período entre 2003 e 2012. Do universo de 143 egressos localizados através do cruzamento das relações nominais, identificamos as unidades e ou setores em que estes desenvolviam suas atividades.

Os egressos foram localizados trabalhando em várias esferas administrativas, nos seguintes ambientes de saúde: Serviço Público Federal: Departamento Saúde do Trabalhador, Hospital Geral, Maternidade; Serviço Público Estadual: Hospital Geral, Hospital Infantil, Hospital de Doenças Infectocontagiosas; Serviço Público Municipal: Unidade Básica de Saúde, Unidade Mista de Saúde, Hospital Infantil; Serviço Privado: Hospital Materno-Infantil, Hospital Oncológico, Hospital de Policlínica e um egresso atuando como docente em uma Escola Técnica.

Também participaram da pesquisa seis enfermeiras gerentes de enfermagem que integravam a mesma equipe de enfermagem dos egressos participantes da pesquisa, atuando nos serviços de saúde do SUS, em Natal. As gerentes selecionadas acompanhavam o desenvolvimento das atividades realizadas pelos técnicos em enfermagem egressos da EEN, que trabalhavam sob a sua supervisão nestas unidades. Os gerentes de enfermagem foram selecionados por sorteio entre os serviços de saúde nos quais atuavam os egressos do curso. Visando atender aos critérios de inclusão e exclusão, devido ao rodízio de setores e ao turno de trabalho, em alguns serviços a chefia de enfermagem relacionou as enfermeiras que poderiam atender aos critérios.

Figura 1 – Mapa com distribuição dos distritos sanitário da cidade de Natal/RN, em 2007



Fonte: Prefeitura Municipal do Natal, 2007.

Prosseguiu o estudo de caso, na *fase de delimitação do estudo e coleta dos dados*, com os elementos-chave e os contornos do objeto de estudo identificados. A coleta sistemática de informações foi iniciada através dos instrumentos concebidos previamente para o estudo, como: entrevista e estudos documentais, focalizando a investigação da delimitação de acordo com o propósito e delimitação desenhados para a pesquisa.

5.1.2 Coleta das informações

A coleta das informações ocorreu no período de julho a setembro de 2014, sendo realizados estudos documentais e entrevistas

semiestruturadas. Foi desenvolvida em duas etapas complementares de coleta de informações.

A primeira consistiu em localizar no Sistema Único de Saúde, nos serviços de saúde de natureza pública e privada, egressos do curso técnico de Enfermagem da EEN que concluíram o curso no período de 2003 a 2012, com atuação na capital do estado, contemplando os cinco distritos sanitários. O cruzamento dos nomes dos Técnicos de Enfermagem das unidades de saúde com os nomes dos concluintes do CTE da EEN foi tabulado no programa Excel® 2010, resultando na identificação dos egressos do CTE da EEN em seus respectivos locais de trabalho.

Na segunda etapa da coleta de informações, realizamos as entrevistas individuais, a partir da relação dos egressos por unidade de saúde. Participaram do estudo 20 egressos, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar trabalhando no SUS, ter concluído o curso técnico em enfermagem na EEN/ UFRN, atuar profissionalmente na capital do estado. Foram excluídos da pesquisa os sujeitos que concluíram o curso técnico em enfermagem em outras escolas técnicas, que concluíram o Curso Técnico em Enfermagem na Escola de Enfermagem de Natal em período diferente do exigido, estavam ausentes por motivo de férias ou licença de qualquer natureza. Os egressos foram localizados no próprio local de trabalho ou através de ligação telefônica.

As seis enfermeiras que participaram da pesquisa atenderam aos seguintes critérios de inclusão: aceitar participar da pesquisa, ser enfermeiro, gerente de enfermagem dos serviços de saúde que integram o SUS, em Natal; acompanhar e supervisionar o desenvolvimento das atividades realizadas pelos técnicos em enfermagem egressos da EEN. Foram excluídos da pesquisa os sujeitos que estavam ausentes do trabalho por qualquer motivo.

As entrevistas com os egressos do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal e enfermeiros gerentes de enfermagem das unidades de saúde de Natal foram agendadas previamente, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos e local indicado por eles.

Para as entrevistas foram utilizados os instrumentos apresentados no Apêndice A – Roteiro de Entrevista dos Egressos, contendo caracterização pessoal (sexo, idade, profissão, escolaridade) e profissional (área de atuação, condição de emprego, número de vínculos, instituição de trabalho e setor, função, inserção e forma de contratação). E no Apêndice B – Roteiro de Entrevista dos Enfermeiros, contendo

caracterização pessoal (sexo, idade, profissão, escolaridade) e profissional (instituição de trabalho, tipo, setor e função e tempo de trabalho na instituição).

Os dois roteiros de entrevistas possuíam questões abertas com o intuito de compreender o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que atua no Sistema Único de Saúde a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

O roteiro de entrevista foi usado de forma flexível, respeitando a dinâmica de interação entrevistado/entrevistador, visto que, em alguns momentos, o participante antecipava algumas informações, o que tornava desnecessário coletá-las novamente; foram solicitados maiores esclarecimentos de depoimentos, com o intuito de se ter maior clareza da informação prestada.

Antes de iniciar as entrevistas, gravadas em áudio digital, foram dados os devidos esclarecimentos, sendo então autorizado o uso de gravador, o qual foi importante para captar as informações de forma precisa, que foram transcritas na íntegra.

Para a transcrição, a pesquisadora contou com a colaboração de pessoas prestadoras desse serviço. A pesquisadora revia toda a entrevista transcrita e corrigia possíveis erros de linguagem.

5.1.3 Análise das informações

No estudo de caso esta fase é denominada de *análise sistemática dos dados* e de *elaboração do relatório*, no entanto a análise das informações vinha ocorrendo desde a fase exploratória, apresentando-se mais fortemente ao término da coleta de informações.

Portanto, a análise das informações está presente nas várias fases do estudo de forma a tornar-se mais sistemática e formal após o término da coleta de informações. No que se refere à análise das informações, Bauer e Gaskell (2002, p. 492) afirmam que qualquer abordagem quantitativa ou qualitativa necessita “reduzir a complexidade do material dos dados, para se chegar a uma interpretação coerente do que é pertinente e do que não é”. Segundo Myers (2002, p. 271), se faz necessário “reduzir os dados a categorias de forma que o pesquisador possa usar em uma argumentação”.

Neste estudo de caso iniciamos a análise das informações das entrevistas concomitante com a coleta de dados, utilizando a análise de

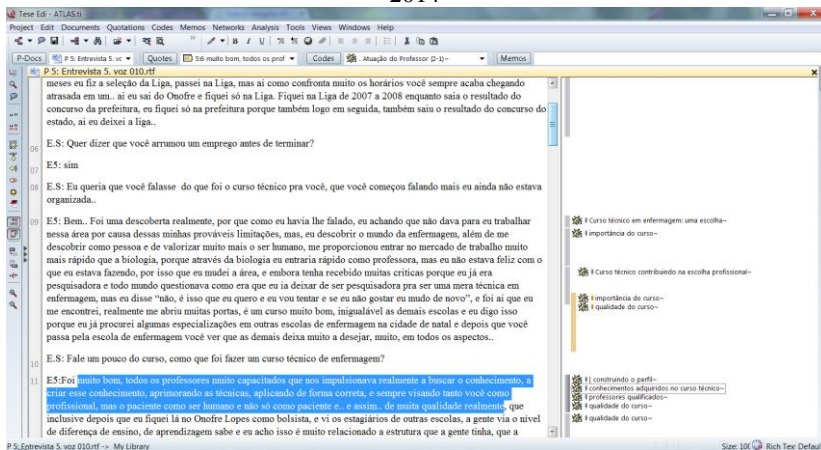
conteúdo do tipo temática concebida por Minayo (2010). A análise temática constituiu-se em três etapas. O material foi organizado e aplicado às três etapas da análise temática definidas pela autora como pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

A primeira etapa, chamada de *pré-análise*, consta da definição de informações que foram analisadas a partir da leitura flutuante, da constituição do *corpus* e formulação e reformulação de hipóteses e objetivos. Nesta etapa definiram-se a unidade de registro, a unidade de contexto, os recortes, a forma de categorização, o modo de codificação e os conceitos teóricos que orientaram a análise (MINAYO, 2010).

Na segunda etapa, denominada de *exploração do material* ou *codificação*, realizamos a classificação das informações, alcançando o núcleo de compreensão do texto, categorizando as falas. Organizamos as informações coletadas e transcritas. Inicialmente as informações coletadas nos dados iniciais dos roteiros de entrevistas foram tabuladas no programa Excel® 2010.

Prosseguindo, a pesquisadora realizou a leitura das entrevistas e em seguida inseria no *software* de análise de dados qualitativos, ATLAS.ti versão 7, com a licença 77E1A-525D7-3937P-RKWP1-00AM3. Neste *software* foram realizados a organização dos dados e o processo de codificação, como observamos na Figura 2. Com o objetivo de compreender as entrevistas, exploramos o material, buscando os núcleos de sentido nas falas que contêm palavras, ideias ou expressões comuns ou que tenham relação entre si, favorecendo a definição de categorias significativas, com o objetivo de compreender o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que atua no Sistema Único de Saúde a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

Figura 2 — Tela do ATLAS.ti apresentando a entrevista transcrita e os códigos, 2014



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2014.

Ao explorar o material empírico, procuramos identificar nos fragmentos das falas depoimentos mais significativos, pontos convergentes e divergentes, contidos nas falas dos entrevistados, utilizando-se o *software* para facilitar a seleção dos temas. Dessa forma, a partir do agrupamento das falas ou expressões que *a priori* continham o mesmo sentido, foram estabelecidas as categorias temáticas: informações pessoais, e profissionais, inserção do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal no mundo do trabalho, conhecimentos adquiridos pelos egressos ao longo do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal e o Egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal no cotidiano do trabalho.

Em na terceira e última etapa, nominada de tratamento dos resultados obtidos, foram realizadas, a partir da análise das informações, interpretações à luz da literatura, ressaltando então os significados encontrados, apresentando o resultado final da pesquisa (MINAYO, 2010).

Por conseguinte, procedeu-se à interpretação das elaborações empíricas traduzidas no relatório final do estudo de caso sobre o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja reflexão e análise

tomou como referência os aportes teóricos do estudo e os depoimentos obtidos nas entrevistas individuais. Para esta fase, foram fundamentais os trabalhos de Freire (1979, 1985, 2003, 2004, 2010, 2011a, 2011b, 2011c, 2011d), Frigotto (2010); Pereira e Ramos (2006); Pereira (2007, 2008); Germano (1993); Silva e Timoteo (2007); Christófaró, Melo e Gussi (2003); Reibnitz e Prado (2006), entre outros.

A seguir apresentamos um panorama da organização dos manuscritos, a partir das categorias temáticas que emergiram da análise dos dados.

Figura 3 – Demonstrativo dos resultados da análise apresentando os temas e subtemas, objetivos e título dos manuscritos

Título dos manuscritos	Objetivo	Temas	Subtemas
1. Caracterização sociodemográfica de 1. Caracterização sociodemográfica e dos Egressos do Curso Técnico em Enfermagem da EEN	Caracterizar o perfil sociodemográfico do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que encontra-se trabalhando no Sistema Único de Saúde.	Informações pessoais, e profissionais	- idade, sexo e escolaridade, tipo de instituição de ensino; - tipo de vínculo empregatício, número de vínculos, forma de ingresso no mercado de trabalho, atuação profissional, tipos de unidades de saúde, setor de trabalho, ano e forma de contratação na função de técnico em enfermagem.
2. Formação profissional em enfermagem e inserção no mundo do trabalho	Identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a inserção do egresso do curso técnico em enfermagem no mundo do trabalho e a aplicabilidade do perfil apreendido no curso técnico em enfermagem de uma escola pública de enfermagem.	Inserção do egresso do CTE da EEN no mundo do Trabalho	- Sentindo-se preparada para o primeiro emprego; - Enfrentando as dificuldades da profissão; - Usando os conhecimentos para melhorar a qualidade do trabalho.
3. Perfil profissional apreendido pelo Egresso do Curso Técnico em Enfermagem	Conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal apreendeu o perfil profissional	Conhecimentos adquiridos pelos egressos ao longo do CTE O Egresso do CTE no cotidiano do trabalho	- Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem; - Características essenciais ao trabalhador da enfermagem; - Comportamento ético e postura profissional; - O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem; - Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos.

Fonte: Resultados da análise das informações. Florianópolis, 2015.

5.1.4 Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa, submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através da Plataforma Brasil, em atendimento à Resolução CNS nº 466/2012, foi aprovada mediante o Parecer nº 725.679 e CAAE: 32999614.4.0000.0121 (ANEXO C).

Os participantes da pesquisa, egressos e enfermeiros, foram informados dos objetivos e métodos desenhados para a pesquisa, sendo a participação voluntária. Solicitou-se aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando cada entrevistado com uma cópia e a outra, com o pesquisador (APÊNDICE A e B). Fica garantida, assim, a confidencialidade da identidade e das informações. Também ficaram livres para desistir, caso desejassem retirar seu consentimento, sem que isso lhes trouxesse nenhum prejuízo ou penalidade.

As instituições envolvidas, como a Escola de Enfermagem de Natal e as Unidades de Saúde, mediante solicitação e apresentação do projeto, também assinaram o Termo de Autorização da Instituição para a realização do estudo (APÊNDICES C e D).

As entrevistas gravadas foram transcritas, ficando sob a guarda da pesquisadora, havendo o compromisso de manter o sigilo e anonimato dos informantes. O anonimato dos participantes foi preservado ao se adotar códigos de identificação nos depoimentos por meio da letra “E” para os egressos e “G” para os gerentes de enfermagem, associadas a um número (E01, E02, ..., E20 e G01, G02, ..., G06).

Os resultados obtidos no estudo serão utilizados para fins acadêmicos e científicos.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

Neste capítulo, expomos os resultados da pesquisa obtidos a partir da coleta de informação e do processo de análise dos significados encontrados, organizados em categorias temáticas que ora passamos a apresentar no formato de manuscritos científicos. Atendendo à instrução normativa do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, que determina que os resultados nas teses de doutorado sejam apresentados em tal formato.

O primeiro manuscrito, intitulado “Caracterização sociodemográfica dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal”, buscou caracterizar o perfil sociodemográfico dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte inseridos no Sistema Único de Saúde em instituições de natureza pública e privada.

O segundo manuscrito, denominado “Formação profissional de técnicos em enfermagem e a inserção no mundo do trabalho”, revela os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a inserção do egresso do curso técnico em enfermagem no mundo do trabalho e a aplicabilidade do perfil apreendido no curso técnico em enfermagem de uma escola pública de enfermagem. Participaram do estudo egressos do curso técnico em enfermagem na EEN/ UFRN.

O terceiro manuscrito, “Perfil profissional apreendido pelo egresso do curso técnico em enfermagem”, buscou conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal apreendeu o perfil profissional durante o processo de formação e como os gerentes de enfermagem observavam esta formação na atuação profissional deste egresso no mundo do trabalho.

Passamos neste momento a apresentar os manuscritos.

6.1 Manuscrito I: Caracterização sociodemográfica dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DA EEN

SOCIODEMOGRAPHIC CHARACTERIZATION OF EGRESS OF THE NURSING TECHNICIAN COURSE OF EEN

CARACTERIZACIÓN SOCIODEMOGRÁFICA DE LOS EGRESADOS DEL CURSO TÉCNICO EN ENFERMERÍA DE LA EEN

RESUMO

Estudo descritivo, exploratório, teve como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Participaram do estudo 20 egressos do curso técnico em enfermagem na EEN/UFRN que concluíram o curso no período entre 2003 e 2012, e encontravam-se atuando profissionalmente na capital do estado nas unidades de saúde integrantes do SUS. Os resultados revelaram que na sua maioria os egressos eram mulheres jovens com inserção no mercado de trabalho especialmente no serviço público. Prosseguiram estudando objetivando elevar a escolaridade em cursos de graduação e pós-graduação. Os egressos desenvolviam suas atividades em unidades hospitalares, maternidades, unidades básicas e mistas de saúde e como docentes. Observa-se que atuavam em setores de maior complexidade, seja nos serviços públicos ou privados.

Descritores: Educação em Enfermagem. Educação Técnica em Enfermagem. Estudantes de Enfermagem. Força de Trabalho.

ABSTRACT

Descriptive, exploratory study, aimed to characterize the sociodemographic profile of egress of nursing technician course of the Escola de Enfermagem de Natal of Universidade Federal do Rio Grande do Norte. The study included 20 egress of the nursing technician course

of EEN/UFRN which completed the course between 2003 and 2012, and found themselves acting professionally in the state capital in health facilities integrating SUS. The results revealed that most of the egress were young women with insertion on labor work especially in the public service. They continued studying in order to raise their education through graduation courses and post-graduation. The egress developed their activities in hospital unities, maternities, basic and mixed health unities and as teachers. It is observed that operated in more complex services, whether in public or private services.

Keywords: Education in Nursing. Technical Education in Nursing. Nursing. Workforce.

RESUMEN

Estudio descriptivo, exploratorio, tuvo como objetivo caracterizar el perfil sociodemográfico de los egresados del curso técnico en enfermería de la Escuela de Enfermería de Natal de la Universidad Federal del Río Grande del Norte. Participaron de la investigación 20 egresados del curso técnico en enfermería en la EEN/UFRN, que concluyeron el curso entre el período del 2003 al 2012, y que estaban actuando profesionalmente en la capital del estado en las unidades de salud integrantes del SUS. Los resultados han demostrado que en su mayoría los egresados eran mujeres jóvenes con inserción en el mercado de trabajo especialmente en el trabajo público. Siguieron estudiando objetivando elevar su escolaridad por medio de carreras universitarias de grado y postgrado. Estos egresados desarrollaron sus actividades en unidades hospitalarias, maternidades, unidades básicas y mixtas de salud y como docentes. Se observa que actuaban en trabajos de mayor complejidad, sea en el sector público o privado.

Descritores: Educación en Enfermería. Educación Técnica en Enfermería. Enfermería. Fuerza de Trabajo.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a educação dos trabalhadores da saúde, focalizando principalmente a educação profissional em nível técnico, respeitando toda a trajetória histórica vivenciada pelos profissionais da

saúde brasileira, se faz necessário refletir também sobre o mundo do trabalho, da saúde e da educação (PEREIRA; RAMOS, 2006).

Na sociedade brasileira os temas educação e trabalho precisam articular-se objetivando acompanhar o projeto de desenvolvimento econômico e social desenhado pelas políticas públicas, nas diversas esferas de governo (PRONKO et al., 2011). Para atender tal demanda, a força de trabalho precisa de uma formação profissional que atenda as constantes transformações do mundo do trabalho. Quanto ao trabalhador que vive neste mundo contemporâneo de permanentes mudanças e transformações, para ingressar e manter-se no mundo do trabalho necessita permanentemente buscar atualização e titulação (PAIVA et al., 2011).

No Brasil, a educação profissional e tecnológica vem passando por modificações desde a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394, de 1996, que estabeleceu uma política de educação profissional nacional, definindo a preparação para o exercício de profissões em nível básico, técnico e tecnológico. Para responder a tal desafio, desde a primeira década do século XXI a rede federal de educação profissional passa por uma marcante expansão com o aumento do número de escolas. A referida expansão busca especialmente a interiorização da educação profissional, realizando mais que o dobro da oferta de matrículas de educação profissional da rede federal no país, apresentando um crescimento de cerca 108% nos últimos seis anos (BRASIL, 2014), atendendo assim à demanda econômica e social.

Na educação profissional, com todos os seus atos normativos, os cursos em nível técnico seguem uma política de sistematização e organização da oferta de cursos orientada pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), que congrega cursos de uma mesma área através de eixos tecnológicos, dentre os quais a saúde, que encontra-se situada no eixo ambiente e saúde. O catálogo é referência para os diversos sistemas de ensino brasileiros, o qual contempla a nomenclatura do curso, a carga horária e o perfil descritivo (BRASIL, 2012).

Atualmente as escolas, para ofertar o curso técnico em enfermagem, seguem orientação das diretrizes curriculares nacionais, com perfil e competências norteados pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, em atendimento às orientações do Ministério da Educação (MEC), Ministério da Saúde e da ABEn. O curso técnico em enfermagem integra o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, com carga

horária mínima de 1.200 horas e traz inclusive orientação que, ao término do curso, o egresso deve ter apreendido o seguinte perfil profissional:

Atua na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação dos processos saúde-doença. Colabora com o atendimento das necessidades de saúde dos pacientes e comunidade, em todas as faixas etárias. Promove ações de orientação e preparo do paciente para exames. Realiza cuidados de enfermagem, tais como: curativos, administração de medicamentos e vacinas, nebulizações, banho de leito, mensuração antropométrica e verificação de sinais vitais, dentre outros. Presta assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos. (BRASIL, 2012, online).

Wermelinger, Amâncio Filho e Machado (2011), ao tratarem sobre a formação dos trabalhadores da saúde, consideram que o ensino precisa focar nos princípios e nas diretrizes do Sistema Único de Saúde. Corroboram com a discussão Siqueira-Batista et al. (2013, p. 161), dizendo que “o desafio de concretizar a universalidade do acesso, a equidade e a integralidade das ações esbarra, em parte, no perfil de formação dos profissionais da saúde”. Reforçando a discussão, ressaltam que:

[...] é necessário considerar os meios e modos como essa formação vem ocorrendo, ou seja, se os conteúdos curriculares e as metodologias de ensino empregadas permitem que o aluno tanto aprenda os procedimentos técnicos indispensáveis ao exercício de uma profissão como, também, desenvolva consciência crítica em relação à realidade circundante, para intervir nessa mesma realidade (WERMELINGER; AMÂNCIO FILHO; MACHADO, 2011, p. 62).

Na atualidade, para acompanhar as transformações do mundo contemporâneo para a educação em saúde e enfermagem, se constitui como um grande desafio atender aos requisitos técnicos exigidos à força de trabalho, como também respeitar o compromisso ético de formar

profissionais com visão crítica, humanizada, com conhecimento e capacidade de pensar, agir e lidar com os problemas do povo brasileiro.

Os órgãos de classe da categoria de enfermagem, desde o princípio, têm participado ativamente das discussões sobre o processo de formação do técnico em enfermagem, através de encontros, seminários, congressos e oficinas de âmbito nacional e regionais (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

No Brasil, segundo o cadastro nacional de cursos de Educação Profissional de nível técnico do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2007, existiam 1277 cursos técnicos em enfermagem, perfazendo um total de “42,69% de cursos técnicos da área da saúde” (PRONKO et al., 2011). Os autores chamam a atenção para o crescente processo de abertura de novos cursos, especialmente no setor privado, considerando pequeno o investimento do setor público na área da saúde e particularmente na enfermagem. O número de cursos técnicos em enfermagem mais que dobrou nos últimos anos, fato que identificamos em 2015, no Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica, com cerca de 3.383 cursos técnicos em enfermagem no país, através de Consulta Pública das Escolas e Cursos Técnicos Regulares nos Sistemas de Ensino e Cadastrados no MEC (BRASIL, [2015?]).

Segundo o Censo Escolar 2013, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), destaca-se que no país, entre os dez cursos da educação profissional com maior número de alunos, o curso técnico em enfermagem é o mais procurado na rede privada, registrando 121.357 (17,6%) matrículas. Já na rede pública o curso técnico em enfermagem encontra-se na quinta posição, contando com 32.475 (4,3%) matrículas dentre os dez cursos com maior número de alunos (BRASIL, 2014).

A Escola de Enfermagem de Natal vem profissionalizando trabalhadores de nível médio em enfermagem desde sua criação em 1955, quando iniciou a oferta de cursos de auxiliares de enfermagem. O curso técnico em enfermagem teve início na Escola em 1974. O curso era oferecido através de vagas abertas e em convênio com escolas públicas e privadas, em atendimento à Lei nº 5692, de 1971, que tornava o ensino de 2º grau obrigatório, sendo a escola a única a ofertar os dois cursos na capital (SILVA; AQUINO; GERMANO, 2006).

Hoje a EEN é a única escola pública na capital a oferecer o curso técnico em enfermagem regular aberto à comunidade, com responsabilidade e determinação no desenvolvimento do plano de curso,

primando pela qualidade da formação, sendo assim referência na educação profissional em enfermagem no estado. Ressaltamos que no estado existe uma Escola Técnica do SUS, denominada de Centro de Formação de Pessoal para os Serviços de Saúde “Dr. Manoel da Costa Souza”, cuja proposta de capacitação oferecida compreende a formação inicial e continuada, educação profissional de nível médio, especialização técnica e programa de capacitação técnico-pedagógica para docentes (CEFOPE, [2015?]).

Frente ao contexto descrito, o presente estudo tem como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte inseridos no Sistema Único de Saúde, em instituições de natureza pública e privada.

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Ressalta-se que o presente estudo integra uma pesquisa maior sobre “o egresso do curso técnico em enfermagem: formação profissional e a inserção no mundo do trabalho”.

Trata-se de estudo descritivo, exploratório para caracterizar o perfil dos egressos do curso técnico em enfermagem. Os estudos de natureza descritiva possibilitam ao pesquisador ter acesso a informações necessárias para descrever fatos e ou fenômenos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 2012). Os dados foram coletados por meio de análise documental e de informações contidas nas entrevistas.

Para a coleta de dados, utilizaram-se como fonte complementar documentos institucionais como: relação dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, relação nominal dos técnicos em enfermagem e escala de serviço das instituições participantes. Por meio dos documentos foram localizados no Sistema Único de Saúde, nos serviços de saúde de natureza pública e privada, egressos do curso técnico de Enfermagem da EEN que concluíram o curso no período de 2003 a 2012, com atuação na capital do estado, contemplando os cinco distritos sanitários. Do universo dos egressos localizados através do cruzamento das relações nominais, identificamos as unidades e/ou setores em que estes desenvolviam suas atividades.

Participaram do estudo 20 egressos que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar trabalhando no SUS, ter concluído o curso técnico em enfermagem na EEN/UFRN, no período entre 2003 e 2012,

atuar profissionalmente na capital do estado. Estes foram localizados por busca ativa no próprio local de trabalho ou através de ligação telefônica.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com informações pessoais, como: idade, sexo e escolaridade, tipo de instituição de ensino; e profissionais, como tipo de vínculo empregatício, número de vínculos, forma de ingresso no mercado de trabalho, atuação profissional, tipos de unidades de saúde, setor de trabalho, ano e forma de contratação na função de técnico em enfermagem. Essas entrevistas ocorreram no período de julho a setembro de 2014, em local previamente definido pelos egressos, sendo registradas em gravador digital, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes. Os dados foram organizados no *software* Microsoft Excel. A análise das informações se deu por meio de estatística simples, com os resultados agrupados e apresentados em forma de gráficos e tabelas.

Foram respeitados os princípios éticos colocados na Resolução CNS nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e os princípios do Código de Ética profissional para normatizar as atividades investigativas. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Parecer nº 725.679/2014.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No período de dez anos, período compreendido entre 2003 e 2012, o curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte formou 362 técnicos em enfermagem na modalidade subsequente (UFRN, 2014). Visando atender aos critérios de inclusão da pesquisa, buscamos localizar os egressos do referido curso no período pré-definido que estivessem trabalhando nas instituições de saúde previamente selecionadas, através de documentos institucionais como: escalas de serviços, relação nominal de trabalhadores da enfermagem e relatório de servidores de nível médio da enfermagem.

Foram localizados 143 (40%) egressos, trabalhadores de nível médio em enfermagem, formados no curso de técnicos em enfermagem, desenvolvendo atividades em instituições de saúde na capital do estado, sendo selecionados 20 egressos. Na Tabela 1 pode-se observar o número de egressos formado por ano, os que foram localizados e também o número dos respondentes selecionados por ano de conclusão de curso.

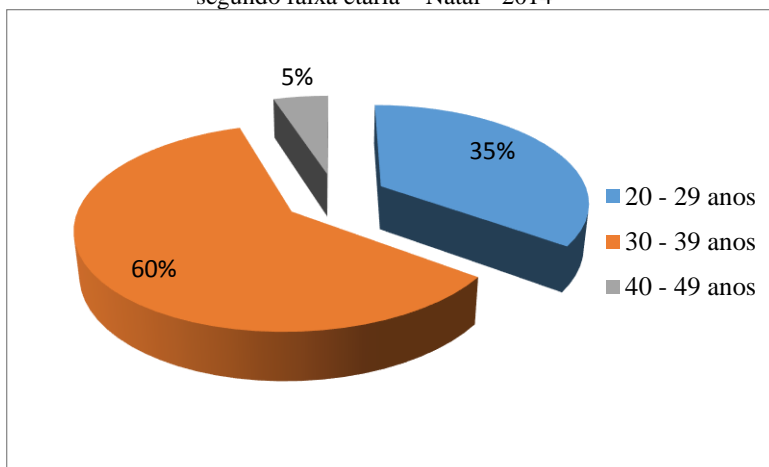
Tabela 1 – Distribuição de acordo com o ano, os concluintes por turma, o número de egressos localizados nos serviços de saúde e os participantes do estudo - Natal - 2014

Ano de conclusão	Número de concluintes por turma	Egressos localizados /serviços saúde	Egressos entrevistados
2003	35	12	1
2004	26	9	2
2006	30	17	5
2007	31	14	7
2008	30	23	0
2009	22	16	1
2010	81	35	2
2011	54	12	1
2012	53	5	1
TOTAL	362	143	20

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Os egressos do curso do técnico em enfermagem da EEN participantes deste estudo configuram-se, na sua maioria, como mulheres (85%), integrantes da equipe de enfermagem de diversas instituições de saúde. Em relação à idade, os resultados indicam uma concentração de 95% no intervalo de 20 a 39 anos. A maioria (60%), estava na faixa etária de 30 a 39 anos, uma parcela de 35%, na faixa de 20 a 29, e apenas um egresso, ou seja, 0,5%, encontrava-se com idade entre 40 e 49 anos.

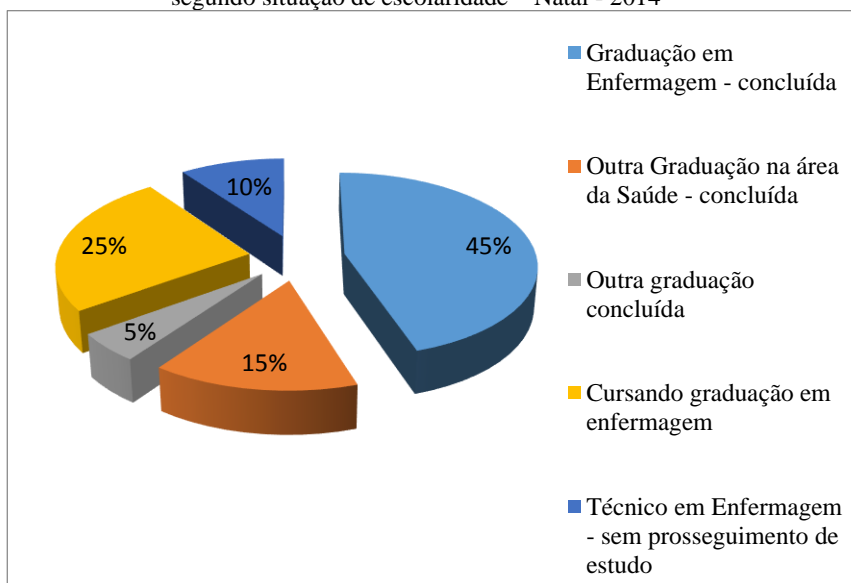
Gráfico 1 – Distribuição dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, segundo faixa etária – Natal - 2014



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Sobre o percurso escolar realizado pelos técnicos em enfermagem participantes deste estudo, identificamos que 90% deram prosseguimento aos estudos, enquanto que 10% ainda permaneciam com o curso técnico em enfermagem. Dos egressos do curso técnico da EEN, 65% concluíram curso em nível superior e, destes, 45% concluíram a graduação em enfermagem. Na época da coleta de informações, 25% dos egressos estavam cursando a referida graduação. Dentre os informantes, 15% possuíam o ensino superior completo na área da saúde nos cursos de Ciências Biológicas e Educação Física. Apenas um era formado em outra área de conhecimento, no Curso de Graduação em Aquicultura, como pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, segundo situação de escolaridade – Natal - 2014



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Entre os egressos do curso técnico em enfermagem que concluíram a graduação em enfermagem, cinco concluíram em instituições privadas e quatro, em instituições públicas. Percebeu-se entre os egressos o interesse de buscar a permanente atualização. Identificamos que 20% dos egressos, quatro enfermeiras, prosseguiram sua formação através de cursos de pós-graduação, especialmente na área de enfermagem do trabalho.

Na ocasião do estudo, todos encontravam-se empregados, conforme exigência dos critérios de inclusão. Com relação ao tipo de instituição, a grande maioria dos egressos, 96%, trabalhava no serviço público, seja federal, estadual ou municipal.

Dos egressos respondentes, 11 (55%) egressos possuíam um vínculo trabalhista e nove (45%), dois vínculos trabalhistas. Sete egressos (35%) tinham dois vínculos públicos e dois (10%) entre os respondentes possuíam dois vínculos, com instituição pública e privada. Dentre os 20 entrevistados, durante a coleta de informações, dois (10%) egressos com

dois vínculos estavam assumindo um vínculo como técnico em enfermagem, e outro, como enfermeiro.

Os entrevistados ingressaram no mercado de trabalho através de concurso público ou através de seleção simplificada no serviço público, para contrato temporário, e serviço privado. A maioria, 80% dos egressos, assumiu o primeiro emprego entre os anos de 2007 e 2011.

Quanto ao tipo de vínculo, na época da coleta de dados 18 eram servidores públicos, sendo 14 contratados pelo regime jurídico único, dois eram servidores públicos celetistas da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), dois eram servidores públicos celetistas temporários da Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC) e dois eram trabalhadores celetistas da rede privada.

Verificou-se que os egressos trabalhavam em várias esferas administrativas, com mais de um vínculo empregatício, nos seguintes ambientes de saúde: Serviço Público Federal: Departamento Saúde do Trabalhador, Hospital Geral, Maternidade; Serviço Público Estadual: Hospital Geral, Hospital Infantil, Hospital de Doenças Infectocontagiosas; Serviço Público Municipal: Unidade Básica de Saúde, Unidade Mista de Saúde, Hospital Infantil; Serviço Privado: Hospital Materno-Infantil, Hospital Oncológico, Hospital de Policlínica, e um egresso atuando como docente em uma Escola Técnica. Dentre os respondentes, uma trabalhava em uma maternidade municipal, pertencente a uma cidade que integra a região metropolitana da capital; e um trabalhava em um hospital regional situado a aproximadamente 100 km de distância da capital do estado.

Nas informações obtidas, observou-se que os egressos atuavam em hospitais públicos e privados, em setores como na clínica cirúrgica, pediátrica, neurológica, centro de queimados, sala de parto, UTI, hemodinâmica e centro cirúrgico. Na atenção básica encontravam-se atuando em sala de vacina, pronto-socorro e curativo. Um egresso relatou estar atuando na docência desde que se formou como enfermeiro, mas que permanecia trabalhando como técnico em enfermagem.

DISCUSSÃO

Ao analisar as informações dos egressos do curso técnico em enfermagem da escola de enfermagem de Natal que integram o presente estudo, identificamos que o grupo amostral é considerado adulto-jovem, fase que tem como característica o início da vida profissional, de

definição sobre a sua opção profissional, escolha e inserção no mundo do trabalho.

Segundo Machado, Oliveira e Moyses (2011) há décadas vêm sendo realizados estudos sobre a crescente feminização do mercado de trabalho em saúde, o qual vem absorvendo um importante contingente de mulheres, por atender às exigências e especificidades do trabalho em saúde. Ressalta que, do total da força de trabalho no setor, cerca de 70% são mulheres.

A maioria das egressas do CTE eram mulheres trabalhadoras da área da saúde, caracterizavam-se por estarem no auge da sua capacidade física e produtividade humana, de acordo com a faixa etária das entrevistadas. A condição de mulher trabalhadora assemelha-se à condição histórica da mão de obra essencialmente feminina na equipe de enfermagem, como observado nas informações do COFEN, onde, no país, no ano de 2015, a equipe de enfermagem é predominantemente feminina, perfazendo um total de 84,6% (COFEN, 2015).

Identificamos que o predomínio das mulheres entre os trabalhadores da enfermagem ainda é uma realidade, apesar do crescimento do número de profissionais do sexo masculino, segundo o COFEN, que apresenta, na pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, a presença de 15% de homens na enfermagem. (COFEN, 2015)

Estudos realizados com concluintes dos cursos de educação profissional de nível técnico em saúde apresentam resultados em que o sexo feminino é predominante nos cursos da área da saúde, principalmente no curso técnico em enfermagem (ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, 2003). Ressalta Paiva et al. (2011) que esta característica da feminização da mão de obra é observada não somente em cursos da área da saúde, como também em cursos da área de humanas.

O conjunto de egressos que participaram da pesquisa, em sua maioria, possuía idade entre 20 e 39 anos, vivendo na atualidade em plena era da informação e do desenvolvimento tecnológico, e acredita-se que tal característica deve contribuir para estimular a busca por novos conhecimentos, a reflexão sobre o seu fazer e a (re)construção dos conhecimentos consolidados.

Por conseguinte, a maioria prosseguiu estudando, fato observado no momento da entrevista, em que alguns cursavam graduação, outros já haviam concluído e quatro faziam pós-graduação *lato sensu*, e apenas dois permaneciam como técnicos, mas buscando cursos de atualização.

Nove já eram enfermeiros e cinco cursavam graduação em enfermagem. Em seus estudos, Medina e Takahashi (2003) relatam que os auxiliares e técnicos em enfermagem têm buscado fazer o curso de graduação em enfermagem, entre outros motivos, por possibilitar o crescimento pessoal, a ascensão profissional individual e dentro da equipe de enfermagem, além de ampliar os conhecimentos científicos.

Compreende-se que os egressos buscam continuamente adquirir novos conhecimentos visando sua permanência e/ou ascensão profissional no mercado de trabalho, para manterem-se empregáveis ou objetivando conquistar um melhor vínculo empregatício. Desta ação resulta também a aquisição de novas competências, habilidades e compromisso no campo da ética, da moral, da técnica e da política.

A busca permanente dos egressos por novos conhecimentos corrobora com o entendimento de Freire (2011, p. 34) de que “o homem deve ser sujeito de sua própria educação”. Ele define o homem como ser inacabado, que se compreende inacabado, portanto, para o autor a educação tem caráter permanente, em que estamos em constante processo de educação, cada um no seu grau de educação, dentre os vários existentes.

Na perspectiva do processo de formação profissional na área da saúde, a educação permanente apresenta-se como importante instrumento nas ações desenvolvidas na formação do próprio trabalhador, no fortalecimento da gestão dos serviços e sistemas das instituições de saúde, na qualidade dos serviços oferecidos à população e no papel do controle social, tendo como eixo norteador o fortalecimento e conseqüentemente a consolidação do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) (SIQUEIRA-BATISTA et al., 2013; PEREIRA; RAMOS, 2006).

No mundo contemporâneo, segundo pesquisadores, a empregabilidade, entendida como a capacidade do trabalhador de inserir-se e manter-se no mundo do trabalho, em consonância com o modelo econômico e social, traz para o profissional a necessidade de adequar-se à nova realidade do mundo do trabalho, como o desemprego, a precarização, além da intensa corrida para manter-se competitivo em um mundo que se modifica continuamente (PEREIRA; LIMA, 2009; FRIGOTTO, 2007; WERMELINGER; AMÂNCIO FILHO; MACHADO, 2011). Nesse contexto, o trabalhador da enfermagem busca novos conhecimentos visando ao sucesso na vida profissional através da conquista de vínculo empregatício estável e que proporcione melhor remuneração.

As informações apresentadas mostram que a maior parte dos egressos entrevistados conquistou seus empregos públicos, através de concurso público, entre os anos 2007 e 2010, período de criação de novos cargos para servidores efetivos do serviço público. Estudiosos do tema corroboram com tal entendimento de que o número de postos de trabalho no setor de saúde vem crescendo no serviço público através da contratação de servidores efetivos, em substituição aos servidores terceirizados e temporários (MACHADO; OLIVEIRA; MOYSES, 2011).

Observa-se que a maior atuação da força de trabalho dos egressos estava sendo desenvolvida em hospitais públicos e privados, cujas atividades são realizadas principalmente na assistência individual, no modelo curativo e hospitalocêntrico, concentrando suas atividades em setores de maior complexidade; apesar da alteração do modelo de atenção que vem sendo consolidado através do SUS, observa-se a maior concentração da força de trabalho dos egressos no setor hospitalar. Na atenção básica encontravam-se atuando em sala de vacina, pronto-socorro e curativo. Um egresso relatou estar atuando na docência desde que se formou como enfermeiro.

Entre os egressos entrevistados, os dados mostram que a grande maioria possuía estabilidade no emprego, com ingresso ocorrido através de concurso público, sendo estatutários. Apenas dois eram contratados exclusivamente, através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), e possuíam apenas este vínculo empregatício temporário, portanto seu emprego era instável.

Compreende-se que os egressos que contribuíram com os dados que compõem o perfil estudado encontravam-se no momento privilegiado da sua vida e, conseqüentemente, os frutos de uma profissionalização baseada nos princípios da cidadania podem reverter-se em uma inserção no mundo do trabalho e numa assistência de enfermagem/saúde de melhor qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado possibilitou conhecer o perfil dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da UFRN que concluíram o curso no período de 2003 a 2012. No período citado, foram formados 362 técnicos em enfermagem no referido curso, tendo sido localizados nas instituições de saúde da capital do estado

previamente selecionadas 143 egressos e, destes, 20 participaram da pesquisa.

Os resultados revelaram que os egressos eram mulheres jovens, com idade entre 20 e 39 anos, em plena capacidade produtiva, vivendo o momento de definição da sua carreira profissional, como também da escolha e inserção no mundo do trabalho, iniciando, assim, sua vida profissional.

Frente à análise dos resultados identificamos a inserção muito significativa dos egressos no mercado de trabalho, especialmente no serviço público federal, estadual e municipal, com um ou dois vínculos empregatícios, o que vem atender aos anseios dos entrevistados em inserir-se em emprego estável, com nível salarial e jornada de trabalho dignos. Observa-se que os egressos que atuavam no serviço privado também tinham um vínculo público. Apenas dois possuíam contrato temporário com o serviço público federal através da CLT, os quais estavam cientes de que seriam brevemente substituídos por servidores efetivos.

A maioria prosseguia com os estudos, elevando a escolaridade através dos cursos de graduação e pós-graduação. No entanto, muitos já tinham a formação de enfermeiros e outros se encontravam cursando a graduação em enfermagem, no que se evidencia a clara intensão de ascensão profissional, inclusive na própria equipe de enfermagem. Dentre os egressos, dois atuavam nas duas funções, trabalhavam em um vínculo como técnico em enfermagem e no outro, como enfermeiro.

A pesquisa evidenciou que os egressos ingressaram no mercado de trabalho no período compreendido entre 2007 e 2011, através de concurso público. No momento da entrevista todos possuíam vínculo trabalhista, a maioria com contratos efetivos no serviço público e alguns com contrato celetista.

Os egressos desenvolviam suas atividades em unidades hospitalares, maternidades, unidades básicas e mistas de saúde e como docente. Observa-se que os ambientes de trabalho em que atuavam são identificados como serviços de maior complexidade, seja nos serviços públicos ou privados.

Frente aos dados apresentados no perfil, podemos concluir que o Curso de formação de Técnico em Enfermagem da UFRN vem cumprindo com os seus propósitos, dentre eles o de qualificar trabalhadores de enfermagem para atuar no Sistema Único de Saúde, para

cuidar do cidadão brasileiro na promoção, recuperação e reabilitação da saúde, em instituições de administração pública e ou privada.

REFERÊNCIAS

ANDRE, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Diretoria de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo nacional de cursos técnicos: CNCT**, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841>. Acesso em: 5 jan. 2015.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar da educação básica 2013**: resumo técnico. Brasília: INEP, 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/resumos-tecnicos>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica. [2015?]. Disponível em: <<http://sistec.mec.gov.br/consultapublicaunidadeensino>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

CEFOPE. **Centro de Formação de Pessoal para os Serviços de Saúde “Dr. Manoel da Costa Souza”**. [2015?]. Disponível em: <<http://www.cefope.rn.gov.br/Index.asp>>. Acesso em 11 mar. 2015.

COFEN. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem**. 2015. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html. Acesso em 11 maio 2015.

DANTAS, R. A. S.; AGUILLAR, O. M. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem Brasileira. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, abr. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n2/13458>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO.

Estação de Trabalho Observatório dos Técnicos de Saúde (Org.).

Trabalhadores técnicos em saúde: formação profissional e mercado de trabalho: relatório final. Rio de Janeiro: Estação de Trabalho Observatório dos Técnicos em Saúde, 2003. Coordenado por Renata Reis. Disponível em:

<<http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/Publicacao/pub7.pdf>>
. Acesso em: 21 dez. 2014.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 esp., out. 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2328100.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, M. H.; OLIVEIRA, E. dos S. de; MOYSES, N. M. N.

Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil. In:

PIERANTONI, C.; DAL POZ, M. R.; FRANÇA, T. (Org.). **O trabalho em saúde:** abordagens quantitativas e qualitativas. Rio de Janeiro:

CEPESC, UERJ, 2011. v. 1, p. 103-116. Disponível em

<http://www.obsnetims.org.br/publicacoes_livros_detalhes.php?id=15>.
Acesso em: 21 dez. 2014.

MEDINA, N. V. J.; TAKAHASHI, R. T. A busca da graduação em enfermagem como opção dos técnicos e auxiliares de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm.**, São Paulo, v. 37, n. 4, 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n4/12.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos.

Enfermagem: história de uma profissão. São Caetano do Sul: Difusão, 2011.

PAIVA, M. S. et al. Perfil profissional de egressas da área de gerenciamento do programa de pós-graduação em enfermagem da UFBA. **Rev. Esc. Enferm.**, São Paulo, v. 45, n. esp., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe/v45nspea04.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.

PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. **Educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

PRONKO, M. et al. **A formação de trabalhadores técnicos em saúde no Brasil e no Mercosul**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.

SILVA, E. R. da; AQUINO, G. M. L. de; GERMANO, R. M. A Escola de auxiliares de enfermagem de Natal: crises e desafios. In: UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. **Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

SIQUEIRA-BATISTA R et al. Educação e competências para o SUS: é possível pensar alternativas à(s) lógica(s) do capitalismo tardio? **Ciênc. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n1/17.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação, positivismo, fenomenologia, marxismo**. 21. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. **Relação dos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, no período de 2003 a 2012**. Natal, 2014. Impresso.

WERMELINGER, Mônica; AMÂNCIO FILHO, Antenor; MACHADO, Maria Helena Formação técnica em saúde: expectativas, dilemas e (des)ilusões do aluno. **B. Téc. Senac: Rev. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/372/artigo6.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

6.2 Manuscrito II: Formação profissional de técnicos em enfermagem e inserção no mundo do trabalho

FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICOS EM ENFERMAGEM E INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

PROFESSIONAL FORMATION OF NURSING TECHNICIANS AND INSERTION INTO LABOR WORK

FORMACIÓN PROFESIONAL DE TÉCNICOS EN ENFERMERÍA E INSERCIÓN EN EL MUNDO LABORAL.

RESUMO

Pesquisa fundamentada no modelo de estudo de caso em educação, com abordagem qualitativa. Objetiva identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a inserção do egresso do curso técnico em enfermagem no mundo do trabalho e a aplicabilidade do perfil apreendido no curso de uma Escola pública. Participaram do estudo egressos do curso técnico em enfermagem. Na análise das informações, emergiram as seguintes categorias temáticas: Sentindo-se preparado para o primeiro emprego; Enfrentando as dificuldades da profissão; e Usando os conhecimentos para melhorar a qualidade do trabalho. Os resultados permitiram identificar como fatores facilitadores os conhecimentos adquiridos no curso que propiciaram ao egresso o ingresso no mundo do trabalho; a apreensão do perfil profissional adquirido no curso, que permitiu realizar as atribuições como trabalhadores de nível médio da enfermagem. Como fatores dificultadores identificaram-se as relações com profissionais, usuários e seus familiares; e as características do trabalho do técnico em enfermagem.

Descritores: Educação em Enfermagem. Educação Técnica em Enfermagem. Enfermagem.

ABSTRACT

Research based on the case study model in education, with qualitative approach. It aims to identify factors that facilitated and/or hampered the

applicability of egress of the nursing technician course into the labor work and the applicability of the seized profile in the nursing technician course of a public school. The participants of the study were the egress of technician course in nursing. From the systematization and analysis of informations, emerged the following thematic categories: Feeling prepared for their first job; Facing the difficulties of the profession; and using the knowledges to improve the quality of work. The results allowed to identify through reports and testimonies that egress have built during their process of formation skills and abilities which constituted a professional profile to insert themselves and act in the labor work through public selection. They stressed the importance of hosting the nursing staff for this moment, assisting in adaptation and development of the work.

Keywords: Education in Nursing. Technical Education in Nursing. Nursing.

RESUMEN

Investigación fundamentada bajo el modelo de estudio de caso en educación, con abordaje cualitativo. Objetiva identificar los factores que han facilitado y/o han dificultado la inserción del egresado del curso técnico en enfermería en el mundo laboral y la aplicabilidad del perfil aprehendido en el curso de una Escuela pública. Han participado del estudio egresados del curso técnico en enfermería. A partir de la sistematización y análisis de las informaciones, han emergido las siguientes categorías temáticas: “Sintiéndose preparada para el primer empleo”; “Enfrentando las dificultades de la profesión”; y “Usando los conocimientos para mejorar la calidad del trabajo”. Los resultados demuestran a través de los diálogos y declaraciones que los egresados han construido durante su proceso de formación competencias y habilidades que constituyeron un perfil profesional para insertarse y actuar en el mundo laboral a través de concurso público. Subrayaron la importancia del acogimiento del equipo de enfermería para este momento, auxiliando en la adaptación y desarrollo del trabajo.

Descriptor: Educación en Enfermería. Educación Técnica en Enfermería. Enfermería.

INTRODUÇÃO

A formação profissional e o mundo do trabalho constituem o cerne da questão colocada em permanente discussão, a educação para a vida de homens e mulheres. A temática da formação e inserção no mundo do trabalho, independentemente do nível de ensino, estabelece um importante debate frente à realidade de constantes transformações da sociedade vivenciada no mundo globalizado.

Estudos apontam que a discussão sobre estes temas, educação e trabalho, em eventos da categoria de enfermagem, se concentra especialmente na graduação em enfermagem, sendo a educação profissional em nível técnico pouco expressiva; tal percepção é identificada na escassez de estudos que tratem da especificidade da educação e do trabalho dos técnicos em enfermagem (VIEIRA et al., 2014; PEDUZZI; ANSELMINI, 2004).

As instituições de formação em saúde têm despendido esforços para acompanhar estas discussões e seus desdobramentos no Brasil, considerando a necessidade de prover a formação de um trabalhador mais apto para lidar com os problemas da sociedade brasileira.

O processo de ensinar e aprender desenvolvido na educação do profissional se apresenta como elo integrador da construção de conhecimentos e do desenvolvimento da consciência do aluno sobre si e sobre o mundo, como ser humano em processo de formação (FREIRE, 2004).

O ensino de nível técnico brasileiro, inclusive o da enfermagem, permaneceu inalterado de 1971 (Lei n 5.692/71) até a publicação da Lei de Diretrizes e Bases LDB, nº 9193/1996, com suas respectivas regulamentações. Na LDB, a educação é estruturada em dois níveis: básica e superior; e na educação profissional e tecnológica. A Educação Profissional e Tecnológica integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e articula-se com o ensino regular e com outras modalidades educacionais, como a Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação a Distância (BRASIL, 1996, 2012a).

A educação profissional técnica de nível médio destina-se a habilitar profissionalmente os alunos matriculados ou egressos do ensino médio, podendo ter organização curricular própria e independente do ensino médio, organizar-se a partir da metodologia dos eixos tecnológicos, seguindo assim a lógica do conhecimento e da inovação tecnológica, permitindo a construção de diferentes itinerários formativos,

sendo o currículo concebido pela unidade educacional (BRASIL, 1996, 2008, 2012a; REIBNITZ; PRADO, 2006).

Com a efetiva implementação da educação profissional de nível técnico, o Conselho Federal de Enfermagem define que os Auxiliares de Enfermagem serão inscritos neste conselho apenas em caráter provisório, devendo apresentar título de técnico em enfermagem para regularizar sua atuação como profissional de enfermagem de nível médio, ato que foi revogado em 2007 (COFEN, 2003). Somado a essa determinação, o mercado de trabalho em saúde tem privilegiado a contratação do Técnico em Enfermagem, deixando assim de absorver nos postos de trabalho o auxiliar de enfermagem. Frente ao contexto, observa-se uma grande procura pelos cursos técnicos e pela complementação do curso de auxiliares de enfermagem, superando então as dificuldades iniciais da inserção do técnico em enfermagem no mercado de trabalho.

No Brasil, as escolas que ofertam os cursos técnicos em enfermagem buscam oferecer uma educação profissional para formar indivíduos críticos, reflexivos, criativos, capazes de conhecer, compreender, interferir e transformar a realidade vivida, buscando atender aos desafios do nosso tempo e do futuro, com o intuito de desenvolver uma visão ampliada da saúde dos brasileiros (BRASIL, 2012a).

A equipe de enfermagem constituída pelo Enfermeiro, Técnico e Auxiliar de Enfermagem desenvolve o trabalho de enfermagem de forma hierárquica, regulamentada pela Lei do Exercício Profissional 7.498/1986 e pelo Decreto nº 94.406/1987, que define as atribuições dos integrantes da equipe de enfermagem. Os profissionais integrantes da equipe de enfermagem possuem processo de formação diferenciado e regulamentado, sendo norteados pela lei do exercício profissional, pela LDB e seus respectivos decretos e pareceres regulamentadores (BRASIL, 1986, 1987).

Hoje a educação profissional de nível técnico em enfermagem é orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sendo de responsabilidade dos estabelecimentos de ensino organizar currículo normatizando o processo formativo do profissional (BRASIL, 2012a). Na formação do trabalhador para a área de saúde, os professores, enfermeiros, que atuam na formação dos trabalhadores da enfermagem assumem o desafio e a responsabilidade de elevar a qualidade do ensino, política e ética da enfermagem brasileira, bem como a atenção prestada no cuidado da saúde dos cidadãos.

A Saúde e a enfermagem vêm passando por uma ampliação de seus espaços de atuação, conseqüentemente das ofertas de serviços e de incorporação de novas tecnologias, requerendo uma formação que atenda à necessidade do setor e de atualização permanente dos trabalhadores (VIEIRA et al., 2014; GÖTTEMS; ALVES; SENA, 2007).

O trabalho em saúde é realizado coletivamente, por trabalhadores de diversas profissões, com vários níveis de formação, tendo como objetivo primordial o cuidado ao usuário. Portanto, o trabalho na saúde caracteriza-se por ser um trabalho especial de atenção ao cuidado humano desenvolvido através das relações entre profissionais, usuários dos serviços e seus familiares. O profissional de nível médio da enfermagem é numericamente expressivo e representativo dentre os profissionais que integram a equipe de saúde e o seu trabalho é essencial na qualidade do cuidado prestado à população (LIMA et al., 2014).

O curso técnico em enfermagem da EEN tem, ao longo do tempo, buscado formar o técnico de enfermagem como cidadão, com competências e habilidades técnicas, políticas, humanas e éticas, para atuar sob a supervisão do enfermeiro, na assistência à saúde coletiva e individual. Ciente da sua responsabilidade, a Escola preocupa-se com a qualidade da formação desenvolvida, com a inserção do egresso no mundo do trabalho, como também com o trabalho desenvolvido por ele frente à diversidade de serviços de saúde e especificidades do trabalho (UFRN, 2009).

O processo ensino-aprendizagem do curso utiliza metodologias inovadoras, em que os conhecimentos sistematizados estão articulados em níveis crescentes de complexidade, de forma a garantir que, a partir de sucessivas aproximações com o objeto a ser apreendido, o aluno passe a apreendê-lo e a aplicá-lo. A reflexão problematizadora, acerca de sua participação no processo de trabalho em saúde e em enfermagem, é necessária na busca de compreensão e transformação dessa realidade (UFRN, 2009).

Os conhecimentos adquiridos durante o curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal têm possibilitado a inserção no mercado com certa facilidade, sendo os egressos reconhecidos na comunidade pela qualidade do trabalho desenvolvido nos seus setores, pelo cuidado e atenção com os usuários e com a equipe profissional de saúde.

No processo de trabalho em saúde são essenciais o diálogo, a negociação e a pactuação. É desta forma, através da palavra verdadeira

pronunciada, do diálogo, da ação-reflexão que é práxis, que é trabalho, que se dá o processo de cuidar do homem em saúde. Nesse sentido, o trabalho da enfermagem é caracterizado por pesquisadores por ser social e historicamente determinado, realizado coletivamente, na própria equipe de enfermagem, como também integra a maioria das práticas dos trabalhadores de saúde, existindo, assim, uma divisão técnica vertical e horizontal respectivamente, necessária para que haja resolutividade do trabalho de todos (GÖTTEMS; ALVES; SENA, 2007; MERHY; FRANCO, 2009)

Este estudo tem como objetivo *identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a inserção do egresso do curso técnico em enfermagem no mundo do trabalho e a aplicabilidade do perfil apreendido no curso técnico em enfermagem de uma Escola Pública.*

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi fundamentada no modelo de estudo de caso em educação de André (2008), com abordagem qualitativa, em que se estuda o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O estudo foi realizado na própria Escola e nas instituições de saúde do Município de Natal, localizado no Estado do Rio Grande do Norte.

Inicialmente foram selecionados os seguintes serviços de saúde: Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, unidades de saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e três hospitais privados. A partir da relação nominal dos trabalhadores de nível técnicos em enfermagem dos referidos serviços de saúde, foi realizado o cruzamento com a relação nominal dos egressos do curso técnicos em enfermagem da EEN, cedida respectivamente pelos serviços de saúde e pela secretaria escolar, sendo identificados os egressos que concluíram o curso no período de 2003 a 2012.

Participaram do estudo os técnicos em enfermagem que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar inserido no mercado de trabalho em saúde, ter concluído o curso técnico em enfermagem na EEN/UFRN, atuar profissionalmente na capital do estado. Para as entrevistas utilizou-se a saturação dos dados (MINAYO, 2010) como estratégia para encerramento da inclusão no estudo. Os egressos foram contatados no próprio local de trabalho ou por ligação telefônica.

A coleta de informações ocorreu através de entrevista semiestruturada, no período de agosto a setembro de 2014, em local previamente definido pelos egressos. Os registros da coleta dos dados foram realizados em gravador digital, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes, e posteriormente transcritos.

Para auxiliar no tratamento e análise dos dados foi utilizado o *software* de análise de dados qualitativos ATLAS TI 7.5. Todas as entrevistas transcritas foram inseridas no Atlas Ti como documentos e codificadas com base em categorias temáticas formuladas a partir das falas dos sujeitos, considerando-se o objetivo e o referencial teórico definidos para este estudo.

Ao explorar o material empírico, procuramos identificar nos fragmentos das falas depoimentos mais significativos, pontos convergentes e divergentes contidos nas falas dos entrevistados, utilizando-se o *software* para facilitar a seleção dos temas. Dessa forma, a partir do agrupamento das falas ou expressões que *a priori* continham o mesmo sentido, foram estabelecidas as categorias temáticas: Sentindo-se preparado para o primeiro emprego; Enfrentando as dificuldades da profissão; e Usando os conhecimentos para melhorar a qualidade do trabalho.

Por conseguinte, procedeu-se à interpretação das elaborações empíricas traduzidas no relatório final do estudo de caso sobre o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cuja reflexão e análise tomaram-se como referência os aportes teóricos do estudo e os depoimentos obtidos nas entrevistas individuais.

Foram respeitados os princípios éticos colocados na Resolução CNS nº 466/2012 (BRASIL, 2012b) e os princípios do Código de Ética profissional para normatizar as atividades investigativas. O projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Parecer favorável sob o nº 725.679/2014.

RESULTADOS

Os egressos do curso de técnico em enfermagem relataram sobre a formação proporcionada pelo curso, bem como as facilidades e ou dificuldades vivenciadas para ingressar no mercado do trabalho, e como foi colocar em prática o perfil profissional apreendido durante o curso técnico em enfermagem.

A partir da sistematização e análise dos dados, emergiram as seguintes categorias temáticas: Sentindo-se preparado para o primeiro emprego; Enfrentando as dificuldades da profissão e Usando os conhecimentos para melhorar a qualidade do trabalho.

SENTINDO-SE PREPARADO PARA O PRIMEIRO EMPREGO

Relataram os egressos que, com os conhecimentos adquiridos no CTE da EEN, tinham sido aprovados em concursos públicos para técnico em enfermagem. Enquanto aguardavam a convocação para o serviço público, alguns trabalharam em serviços de saúde da rede privada ou na própria rede pública através de contratos temporários. Descreve-se a seguir o início da sua vida profissional:

[...] eu nunca tinha trabalhado em canto nenhum. Eu passei no concurso e vim direto para o hospital, então eu entrei aqui com os conhecimentos que eu tive do meu técnico (E03).

[...] eu estava terminando o curso, eu participei daquela seleção pra voluntária do Hospital [...], aí eu fiquei e, quando estava terminando os três meses de voluntariado, eu ganhei a bolsa. Antes de terminar os seis meses eu fiz a seleção da [...], passei [...] enquanto saía o resultado do concurso da prefeitura, eu fiquei só na prefeitura, porque também, logo em seguida, também saiu o resultado do concurso do estado, aí eu deixei a [...] (E05).

O meu primeiro emprego foi depois que eu fiz meu curso técnico, que aí eu comecei a trabalhar na casa de saúde [...] foi o meu primeiro emprego com carteira assinada. Daí então eu fiz o concurso para

a prefeitura [...] passei e fiquei trabalhando efetiva lá também, na prefeitura e na casa de saúde [...] (E04).

Recordaram os egressos que ao assumirem o primeiro emprego sentiram-se sozinhos, com toda a responsabilidade de estarem trabalhando com vidas humanas. Mas o medo do primeiro momento foi superado pelo acolhimento e ajuda da equipe. Relataram, que, ao serem nomeados após aprovação no concurso público, chegaram ao hospital com os conhecimentos do CTE, mas ao atuarem profissionalmente foi preciso adaptarem-se à realidade, às normas e às rotinas da unidade. Os egressos relembrou como foi para eles assumir o primeiro emprego:

[...] acho que se a Escola de Enfermagem não tivesse me dado a condição intelectual mesmo, para passar por isso, eu não tinha entrado, no trabalhar de logo. Não tinha entrado no mercado de trabalho logo e eu, sinceramente, eu sempre fui com muita segurança, lógico que a gente fica com medo, que a gente entrando agora, chega agora, não sabe o ambiente, não sabe as pessoas, já chega a chefia e tudo mais... você fica com medo de fazer algo errado... [...] quando eu tive a segurança de pronto, estou aqui, pé no chão, trabalhando mesmo... eu acho que eu fiz com segurança o que eu sabia (E09).

Está sozinha e você sabe que... com aquela responsabilidade, porque não é qualquer emprego. Você está lidando com vidas, aí você tem que tá... é um medo muito grande, mas com o passar do primeiro momento, mas aí você vai e... eu estudei, vou, e com o passar dos dias você... a equipe ajuda muito, o acolhimento também, que você chega no mercado (E07).

[...] a primeira vez eu cheguei assim meio apavorada, porque eu... dois anos que tinha terminado e não tinha trabalhado ainda, a gente chega meio desorientado, meio desesperado no canto, mas depois na primeira semana eu já estava... eu fui trabalhar no centro cirúrgico, nunca

tinha... assim só tinha instrumentado uma vez na minha vida, fui conhecer o material que era utilizado, vim saber como era a rotina do setor, na primeira semana, na segunda semana eu já estava entrando em cirurgias sozinha (E18).

Informaram os egressos que conseguiram o primeiro emprego sem dificuldade, ao ingressarem passaram por um processo de adaptação. Disseram que é impossível terminar um curso pronto para o trabalho. Ninguém sai de um curso sabendo de tudo, especialmente quando vai atuar em setores de alta complexidade, estes têm rotinas para as quais o CTE não aprofunda os conhecimentos. A escola ajudou muito neste ingresso no mundo do trabalho e na aprovação do concurso público. Informaram, ainda, que os colegas também estavam trabalhando com um ou mais vínculos. Descreveram assim este momento:

Tudo muito novo, o ambiente, e agradeço muito às pessoas que lá estavam... que estavam prontas a me ajudar naqueles momentos, é como eu falei, a segurança que eu levei do conhecimento adquirido, ela me ajudou nessas dificuldades, eu sei que tem alguém lá pra mostrar o início, como é que se faz, mesmo você já sabendo, mas na prática você tem que ter alguém que lhe oriente. Com o passar do tempo você vai e vem e já sabe como é a rotina e quais são suas obrigações, funções, então a dificuldade é essa, somente o impacto, assim, dos primeiros momentos, mas depois você vai conciliando, o conhecimento com o dia a dia, então flui naturalmente (E20).

A Escola de enfermagem me ajudou muito na questão de entrar no mercado de trabalho e passar em concurso público, eu sei disso, porque quase todos os colegas da minha turma também estão trabalhando, às vezes um ou dois vínculos, ou prefeitura e estado (E07).

[...] eu não tive dificuldades, pelo menos no primeiro emprego, que era mais tranquilo, quando eu fui trabalhar em hospital, a gente assim, acha

mais complicado, porque as coisas são mais rápidas, às vezes tem uma urgência, uma coisa que a gente tem que ter mais habilidade, mas eu acho que isso é a prática que vai dar, essa coisa de te desenrolar, é o dia a dia, não tem como você sair do curso já pronto pra isso não, eu acho que é o dia a dia (E10).

ENFRENTANDO AS DIFICULDADES DA PROFISSÃO

Os egressos relataram sobre algumas dificuldades identificadas na profissão, como o trabalho ininterrupto da enfermagem, as implicações das faltas dos colegas na escala para o serviço e para os próprios colegas. Ressaltaram a ausência do índice de segurança técnica para a equipe de enfermagem.

Identificaram ainda dificuldades como a falta de acolhimento e individualismo pela equipe de enfermagem, o que é desestimulante. Relataram que uma das maiores dificuldades no trabalho é realizar suas atribuições, sob pressão dos acompanhantes, em um serviço em que falta material, e explicaram que nestes casos se faz o possível para realizar os cuidados. São momentos de dificuldades descritos assim pelos egressos:

Se faltar uma pessoa, dismantela o plantão da semana todinha. Então, assim, a gente fica estressado com relação a essas coisas; porque infelizmente não tem como, não tem gente pra suprir as necessidades. É complicado. [...] a gente também trabalha com o mesmo estresse com relação aos colegas, é essa questão das dobras, dos atrasos, que sempre tem, e porque também a maioria trabalha em dois, três... infelizmente, o colega vem do outro, fica saindo de um pro outro, é humanamente impossível chegar em todos os plantões no horário (E01).

[...] quem entra na área querendo ser técnica em enfermagem achando que vai enricar acumulando muitas escalas, isso não é verdade, tem que procurar outra coisa. Óbvio que você ganha um salário que a nível nacional ele é um tanto defasado, o trabalho é pesado se for em unidades

hospitalares de maior complexidade, mas se você se propõe aquilo é porque você gosta, e você sabe o salário, então você tem que aceitar, não adianta ficar acumulando muitas escalas, que você só vai arranjar hipertensão, estresse, depressão e outras mais... Tem que fazer por amor e se não está a fim, tem que procurar outra atividade (E05).

Eu fui colocada em um setor que [...] as pessoas não eram tão acolhedoras, eram muito individualistas, e para eu, que estava chegando naquele momento, eu teria que ter uma equipe acolhedora até para eu aprender a rotina. Era muito individualista, então fiquei muito deprimida, confesso que eu não gostei no início, ficava muito triste, tinha vontade de não ir trabalhar (E08).

Ao vivenciarem a realidade do mundo do trabalho, caracterizaram o trabalho do técnico em enfermagem como árduo, principalmente se ocorrer em serviço de alta complexidade. O salário é defasado e eles tinham consciência que não adianta acumular muitas escalas, pois receberiam como consequência adoecimentos como hipertensão, *stress*, depressão, entre outras. Entendeu o egresso que este é um trabalho de que o profissional deve gostar realmente, portanto precisa ter convicção de que a enfermagem é a profissão escolhida.

Quanto aos locais de trabalho, disse que no serviço público é desestimulante, mesmo em um hospital de referência do estado. No cotidiano é preciso ajustar muito do que foi aprendido para conseguir realizar algumas atividades, devido à superlotação dos serviços, mas contava com bons profissionais nas escalas.

Nas instituições privadas as cargas horárias trabalhadas e as cobranças são maiores, tendo menor reconhecimento profissional e financeiro. Enquanto que no serviço público tem melhor salário, a sobrecarga de trabalho é menor, mas permanentemente faltam materiais e equipamentos hospitalares. A seguir fragmentos de falas dos egressos sobre a realidade do trabalho:

[...] nem sempre é possível no serviço público a gente fazer aquilo que a gente aprendeu, pelo fato da estrutura, de material, de todo processo, de

funcionário. A gente tinha que ficar com 12 pacientes, lá no Hospital [...], a gente fica com 12 pacientes na noite, como é que você faz tudo com o paciente? Como é que você cuida daquele paciente como um todo se você tem mais 11 para cuidar? Você não tem tempo, você acaba que não faz da forma que deveria ser feita, porque o serviço não contribui com isso (E09).

[...] a dificuldade do privado é que se tem maior carga horária, uma maior cobrança e menos reconhecimento tanto do ponto vista profissional quanto financeiro. Quando você vai pro público, aí você tem alguma melhora na parte financeira, uma diminuição na sobrecarga de trabalho, mas aí você se estressa mais com a falta de insumos. Porque é uma constante (E01).

[...] eu acredito que, infelizmente, de conseguir fazer as adaptações sem prejuízo pra saúde e a segurança. Porque, infelizmente, hoje, no setor saúde de forma pública, a gente trabalha faltando muita coisa, então a gente fica o tempo todo substituindo uma coisa por outra, fazendo adaptação, um ajuste técnico, aqui e acolá, que dói, mas infelizmente, se a gente não fizer o nosso paciente fica desassistido (E01).

[...] era meu sonho trabalhar, no Hospital [...] que é um serviço muito castigado ou por causa da política, enfim, mas é um hospital que o profissional que permanece lá ele tem que aprender a se virar, porque o que ele aprendeu ele tem que arranjar um jeito de fazer aquilo, e eu aprendi muita coisa que eu tive que ajustar muito do que eu aprendi, pra quando... pra poder conseguir trabalhar como num lugar como aquele, que é superlotado, mas que tem profissionais maravilhosos (E11).

Consideraram que dificuldades existem em todos os setores, mas que podem ser superadas com compromisso e responsabilidade.

Identificaram a necessidade de uma educação permanente para atualizar os conhecimentos e rever as rotinas dos serviços. Os egressos relataram assim:

A questão de você abrir os olhos e olhar à sua volta e ver os problemas que a gente enfrenta na nossa profissão e no desenvolver do nosso trabalho. Infelizmente é difícil, mas não é impossível. É aquela coisa, a gente não pode ter, como diz um professor meu: “A gente não pode ter o hospital, o setor dos nossos sonhos, mas a gente pode fazer ele o melhor possível com o que a gente tem.” É uma questão de você ter comprometimento com o que você faz, ter responsabilidade e correr atrás (E01).

Em relação aos dilemas éticos, aqui existe um grande problema, porque a maioria da equipe de enfermagem, ela... já faz muito tempo que se formou e algumas coisas por rotina fizeram errado e permanecem fazendo dessa forma. Não tem como um profissional novo chegar e tentar fazer essa mudança, porque a mudança tem que ser interna. Mas assim, o grande problema são algumas atividades de enfermagem que a gente vê aqui, mas em relação à equipe não existe problema (E02).

USANDO OS CONHECIMENTOS PARA MELHORAR A QUALIDADE DO TRABALHO

O egresso relatou que utilizava os conhecimentos adquiridos no CTE EEN no seu trabalho, desde a postura profissional desenvolvida durante a formação, auxiliando nas tomadas de decisões durante a realização do trabalho.

Ao falar da qualidade do trabalho do TE, o egresso disse que as atividades do trabalho desenvolvidas por ele procurava fazer corretamente, do jeito que aprendeu, sempre buscando a melhor forma de cuidar do paciente. Disse que trabalhava com amor, respeitando o paciente, preservando sua segurança de forma competente.

Mas o meu trabalho, se é daquele jeito, é pra ser feito daquele jeito, eu procuro sempre fazer muito

parecido com o que eu aprendi, o certo, na verdade, porque a gente tem que pensar não é no que a gente vai fazer, a gente tem que pensar no paciente que tá lá, no caso do meu material, que a gente prepara para ser um material de qualidade para o paciente (E03).

Se eu faço tudo com segurança eu vou fazer tudo que eu tenho competência pra fazer, o que eu não tenho eu vou chamar alguém pra fazer, e se eu trabalho com pudor eu vou deixar o paciente psicologicamente mais aberto pros procedimentos que eu tiver que realizar, e mais confiantes [...] (E11).

[...] quando eu saio daqui vou trabalhar, eu também não vou só receber o meu salário no final do mês e só cumprir uma carga horária, eu vou fazer o que eu aprendi. E eu represento a escola de enfermagem e eu não posso fazer feio, eu tenho que fazer isso muito bem feito, porque, a própria sociedade, ela vai me cobrar, eu cheguei até a ouvir alguns profissionais... de alguns professores aqui: “Quando os... vocês... vocês saem daqui, vocês levam... levam consigo um pedacinho da escola, e eu faço parte...” (E11).

Disse que a partir dos conhecimentos do curso desenvolvia no cotidiano do trabalho atividades com segurança e confiança em saber fazer os procedimentos teóricos e práticos de enfermagem de forma humanizada. Afirmou que os conhecimentos apreendidos durante o curso atendiam a necessidade dos serviços de saúde, como informado a seguir:

Sim, até hoje. Até hoje tudo o que os professores passaram, tanto da parte teórica quanto da postura profissional, parte de humanização, que foi muito difundida e que é muito importante, até hoje, eu trago tudo (E02).

Tudo que eu faço hoje, aqui, eu faço com os conhecimentos que eu vim e trouxe de lá [CTE/EEN] (E03).

Utilizo. As técnicas em si, na realização de curativo, é como fazer o curativo, é como... Também como preparar o paciente, verificar os sinais vitais, administrar uma medicação, eu utilizo até hoje (E04).

Atendem, atendem. Tanto, [...] tem determinadas atividades que a gente é aquilo ali, é uma coisa contínua, uma coisa mais metódica, mas dependendo da situação aquilo requer uma ação, um pensamento na hora, um pensamento crítico: “O que é que é melhor fazer naquela hora?”, principalmente nos caso de urgência e emergência. Então isso pra mim é o mais importante (E01).

Relatou que utilizava os conhecimentos que adquiriu no princípio do curso, mas o difícil foi realizar as técnicas corretamente e não deixar que os colegas mais antigos interferissem de forma errônea, desatualizada. Disse que realizava as atividades corretamente, mesmo contrariando as orientações dos servidores mais antigos no serviço, em fazer os procedimentos de qualquer jeito. Relatou assim este momento:

[...] a dificuldade é assim que às vezes o que a gente vê na teoria não corresponde na prática, e a gente quer modificar aquilo ali. Como eu entrei no hospital que a maioria do pessoal já eram mais antigo, tinha várias práticas que não era aquilo que eu tinha visto e modificar isso aí foi o mais difícil para mim, tentar não fazer errado, tentar não fazer daquela forma, tentar mostrar que aquela forma não é tão correta, né, que já tinha mudado, acho que foi a parte mais difícil... (E16).

[...] mas a gente não, não foi assim que eu aprendi, eu aprendi de tal jeito, vou fazer do jeito certo (E15).

[...] o aluno, ele sai de uma escola como a Escola de Enfermagem de Natal e aí, quando ele chega na prática ele vai... ele chega na vida dele profissional, ele não chega com os colegas aos quais ele se formou, ele chega a se ligar a colegas que tem dez,

doze, treze anos de enfermagem ou até mais, que precisam passar por uma qualificação. E aí esses profissionais, eles têm hábitos, diria maus hábitos, e esse profissional fica muitas vezes à mercê (E14).

Referiu o egresso que, no seu trabalho diário, desenvolvia as atividades através dos conhecimentos que aprendeu no curso, mas tinha necessidade de buscar atualizações.

[...] eu lembro que eu sofri um pouco aqui, mas aí a rotina, você vai se voltando pra o centro cirúrgico... aí funciona também. Porque hoje de manhã teve os enxertos, também já participo e já instrumento. É a necessidade do setor público, sabe como é, a gente vai aprendendo! (E07).

Eu tenho muito mais a dar do que o serviço a mim. Eu posso falar assim? Porque eu me sinto com vontade de estudar, eu me sinto com vontade de fazer um treinamento que seja... eu me sinto com a necessidade de tá buscando, mas o trabalho não me... satisfaz, porque assim, aqui no meu setor a gente não tem nada [atualização], nada assim, pelo menos não chega até mim (E13).

Quando a gente começa a trabalhar que a gente começa a ver que aquela limitação tem que ser esquecida e você tem que ir mais, você realmente precisa estudar, aí foi algo... ainda bem que foi em tempo assim, que eu acabei despertando logo quando entrei aqui e, como eu já tinha o projeto de começar a graduação, então eu comecei aqui. Quando eu comecei como técnica, efetivamente eu já comecei minha graduação, e acabava que é tanto que, hoje assim, eu sempre falo às meninas assim pra gente nunca se acomodar. E tá sempre buscando, eu acho que tentar despertar, porque não vai ser pra todo mundo. Mas, pelo menos, plantar uma sementinha em um, que planta no outro, eu acho que já é bastante válido (E12).

DISCUSSÃO

A inserção no mundo do trabalho e o cumprimento das atribuições inerentes ao técnico em enfermagem são ações que geraram uma grande expectativa nos egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, que ao longo do processo de formação adquiriram conhecimentos para desenvolver competências e habilidades para serem profissionais da enfermagem.

A concepção de educação ao longo da vida vem atender às exigências da contemporaneidade em preparar o homem, individual e profissionalmente. Por conseguinte, a educação ao longo de toda a vida também é entendida como:

[...] uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve levá-la a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade (DELORS, 1998, p. 106).

No relatório de Delors (1998), a educação ao longo da vida deve ser organizada através de quatro pilares do conhecimento definidos como:

[...] *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (DELORS, 1998, p. 90).

O egresso deste curso, técnico em enfermagem, cidadão, integrante da equipe de saúde, tem como ação primordial cuidar do homem em todas as fases de sua vida, em momentos históricos reais e concretos, atuar numa área de constantes inovações tecnológicas, em ambientes de trabalho que oferecem por vezes condições de trabalho precárias, mas onde precisa desenvolver um cuidado de qualidade e humano. Nesse sentido o egresso, sujeito do seu tempo, ciente de sua inconclusão e inacabamento, necessita de uma educação ao longo da vida, visando

atender às suas necessidades pessoais e profissionais em um mundo que modifica-se permanentemente.

A educação profissionalizante precisa do “exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo” (FREIRE, 2000, p. 46).

Para Freire, os seres humanos são os únicos seres capazes de aprender social e historicamente, ele considera aprender uma aventura criadora que antecede o ensinar. No processo de aprendizagem o educador e o educando aprendem juntos. Segundo o autor, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2004, p. 23).

Para Freire o ensinar a aprender acontece realmente “[...] quando os educandos aprendem a aprender ao aprender a razão de ser do objeto ou do conteúdo[...]” (FREIRE, 2011c, p. 112). Romão vem reforçar o entendimento de Paulo Freire, ao afirmar que, no processo de aprendizagem, os educandos

[...] não constroem saberes totalmente singulares, originais e inéditos; na verdade, quando aprendem algo novo, as pessoas estão alterando o pré-conceito que tinham a respeito de algo por um novo conceito, por um ‘re-conceito’; estão substituindo o conhecimento que possuíam por outro ‘re-conhecimento’. Desse modo, ninguém aprende, mas ‘re-aprende’ (ROMÃO, 2010, p. 40).

Ao concluírem o curso, os egressos enfrentam grandes desafios quanto ao desenvolvimento do seu trabalho, por serem seres inconclusos e inacabados, necessitam de uma permanente educação para cuidar dos seres humanos nos momentos mais diversos, alegres, tristes, educativos, emocionantes, amorosos e críticos (FREIRE, 2004).

Os egressos do CTE da EEN relataram que, logo após concluírem o curso, ingressaram no mercado de trabalho através de concurso público ou processo seletivo simplificado. Alguns conseguiram aprovação em vários concursos, e ficaram aguardando a convocação para o trabalho. Observou-se que, do universo dos egressos localizados, a grande maioria

possuía vínculo empregatício com o serviço público. Dentre os respondentes, no momento da entrevista, todos desempenhavam atividades no serviço público, cerca de cinquenta por cento possuíam dois vínculos empregatícios, alguns destes contavam com dois vínculos públicos, e um pequeno número de egressos possuía um vínculo público e um privado.

Acreditamos que a concentração de egressos inseridos no serviço público deve-se à ampliação dos serviços públicos e, conseqüentemente, ao aumento de postos de trabalho, o que é confirmado através das informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Estatísticas da Saúde – Assistência Médico-Sanitária, referente ao ano 2009; o Brasil possuía na época 94.070 estabelecimentos de saúde, sendo a maioria da esfera administrativa pública (IBGE, 2009).

Mudanças ocorreram nas últimas décadas no mercado de trabalho em saúde, a partir da implantação do SUS, evidencia-se a desaceleração na oferta de postos de trabalho da rede privada, de caráter essencialmente curativista, sendo ampliada a oferta na rede pública, particularmente na rede municipal, devido à descentralização da gestão do SUS (MACHADO; OLIVEIRA; MOYSES, 2011). Conseqüentemente, segundo os referidos pesquisadores, os postos de trabalho para profissionais de saúde também sofreram expansão, objetivando atender a demanda do mercado.

No contexto paradigmático da saúde brasileira identifica-se um processo de mudança no modelo de atenção à saúde da população. Neste ambiente de construção permanente do SUS, com sucessivos avanços e retrocessos, a política de recursos humanos tem avançado em quantidade e na melhor qualificação da equipe de enfermagem. Com isso, observa-se uma considerável expansão dos postos de trabalho na última década, visando atender às necessidades, mudanças e inovações tecnológicas dos ambientes de saúde, e às características de morbidade da população; à expansão da atenção básica e do atendimento domiciliar. Portanto, é neste mundo do trabalho em saúde que o egresso do curso técnico em enfermagem se insere, com grandes desafios frente à realidade de saúde do cidadão.

No entanto, entre os egressos participantes desta pesquisa, identificamos que poucos desenvolviam atividades de prevenção e promoção à saúde em unidades básicas e mistas de saúde. A maioria atuava na área hospitalar, desenvolvendo atividades de maior complexidade. Compreendemos que, mediante os conhecimentos

adquiridos durante a sua formação e independente do seu local de trabalho, o egresso deve ter uma visão ampla dos problemas locais, conhecer o seu território e o mundo no contexto da área da saúde; nesse sentido, precisa ter apreendido, durante seu processo de formação, a dialogar, a ser crítico e reflexivo, para atuar com qualidade e ética junto à equipe de saúde e usuários do SUS (FREIRE, 2004, 2011a).

Ciente das suas atribuições profissionais, ao assumir o primeiro emprego, o egresso inicia sua vida profissional com as competências mínimas apreendidas na instituição formadora para o exercício da profissão, de acordo com o perfil profissional de conclusão esperado para o técnico formado. O mundo do trabalho espera inserir um trabalhador que desenvolva suas atividades coletivamente, com resolutividade, oferecendo soluções aos problemas de forma flexível e criativa, para acompanhar a realidade que se modifica constantemente, além de manter-se aprendendo permanentemente (BRASIL, 2012a).

O mundo do trabalho da saúde e o da enfermagem vêm passando por expansão da oferta de serviços e de incorporação de novas tecnologias, o que requer do profissional da equipe de saúde uma formação que contemple processos de construção de conhecimento permanentes, uma vez que a qualidade do cuidado e da formação estão relacionados à reflexão crítica, à intervenção e à proposição sobre a realidade deste processo de trabalho. Nesse sentido, os profissionais de enfermagem têm que estar preparados para os desafios que a prática profissional exige do trabalhador no seu cotidiano (FREIRE, 2011a; GÖTTEMS; ALVES; SENA, 2007; BRASIL, 2012a).

Nas instituições de saúde os gerentes de recursos humanos e da enfermagem requerem um profissional ágil e que realize o trabalho técnico com qualidade, executando técnicas de enfermagem de forma corretas, que atenda às normas e rotinas, trabalhe em equipe respeitando a hierarquia. Tal preocupação com a técnica deixa de priorizar a humanização do cuidado, de estimular o trabalho em equipe, interferindo diretamente na qualidade do cuidado prestado e na satisfação do trabalhador (PIRES; GELBCKE; MATOS, 2004).

Paulo Freire vem reforçar, com seus ensinamentos sobre os seres humanos, ao dizer que os homens estão sempre em movimento, sendo permanentemente desafiados a conhecer o mundo, e para tanto precisam ser curiosos, dialógicos, reflexivos, críticos, criativos, seres que se superam e evoluem para o futuro. É nessa busca constante de conhecimento que identificamos o técnico em enfermagem no seu

cotidiano de trabalho na área da saúde, que no seu agir venha transformar a realidade mediante a sua criação e recriação, objetivando assistir com competência e qualidade o usuário do SUS na sua realidade concreta (FREIRE, 1979, 1985, 2000; GADOTTI, 2004).

A formação desenvolvida durante o curso técnico em enfermagem da EEN foi considerada pelos egressos como importante para a sua inserção no mundo do trabalho e no enfrentamento dos medos iniciais, ao realizarem as primeiras atribuições, como técnicos em enfermagem, atuando com qualidade e responsabilidade, tendo como fortaleza os ensinamentos apreendidos juntos, educandos e educadores, durante o curso. Mas, neste momento de tamanho significado, sem o professor ao seu lado, na memória dos egressos o processo ensino-aprendizagem emergiu lembrando os conhecimentos construídos, os preceitos éticos e sua consciência como profissionais aptos a realizar as atribuições do Técnico em Enfermagem, revestindo-se de grande importância no início da vida profissional do egresso.

Na enfermagem, mesmo com a evolução tecnológica e as modificações no mundo do trabalho, as atribuições dos profissionais de nível médio continuam concentradas no fazer, segundo Pires, Gelbcke e Matos (2004, p. 318)

o fazer da enfermagem, principalmente dos trabalhadores de nível médio, permanece carregado de normas, rotinas, da realização de tarefas fragmentadas, sem participação efetiva do conjunto da equipe nos processos decisórios. Poucas são as iniciativas que buscam a subjetividade do trabalhador e o consideram um sujeito ativo e reativo no processo de trabalho (PIRES; GELBCKE; MATOS, 2004, p. 318).

O cotidiano do trabalho do técnico em enfermagem é considerado por estudiosos e pelos egressos como um trabalho árduo, com salários defasados, múltiplas escalas, aumento da carga de trabalho por insuficiência de profissionais, e tais fatores são identificados como geradores de adoecimentos entre os trabalhadores. Estudiosos relatam que o fazer é a principal característica do trabalho dos profissionais de nível médio da enfermagem, logo sua rotina de trabalho está associada ao esforço manual e físico, agregando, por conseguinte, a ideia de

sofrimento, que gera motivo de insatisfação no trabalho (LIMA et al., 2014; PIRES et al., 2012).

Pesquisadores corroboram com o entendimento dos egressos, ao relacionarem as seguintes dificuldades da profissão, segundo Schmoeller, et al. (2011, p. 369):

A remuneração inadequada, a acumulação de escalas de serviço, o aumento da jornada de trabalho, as características tensiôgenas dos serviços de saúde (tanto pela natureza do cuidado prestado às pessoas em situações de risco quanto pela divisão social do trabalho), a hierarquia presente na equipe de saúde e o desprestígio social, entre outros fatores, associam-se às condições de trabalho da equipe de enfermagem e refletem-se na qualidade da assistência prestada ao usuário e no sofrimento psíquico dos profissionais.

A enfermagem brasileira vem desenvolvendo suas atividades sob condições de trabalho precárias, os profissionais têm se submetido às mais diferentes cargas de trabalho, com riscos ocupacionais os quais são geradores de adoecimento, comprometendo a saúde e a vida dos trabalhadores de enfermagem e conseqüentemente interferindo na qualidade da assistência e no cuidado ao usuário (PIRES et al., 2010; PIRES, 2009).

Ao longo de mais de meio século, a categoria da enfermagem vem lutando pela regulamentação da jornada de trabalho dos seus profissionais, completou recentemente 55 anos de uma luta de muitas discussões, embates, avanços e retrocessos. Há 11 anos a categoria da enfermagem luta pela aprovação do PL 2295/2000. A enfermagem luta por uma jornada de trabalho de 30 horas semanais e seis diárias, que atenda às especificidades da profissão. Tal conquista vem fortalecer a enfermagem como profissão e o reconhecimento da sociedade de que o trabalho da enfermagem precisa ser desenvolvido sob condições especiais para uma prática segura (PIRES et al., 2010).

A qualidade do trabalho do técnico em enfermagem é dada a partir do desenvolvimento adequado de procedimentos manuais, sendo essa habilidade considerada como característica do bom profissional. No entanto, na atualidade, ao concluir um curso técnico o egresso necessita incluir outras competências e habilidades no seu perfil profissional, como

a capacidade de diagnóstico e de solução de problemas, e aptidões para tomar decisões, trabalhar em equipe, enfrentar situações em constantes mudanças e intervir no trabalho para a melhoria da qualidade dos processos, produtos e serviços (BRASIL, 2012a).

O curso técnico em enfermagem da Escola de enfermagem, acompanhando as transformações no mundo do trabalho e particularmente na saúde, ao elaborar o plano de curso preocupa-se em desenvolver a formação de um profissional reflexivo, crítico, criativo, humano, ético, que atenda as necessidades do SUS. As ideias de Reibnitz e Prado (2006, p. 82) corroboram com este entendimento, ao dizerem que no momento “[...] há uma ênfase na qualificação profissional visando a atender ao mercado de trabalho, mas também há espaço para participação, para a definição de projeto político-pedagógico, que permitam a formação de um profissional crítico e criativo[...]”.

Assim, a experiência e o conhecimento de Freire nos fazem refletir que o homem é permanentemente desafiado a conhecer o mundo, para tanto precisa ser curioso, dialógico, reflexivo, crítico, criativo, e buscar constantemente entender o momento vivido para desenvolver uma ação que venha transformar a realidade mediante a sua criação e recriação (FREIRE, 1985; GADOTTI, 2004).

Nesse sentido, a educação precisava ser corajosa para instrumentalizar o homem dos perigos do tempo presente através da discussão não menos corajosa de seus problemas, bem como da forma de interferir sobre eles, desenvolvendo, assim, consciência, força e coragem para lutar pelas suas ideias. O homem também deve ter a clareza de que tal diálogo necessita de constantes revisões, de análise crítica, correções de rumos e retomadas da luta (FREIRE, 2011a).

Sobre os conhecimentos adquiridos durante o curso, os egressos apontaram como determinante para o enfrentamento das exigências do mercado de trabalho do técnico em enfermagem atender as necessidades da instituição de saúde. Mas apontaram algumas dificuldades para atuar no mundo do trabalho, como a falta de material e equipamentos médicos hospitalares, bem como o relacionamento com a equipe de enfermagem, e a necessidade de uma educação permanente para a equipe de enfermagem. Eles acreditavam que estes são os maiores entraves enfrentados hoje no desenvolvimento das suas atribuições.

Os egressos do curso, ao identificarem a necessidade de uma educação permanente, desenvolveram a consciência de serem profissionais inacabados, inconclusos, que necessitam de uma

permanente educação para cuidar dos seres humanos em momentos mais diversos, alegres, tristes, educativos, emocionantes, amorosos e críticos. Para Freire é na consciência do ser inconcluso que “[...] se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 2004, p. 57). Ressalta ainda, dizendo que:

[...] a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização [...] o ser humano jamais para de educar-se (FREIRE, 2003, p. 17).

Na realidade de permanentes mudanças e inovações, especialmente no mundo de trabalho da saúde, o trabalhador técnico em enfermagem, egresso da Escola de Enfermagem de Natal da UFRN, para atuar frente às mais diversas incertezas desta área, tem que mobilizar diferentes conhecimentos no seu processo de trabalho. Os conhecimentos adquiridos na vida e no curso precisam instrumentalizá-lo para relacionar-se com os usuários do SUS e com a equipe de saúde, para desenvolver suas atividades corretamente nas mais diversas situações, ele precisa acompanhar a realidade vivida.

Nesse sentido, o profissional da enfermagem, sujeito de práxis, inconcluso e incompleto, precisa participar de uma educação permanente, humanizante, corajosa, que possibilite aos seres humanos refletir sobre si mesmos e suas responsabilidades, sobre a realidade em que vivem, que sua reflexão proporcione o seu próprio poder de refletir e de utilizar o resultado de sua reflexão no desenvolvimento do seu fazer (FREIRE, 2004, 2011a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo permitiram relacionar as facilidades e dificuldades vivenciadas pelos egressos do curso TE da EEN inseridos no mundo do trabalho. Atuar nos serviços de saúde desenvolvendo as atribuições definidas para a categoria requer competências e habilidades

específicas para constituir os requisitos mínimos para ser Técnico em Enfermagem.

Com a atual lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a educação profissional em nível técnico reveste-se de importância, passando por forte investimento especialmente na última década, frente à modernização e expansão de instituições educacionais, cursos e matrículas. O curso técnico em enfermagem acompanha, atualizando e modernizando seus planos de curso com o intuito de ofertar cursos de qualidade e que acompanhem as permanentes inovações do mundo do trabalho, especialmente da área da saúde.

Os egressos dos cursos técnicos em enfermagem da EEN relataram, em seus depoimentos, que construíram durante o seu processo de formação competências e habilidades para compor um perfil profissional objetivando viabilizar sua inserção e atuação com qualidade, responsabilidade e segurança, no mundo do trabalho em saúde. Relacionaram, dentre as facilidades proporcionadas, os conhecimentos adquiridos no curso que propiciaram o ingresso no mundo do trabalho através de concurso público, principalmente em unidades de saúde de instituições públicas.

Relataram que as habilidades e competências adquiridas no curso permitiram realizar suas atribuições como trabalhadores de nível médio da enfermagem e cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, mesmo com os medos e insegurança característicos do início da vida profissional. Ressaltaram a importância do acolhimento da equipe de enfermagem para este momento, auxiliando na adaptação e desenvolvimento do trabalho.

Identificaram como fatores dificultadores as relações com profissionais, usuários e seus familiares. Consideraram o trabalho do técnico em enfermagem como árduo, devido à carga de trabalho, absenteísmo, salários defasados, acúmulo de escalas, adoecimentos do trabalho.

Mas acreditavam que atualizações de conhecimentos através da educação permanente, discussão e revisão de normas e rotinas contribuam com a superação das dificuldades com o compromisso e responsabilidades da equipe de enfermagem.

Frente a essas constatações, podemos inferir que o curso técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal tem se preocupado em qualificar e capacitar jovens e adultos com conhecimentos e competências que lhes assegurem uma formação de qualidade e consequentemente a oportunidade de inserção no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico: censo escolar 2010**. 2010. Disponível

em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16179:censo-registra-515-milhoes-de-matriculados-em-2010&catid=211&Itemid=86>. Acesso em: 19 fev. 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.

Parecer n. 11, de 9 de maio de 2012: diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional nível técnico. Brasília, 2012a. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17576&Itemid=866>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**: aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012b. Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**: altera dispositivos da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111741.htm> Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986**: dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências.

Brasília, 1986. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7498.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Decreto nº 94.406/87, de 08 de junho de 1987**: regulamenta a lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 1987. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/decreto-n-9440687_4173.html>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Expansão da rede federal**. [2015?]. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

CAVERNI, L. M. R. **Curso técnico em enfermagem**: uma trajetória histórico e legal: 1948 a 1973. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7131/tde-31012006-111530/pt-br.php>>. Acesso em: 2 maio 2013.

COFEN. **Resolução COFEN-276/2003**: regula a concessão de inscrição provisória ao auxiliar de enfermagem de Rio de Janeiro, 16 de junho de 2003. 2003. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2762003-revogada-pela-resoluo-cofen-3142007_4312.html>. Acesso em: 19 fev. 2015.

DELORS, J. (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Digitalizado.

_____. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Política e educação: ensaios**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 14. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GÖTTES, L. B. D.; ALVES, E. D.; SENA, R. R.de. A enfermagem brasileira e a profissionalização de nível técnico: análise em retrospectiva. **Rev Latino-am Enfermagem**., Ribeirão Preto, v. 15, n. 5, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n5/pt_v15n5a22.pdf>. Acesso em: 6 maio 2013.

IBGE. **Estatísticas da saúde: assistência médico-sanitária**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/ams/2009/>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

KOBAYASHI, R. M.; LEITE, M. M. J. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**., Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a11.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

LIMA, L. et al. Satisfação e insatisfação no trabalho de profissionais de saúde na atenção básica. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1,

mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n1/1414-8145-ean-18-01-0017.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

MACHADO, M. H., OLIVEIRA, E. dos S. de, MOYSES, N. M. N. Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil. In: PIERANTONI, C., DAL POZ, M. R., FRANÇA, T. (Org.). **O trabalho em saúde: abordagens quantitativas e qualitativas**. Rio de Janeiro: CEPESC, UERJ, 2011. v. 1, p. 103-116. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/Tendencias%2520de%2520Mercado%2520de%2520Trabalho.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2015.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Trabalho em saúde. In: PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. **Educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

PEDUZZI, M.; ANSELMINI, M. L. O auxiliar e o técnico de enfermagem: categorias profissionais diferentes e trabalhos equivalentes. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 57, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n4/v57n4a08.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

PIRES, D. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 5, out. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/15.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

PIRES, D. et al. Jornada de 30 horas semanais: condição necessária para assistência de enfermagem segura e de qualidade. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 1, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/182/119>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

PIRES, D. E. P. et al. Inovação tecnológica e cargas de trabalho dos profissionais de saúde: uma relação ambígua. **Rev. gaúcha enferm.**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, mar. 2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n1/a21v33n1.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

PIRES, D.; GELBCKE, F. L.; MATOS, E. Organização do trabalho em enfermagem: implicações no fazer e viver dos trabalhadores de nível médio. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, set. 2004. Disponível em:

<<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r84.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

PRONKO, M. et al. (Org.). **A formação dos trabalhadores técnicos em saúde no Brasil e no Mercosul**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.

REIBNITZ, K. S.; PRADO, M. L. **Inovação e educação em enfermagem**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

ROMÃO, J. E. O Ensino Médio e a omnilateralidade: educação profissional no século XXI. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 12, n. 1, jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71518577002>>. Acesso em: 7 mar. 2015.

SCHMOELLER, R. et al. Cargas de trabalho e condições de trabalho da enfermagem: revisão integrativa. **Rev. Gaúcha Enferm. (Online)**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, jun. 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n2/a22v32n2.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. **Curso técnico em enfermagem**: proposta pedagógica. Natal, 2009. Impresso.

VIEIRA, S. L. et al. Des-interesse no ensino profissionalizante na produção do Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 1, fev. 2014.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0141.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

6.3 Manuscrito III: Perfil profissional apreendido pelo egresso do curso técnico em enfermagem

PERFIL PROFISSIONAL APREENDIDO PELO EGRESSO DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM

PROFESSIONAL PROFILE SEIZED BY THE EGRESS OF THE NURSING TECHNICIAN COURSE

PERFIL PROFESIONAL APREHENDIDO POR EL EGRESADO DEL CURSO TÉCNICO EN ENFERMERÍA

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso em educação. Teve como objetivo conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal apreendeu o perfil profissional. Participaram do estudo os Técnicos em Enfermagem egressos de uma Escola pública, que concluíram o curso no período entre 2003 e 2012, e os gerentes de enfermagem. Os dados foram colhidos por meio de análise documental e entrevistas semiestruturadas e organizados com base em categorias temáticas pré-definidas, a partir do perfil profissional de conclusão do curso técnico em enfermagem da referida escola. Os resultados são apresentados através das temáticas: Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem; Características essenciais ao trabalhador da enfermagem; Comportamento ético e postura profissional; O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem; Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos. O estudo mostrou que os conhecimentos adquiridos pelos egressos durante o curso possibilitou construir o perfil profissional e viabilizou a inserção no mundo do trabalho. Os entrevistados dizem que a qualidade da formação oportunizada pelo CTE da EEN se distingue pelo conhecimento teórico e prático ofertado aos seus alunos, resultando em trabalhadores mais preparados, com competências e habilidades indispensáveis mesmo aos profissionais que estão iniciando a carreira na enfermagem.

Descritores: Educação em Enfermagem. Educação Técnica em Enfermagem. Enfermagem.

ABSTRACT

It is about a qualitative research in the modality case study in education. Aiming to know how the egress of the nursing technical course of the Escola de Enfermagem de Natal seized the professional profile. The study included the nursing technics egress of a public school, who completed the course between 2003 and 2012, and the nursing managers. The data were collected through documentary analysis and semi-structured interviews, and organized from thematic categories, from the professional conclusion profile of the technical course in nursing at the said school. The learning is presented through the thematics: Interpersonal Relationship in the daily work of the Nursing Technician; Essential characteristics of the nursing workers; Ethical behavior and professional posture; the care in nursing and the performance of the nursing technician; Skills and abilities based on the techno-scientific knowledge. The study showed that theoretical and practical knowledge acquired by the egress during the course made possible to construct the professional profile and their entering the labor world. The interviewees say that the quality of the formation provided by CTE of EEN distinguish itself by theoretical and practical knowledge offered to its students, resulting in more prepared workers, with skills and abilities indispensable even for professionals who are starting the carries in nursing.

Keyword: Education in Nursing. Technical Education in Nursing. Nursing.

RESUMEN

Se trata de una investigación cualitativa bajo la modalidad de estudio de caso en educación. Tuvo como objetivo conocer cómo el egresado del curso técnico en enfermería de la Escuela de Enfermería de Natal ha concebido el perfil profesional. Participaron de la investigación los Técnicos en enfermería egresados de una Escuela pública que han concluido el curso en el período entre 2003 y 2012, como también los gerentes de enfermería. Los datos fueron recogidos por medio de análisis documental y entrevistas semiestructuradas, y organizados a partir de las categorías temáticas, desde el perfil profesional de conclusión del curso técnico en enfermería de la referida escuela. Los resultados son presentados a través de las temáticas: Relacionamiento Interpersonal en

el cotidiano del trabajo del Técnico en Enfermería; Características esenciales al trabajador de enfermería; Comportamiento ético y postura profesional; El cuidar en enfermería y la actuación del técnico en enfermería; Competencias y habilidades fundamentadas en los conocimientos técnico-científicos. La investigación ha mostrado que los conocimientos adquiridos por los egresados durante el curso posibilitaron construir el perfil profesional y les viabilizó su inserción en el mundo laboral. Los entrevistados dicen que la calidad de la formación proporcionada por el CTE de la EEN se distingue por el conocimiento teórico y práctico ofertado a sus alumnos, resultándolos en trabajadores más preparados, con competencias y habilidades indispensables, aunque estos profesionales estén iniciando su labor en el área de enfermería.

Descriptor: Educación en Enfermería. Educación Técnica en Enfermería. Enfermería.

INTRODUÇÃO

Falar da educação profissional em nível técnico nos remete à história recente da enfermagem, o qual surge apenas em 1966, com o primeiro curso técnico em enfermagem ofertado pela Escola Anna Nery, pertencente ao sistema federal de ensino. No entanto, o exercício profissional desta categoria só foi regularizado após vinte anos, através da Lei no 7.498/86, e regulamentada pelo Decreto-Lei no 94.406/87 (BRASIL, 1987).

O intervalo de vinte anos entre o início do curso e a regulamentação do exercício acredita-se ser um dos motivos que gerou a dificuldade da inserção deste profissional no mercado de trabalho brasileiro, passando muitas vezes a ser contratado como auxiliar de enfermagem para desenvolver atividades inerentes ao profissional de nível médio, independente de as atividades serem inerentes ao auxiliar ou técnico em enfermagem. Tal dificuldade acompanha o profissional técnico em enfermagem até os dias atuais, independente da esfera administrativa da instituição (CAVERNI, 2005; KOBAYASHI; LEITE, 2004).

O Brasil vivenciou profundas mudanças com a Constituição de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases LDB nº 9193/1996 e o Sistema Único de Saúde. Nesse contexto e frente aos contínuos estudos e discussões sobre a educação profissional e tecnológica, a qual é regulamentada pelo

Dec. nº 5154/2004 e posteriormente incorporada à LDB pela Lei 11.741/08, promove alterações importantes na educação profissional e tecnológica (BRASIL, 2004, 2008).

A educação profissional passa a ter organização própria, os planos de cursos passam a ser organizados baseados em competências, visando atender à atual divisão social e técnica do trabalho. O mercado de trabalho exige então que o trabalhador tenha conhecimento para a vida produtiva, desenvolvendo competências e habilidades adaptáveis ao trabalho flexível, mais abrangente, atendendo às demandas de um mercado em constante mudança (BRASIL, 1999; PEREIRA; RAMOS, 2006).

Na referida modalidade de ensino os cursos são organizados em eixos tecnológicos, podendo ser ofertados na forma de: formação inicial e continuada ou qualificação profissional; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação (BRASIL, 2004, 2008).

Com as alterações ocorridas na Educação Profissional, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) intensificou as discussões e análises sobre as Diretrizes Curriculares para a formação do técnico em enfermagem, elaborando de forma coletiva as orientações para auxiliar as escolas técnicas de enfermagem na construção e implementação dos planos de cursos.

Frente às críticas da formação do trabalhador por competência, a educação profissional em saúde busca aplicar a organização baseada em competências dos planos de cursos sob outro prisma, como ressalta Santos (2002), utilizando como “estratégia para fazer com que a escola se comprometa também com a prática profissional”. Com estes entendimentos estudiosos buscam redefinir a noção de competência, como fazem Pereira e Ramos (2006, p. 93), ao definirem como a “[...] capacidade (das pessoas) de enfrentar – com iniciativa e responsabilidade, guiadas por uma inteligência prática do que está ocorrendo e com capacidade – situações e acontecimentos próprios de um campo profissional[...]”.

A formação do técnico em enfermagem mobiliza diversas competências que precisam ser construídas pelo egresso, integralizando os conhecimentos para cuidar profissionalmente no SUS, de forma humana e ética, comprometido com a vida e com o outro. Nesse sentido, é preciso pensar em estratégias pedagógicas para essa formação. Para Wermelinger, Amâncio Filho e Machado (2011, p. 61-62)

[...] é necessário considerar os meios e modos como essa formação vem ocorrendo, ou seja, se os conteúdos curriculares e as metodologias de ensino empregadas permitem que o aluno tanto aprenda os procedimentos técnicos indispensáveis ao exercício de uma profissão como, também, desenvolva consciência crítica em relação à realidade circundante, para intervir nessa mesma realidade.

A Escola de Enfermagem de Natal, ao longo de sua trajetória histórica, embora venha atuando há mais de cinquenta anos na educação profissional de nível médio em enfermagem, atendendo às exigências legais, no contexto de mudanças ocorridas no mundo do trabalho e da educação e nos processos de trabalho em saúde e em enfermagem, e está consciente de que a sociedade exige um novo perfil de trabalhador para o técnico em enfermagem (SILVA; TIMOTEO, 2007).

Portanto, para formar este profissional que atenda à necessidade da sociedade brasileira e conseqüentemente do mundo do trabalho em saúde, faz-se necessária a construção de uma nova proposta curricular para o curso técnico em enfermagem, que focalize o cuidado de enfermagem como direito de cidadania. Isso requer formar um profissional cidadão para exercer suas funções e compreender o contexto e a concepção de saúde tendo como referência princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). A Escola de Enfermagem de Natal desenhou um novo perfil para formar técnicos em enfermagem, oferecendo assim sua primeira turma com esta nova concepção no ano de 2002 (UFRN, 2009).

Pelo perfil profissional de conclusão do técnico em enfermagem concebido para o curso técnico em enfermagem da EEN, respeitando os preceitos legais, e sob a supervisão do enfermeiro, o profissional deve realizar cuidados de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação determinados pelo processo saúde/doença. As condições essenciais para o perfil de conclusão dos egressos são definidas como descrito a seguir:

Apresentar bom relacionamento interpessoal, senso crítico-reflexivo e autocrítico, iniciativa, flexibilidade, senso de observação, capacidade de autogestão, abstração e raciocínio lógico; Aplicar as habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, fundamentadas nos conhecimentos técnico-

científicos, éticos, políticos e educativos, e de organização do processo de trabalho que contribuem para o alcance da qualidade do cuidar em enfermagem, buscando transformar a realidade social na qual está inserido; Desempenhar atividades profissionais com responsabilidade, justiça e competência, considerando os princípios básicos de universalidade, equidade e integralidade da assistência à saúde. Para atender às exigências educacionais demandadas pelo mundo do trabalho, os profissionais de nível técnico em enfermagem deverão receber formação ampla, constituída por competências gerais e específicas que lhes permitam acompanhar as transformações da área (UFRN, 2009, p. 8).

O currículo do técnico em enfermagem da Escola concebe como eixos norteadores a formação integral, princípios éticos, políticos e humanísticos, com uma concepção de saúde como direito do cidadão. Ao longo dos anos, vem formando jovens e adultos com conhecimentos e competências que lhes assegurem oportunidades de inserção no mundo do trabalho, utilizando metodologias e estratégias próprias e adequadas para uma formação de qualidade em técnico em enfermagem (UFRN, 2009).

Este estudo tem como objetivo conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal apreendeu o perfil profissional a partir de sua percepção e dos gerentes de enfermagem. Ou seja, buscou conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem construiu os conhecimentos durante o processo de formação e como os gerentes de enfermagem observam esta formação na atuação profissional deste egresso no mundo do trabalho.

METODOLOGIA

Para realizar a presente pesquisa, optou-se por um estudo de caso em educação fundamentado nos pressupostos de André (2008), com abordagem qualitativa. O estudo foi realizado na Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e nas instituições de saúde do Município de Natal, localizado no Estado do Rio Grande do Norte.

A análise documental foi utilizada como fonte importante de informação para possibilitar a realização do estudo e complementar informações obtidas por meio de entrevista (ANDRÉ, 2008; LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Para a coleta de dados primários, utilizaram-se documentos oficiais e institucionais como: relação dos egressos do curso técnico em enfermagem e plano do curso técnico em enfermagem da EEN, relação nominal dos técnicos em enfermagem e escala de serviço das instituições participantes.

Foram selecionados os seguintes serviços de saúde: Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, unidades de saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e três hospitais privados. A partir da relação nominal dos trabalhadores de nível técnico em enfermagem dos referidos serviços de saúde, foi realizado o cruzamento com a relação nominal dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, cedidas respectivamente pelos serviços de saúde e pela secretaria escolar.

Integraram o estudo os técnicos em enfermagem que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar trabalhando no SUS ter concluído o curso técnico em enfermagem na EEN/UFRN, no período entre 2003 e 2012, e atuar profissionalmente na capital do estado. E as enfermeiras gerentes de enfermagem que integrem a mesma equipe de enfermagem dos egressos participantes da pesquisa, atuando no SUS, em Natal. Foram excluídos os que não atendiam aos critérios relacionados anteriormente.

Participaram da pesquisa 20 egressos do curso técnico em enfermagem da EEN, e seis enfermeiros gerentes de enfermagem de serviços de saúde, todos integravam o SUS, trabalhando em serviços públicos e privados, na cidade do Natal/RN.

Inicialmente foram identificados os egressos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que estavam trabalhando em unidades de saúde dos cinco distritos sanitários de Natal/RN, denominados de distritos: norte I e II, leste, oeste e sul. Após sorteio, os egressos foram contatados no próprio local de trabalho ou através de ligação telefônica.

Os gerentes de enfermagem foram selecionados por sorteio entre os serviços de saúde nos quais atuavam os egressos do curso. Em alguns serviços a chefia de enfermagem relacionou as enfermeiras que poderiam atender aos critérios de inclusão e exclusão, devido ao rodízio de setores e ao turno de trabalho.

Na coleta de informações utilizaram-se entrevistas individuais semiestruturadas, ocorrendo no período de julho a setembro de 2014, em local previamente definido pelos participantes. Os registros da coleta dos dados foram realizados em gravador digital, após assinatura dos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e posteriormente transcritos. Para as entrevistas utilizou-se a saturação dos dados, como estratégia para encerramento da inclusão no estudo (MINAYO, 2010).

Para assegurar o anonimato dos egressos foram identificadas as entrevistas com a letra “E” e o número sequencial (E01, E02). E os gerentes pela letra “G” e o número sequencial (G01, G02). A análise dos dados ocorreu concomitante com a coleta de dados, utilizando a análise de conteúdo do tipo temática concebida por Minayo (2010).

Para auxiliar no tratamento e análise dos dados, utilizou-se o *software* de análise de dados qualitativos ATLAS TI 7.5. Todas as entrevistas transcritas foram inseridas no Atlas Ti como documentos e codificadas com base em categorias temáticas formuladas a partir das falas dos sujeitos, considerando-se o objetivo e o referencial teórico definidos para este estudo (MINAYO, 2010).

Ao explorar o material empírico, procuramos identificar nos fragmentos das falas depoimentos mais significativos, contidos nas falas dos entrevistados, utilizando-se o *software* para facilitar a seleção das falas ou expressões. Para o alcance desse objetivo identificaram-se *a priori*, mediante análise do perfil profissional de conclusão do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, os temas aglutinadores para o agrupamento das falas ou expressões que continham o mesmo sentido.

Em seguida, procedeu-se à interpretação das elaborações empíricas traduzidas no relatório final do estudo de caso sobre o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cuja reflexão e análise tomaram-se como referência os aportes teóricos do estudo e os depoimentos obtidos nas entrevistas individuais.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob nº 725.679/2014. Foram respeitados os princípios éticos da Resolução CNS nº 466/2012 (BRASIL, 2012).

RESULTADOS

Ao analisar o perfil profissional de conclusão do técnico em enfermagem e as condições essenciais aos egressos desse curso, ressaltaram-se no estudo as categorias temáticas a partir das quais se procedeu ao agrupamento das falas ou expressões dos entrevistados. Foram constituídas as seguintes categorias: Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem; Características essenciais ao trabalhador da enfermagem; Comportamento ético e postura profissional; O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem; Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos, que serão analisadas e discutidas a seguir.

1. Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem

O Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal, segundo o egresso, qualifica o profissional para atuar na rotina do trabalho da enfermagem com responsabilidade e respeito, relacionando-se com o paciente e familiares. Ele disse que aprendeu a trabalhar em equipe de forma humanizada, juntamente com o enfermeiro e toda a equipe multidisciplinar.

[...] eu aprendi muitas coisas, aprendi a fazer procedimentos, aprendi a lidar com gente, com os pacientes que estão no seu extremo de necessidade [...]. (E11).

Bom, lá eu aprendi, os professores me ensinaram a trabalhar e desenvolver em equipe, já se falava muito em trabalhar em equipe e na humanização. [...] trabalhava com a equipe, com enfermeiro, com a equipe multidisciplinar (E17).

Ao falar sobre o trabalho em equipe, disse que é fundamental para o desenvolvimento das atividades de enfermagem. Ressaltou a importância de integrar uma equipe onde os membros trabalham e realizam as atividades juntos, onde há colaboração, ajudam, acolhem e

são parceiros. O egresso sente que, quando a equipe trabalha em uma boa sintonia, é diferente.

E, quando a equipe é composta por alguns egressos da EEN é mais fácil, o entendimento é muito semelhante. Recordou que aprendeu a trabalhar em equipe desde o CTE da EEN, mas ao chegar ao mundo do trabalho percebeu as facilidades e dificuldades do relacionamento entre os componentes da equipe. Considerou que o acolhimento da equipe para um novo integrante ajuda a conhecer a rotina e desenvolver a segurança no trabalho. A seguir, eles relataram assim a vivência do trabalho em equipe:

Eu acho que a forma, como lidar com o paciente, com a família, depois com o próprio colega, porque nossa profissão, nosso trabalho é treinamento em equipe. Então você tem que trabalhar com o outro o tempo todo, então é aquela coisa: você pode não gostar, você pode odiar aquela pessoa de alguma forma, mas você tem que trabalhar em equipe em prol de um objetivo comum (E01).

Prepara, a partir daquelas dinâmicas e práticas que a gente acha até muitas vezes boba, mas já esta trabalhando esse espírito da coletividade, do trabalhar em equipe, embora seja um processo um tanto complicado. Uma coisa que a gente sempre fala que a gente aprende desde cedo no curso que enfermagem é coletividade e que é continuidade, e muitas vezes na prática isso não se concretiza, muitas vezes. Porque se o negócio é pra ser feito de manhã, ele tem que ser feito só de manhã, aí o pessoal da tarde não quer receber porque tem que ser feito de manhã, e isso já vai comprometendo de certa forma o andamento do trabalho. Mas assim, também são colegas e colegas e cada um tem seu modo, cada um teve sua formação, mas a escola prepara sim pra esse trabalho, da importância de se trabalhar em equipe (E05).

E principalmente aqui nesse setor, porque eu acho que em outros setores do hospital você chega e sua escala... você pega sua escala, você está com tantos

pacientes, você assume aqueles pacientes. Aqui não, a gente trabalha em equipe mesmo, a equipe de trabalho tem que trabalhar em equipe mesmo. Eu acho que ajudou muito os momentos lá, que a gente fazia os seminários, é uma bom momento de você estar do lado do outro, por mais que divida as partes, mas você tem que ajudar o outro naquele momento. Mas é que aqui nesse setor a gente trabalha em equipe mesmo, tem que dividir demais! (E07).

O gerente relatou não ter problemas de relacionamento, que os TES vinham trabalhando de forma respeitosa, observando a hierarquia. Disse que havia exceções, mas que a maioria dos egressos tinha um bom relacionamento interpessoal, com habilidades de relacionamento e trabalho em equipe.

[...] nós temos tido muito boas experiências, nas questões de relacionamento interpessoal, sabe, são profissionais que respeitam o outro, que sabe lidar com o outro, que tem estas habilidades de relacionamento, de trabalho em equipe (G04).

[...] o técnico da Escola de Enfermagem, nas experiências que nós tivemos na pediatria, são profissionais que trazem uma bagagem teórica, prática e até ética diferenciada. A gente identifica também nas aprovações de concurso, são profissionais que são bem aprovados, nos processos seletivos [...] então os alunos da Escola da Enfermagem de Natal eram os primeiros classificados, então a base teórica deles era bem diferenciada, além da prática deles a gente já identificava diferença nos procedimentos e, enfim, dava bem para distinguir, o profissional técnico da Escola de Enfermagem era mais preparado (G04).

Ao falar sobre o seu relacionamento com os clientes e familiares, o egresso disse que ainda precisava mobilizar conhecimentos e técnicas para melhorar as relações. Relatou que, ao trabalhar com clientes em

momentos de fragilidade, esta atividade requer muitas habilidades para facilitar o melhor desenvolvimento do cuidado prestado.

Disse que o paciente e seus familiares sempre trazem para o trabalho momentos de stress, pois o momento de desenvolver o cuidado revela a fragilidade e dificuldade de todos. Relatou que percebia que os clientes e pacientes precisam de atenção para desenvolver confiança no TE durante as ações da enfermagem.

[...] dificuldade eu tive com relação com as pessoas, não do trabalho, mas com o paciente, acompanhante, porque é muito difícil, assim, os acompanhantes dali, às vezes é mais difícil lidar com eles, do que acompanhantes e pacientes do hospital particular, porque eles chegam ali, às vezes eu entro com quinze pacientes e eles querem que a gente atenda eles naquela hora, e não pode, não tem condições [...] (E06).

É muito difícil você trabalhar realmente com o público, porque você no hospital, você trabalha com diversos tipos de pessoas de profissionais, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e todos... como se lida com gente humilde, com pessoas humildes, os pacientes que estão ali em um momento de fragilidade, que você tem que entender que a vida deles é outra (E09).

2. Características essenciais ao trabalhador da enfermagem (senso crítico-reflexivo e autocrítico, iniciativa, flexibilidade, senso de observação, capacidade de autogestão, abstração e raciocínio lógico)

Esta categoria temática busca aglutinar os depoimentos que traduzem as características estabelecidas no perfil de Conclusão, trazendo aspectos didático-pedagógicos importantes apontados tanto pelos gerentes como pelos próprios egressos.

Segundo os gerentes de enfermagem, a qualidade da formação dos egressos do CTE da EEN se distingue pelo conhecimento teórico e prático, resultando em trabalhadores mais preparados. Disseram que, ao atribuir para os egressos atividades, estas eram desenvolvidas com maior

conhecimento, desenvoltura e segurança. Por isso percebiam que o Técnico em Enfermagem da EEN tem uma postura diferenciada.

[...] o técnico que vem da Escola de Enfermagem, ele vem melhor preparado, ele vem realmente diferenciado, vem com conhecimento mais aprofundado [...] (G03).

[...] vêm mais preparados, com certeza isso enriquece muito mais o processo de trabalho, as atividades desenvolvidas na instituição, então tudo isso facilita o nosso processo trabalho de enfermagem de uma maneira geral (G06).

O egresso ressaltou a importância da autoavaliação para o desenvolvimento dessas características essenciais ao profissional técnico de enfermagem, como compromisso, iniciativa e raciocínio lógico. Disse que os alunos se autoavaliavam, em seguida os professores faziam a avaliação deles, era um momento de aprendizagem em que se discutia se o aluno estava realizando as atividades corretamente, tirava dúvidas, identificava as fragilidades para voltar a estudar a teoria. Não tinha nota, era apto ou não apto, mas consideraram que nem sempre esta forma de avaliar mensurava o conhecimento do aluno.

Assim, eu tinha aquela base segura e a partir dali eu fui construindo os conhecimentos, tinha aquela base porque eu sabia que daquilo ali, eu tinha que fazer aquilo ali, mas aí fui só somando, só somando os conhecimentos (E04).

O professor, ele tanto tinha a postura de estar com slides, como trabalhava conosco outros materiais didáticos, revistas, ou então artigos, ou jornais, e faziam com que a gente lá dentro da sala criássemos situações que conseguíssemos expor o que a gente estava estudando na época, e isso fazia com que a gente despertasse mais curiosidade, que a gente fosse buscar um aprofundamento em cada conteúdo que foi aplicado em sala de aula (E02).

[...] a interação entre nós, alunos, momento de troca de conhecimento, de você ser curioso, de você, se não souber mesmo, que seja algo simples perguntar, e se o outro já tem uma informação a mais, passa pra você também. Nos momentos dos estágios que a gente vai sentir, mesmo assim, o que é ser um técnico de enfermagem. Eu acho que foram as práticas e o se doar assim dentro da sala de aula. Não ser aquela pessoa dispersa, tá ali focada, sabendo o que quer, e eu acho que é isso. O professor, ele chega na intenção de passar o conhecimento. Se você tá ali na intenção de receber, se tá motivado, você adquire esse conhecimento de uma forma bem melhor (E20).

Comentou ainda que achava complicado se autoavaliar; refletir sobre seus erros e acertos não é considerado uma atividade simples para o ser humano. Ressaltou que a reflexão é necessária para analisar todas as atividades, possibilitando enxergar as falhas, identificando em que necessitava melhorar. Considerou a autoavaliação favorável, porque o próprio indivíduo reflete sobre as fragilidades, possibilitando corrigir as dificuldades, assim a avaliação era mais proveitosa.

As avaliações eram complicadas, porque a gente tinha que se autoavaliar, e pro ser humano acho que isso é um pouco complicado, você parar e pensar o que tá fazendo bem feito, o que não tá fazendo bem feito. Mas o resultado é muito proveitoso, porque é um momento que a gente tem pra fazer uma reflexão daquilo que não tá fazendo bem e melhorar, que não adianta o professor tá avaliando e dizendo que não tá bom, e às vezes essa avaliação só do professor entra num ouvido da gente e sai pelo outro e, quando a avaliação é nossa, a gente que tem o compromisso de nos formar e ser um bom profissional fica aquele momento de reflexão: eu preciso melhorar nesse ponto. Eu acho que acaba sendo mais proveitoso do que se a avaliação for só do professor (E11).

3. Comportamento ético e postura profissional

Para os egressos, o curso propiciou a discussão sobre as questões éticas, relacionamento, conflito, negligência, respeito à hierarquia profissional. No CTE o conhecimento sobre ética era muito enfatizada, objetivava desenvolver nos alunos uma postura ética. O curso da EEN foi considerado pelos egressos como a base de tudo, aonde vivenciaram muitas discussões sobre ética. Conforme consta nas falas a seguir:

[...] o diferencial do curso é justamente esse da gente ter esta postura ética, e isso é bem trabalhado, acho que me ajudou também, outras coisas também a graduação também me ajudou, mas é como falei, a escola foi a minha base de tudo (E16).

[...] ele [curso] falou de ética, falou de relacionamento, mas ele não deixou o aluno preparado pra o que ele ia enfrentar lá, porque quem está lá lhe esperando são pessoas e pessoas são difíceis de se lidar. Por mais que a escola me preparasse me dizendo: vai ter conflito, a gente não sabe que conflito é esse, [...] deveria ter mais um... um... aprofundamento maior na parte de ética, não que a escola deixe a desejar, mas o que o aluno vê em ética, em relações interpessoais em sala de aula, é pouco para o que ele enfrenta lá fora (E14).

O curso, segundo os egressos, precisava aprofundar mais para dar a base aos alunos com mais conhecimentos e postura ética; e, a partir daí, foram somando os conhecimentos, o que possibilitou a aprovação no concurso. Eles tinham a consciência de que conseguiram êxito devido aos conhecimentos obtidos nas aulas, práticas e estágios do curso, como observamos nas falas a seguir:

[...] o aluno da escola é mais embasado em termo de conhecimentos e ele tem uma postura ética [...] (E16).

Mas assim a formação, a disciplina, com que vocês colocavam de horário, de cumprir essas regras que

precisam existir. Elas são realmente necessárias, isso eu não tive dificuldade [...] (E12).

[...] acho que realmente foi uma junção de tudo que foi trabalhado, dos momentos que a gente vivenciou a junção da exploração teórica das aulas, do fato da gente apresentar seminário, apresentar uma dinâmica, da postura que a gente tem, de explicar, a forma como se portar nos estágios também, a forma como a gente trabalha, como a gente se porta no ambiente de trabalho, eu acho que tudo que a gente viveu aqui influencia na postura que a gente tem hoje como profissional (E09).

Nas entrevistas, os gestores reafirmaram os depoimentos dos egressos ao informarem que o egresso realizava suas atribuições com compromisso, responsabilidade, respeito à hierarquia e competência, desenvolvendo ações e atitudes em prol da qualidade da assistência de enfermagem.

A responsabilidade é... tem mais responsabilidade, a questão do conhecimento técnico, da postura, realmente, da postura profissional e... [...] na verdade, mas a gente percebe muito isso, é em um maior número dos profissionais que realmente são alunos da escola de enfermagem (G06).

[...] ele já vem com um certo compromisso mesmo com o trabalho, com a responsabilidade, com o conhecimento das suas competências mesmo, do que é esperado dele, da importância dele para a instituição, da colaboração que ele vai trazer para a instituição. Então eu acho que eles já vêm com esse perfil, que só vem colaborar, isso facilita, é a participação dos profissionais, dos enfermeiros nesse trabalho com eles, a questão da hierarquia [...] tem essa consciência de que estão subordinados ao enfermeiro, que o enfermeiro é quem acompanha, quem dá o respaldo legal a ele. Eles sabem que podem encontrar isso também nos nossos profissionais, de trabalhar junto, em prol de

uma assistência mais qualificada e mais responsável (G06).

Nos estágios, segundo os egressos, eram avaliados quanto à pontualidade, assiduidade, à postura ética, ao domínio da teoria e ao desenvolvimento prático, e ao final do estágio tinham uma conversa com o professor onde ele dizia em que precisavam melhorar. Disseram que gostavam das avaliações e que no estágio tudo era avaliado, desde a roupa até os procedimentos.

Avaliação tinha alguns pré-requisitos importantes, como pontualidade, assiduidade, a ética, o domínio teórico, o desenvolvimento da prática,[...] No final de cada módulo de estágio, o professor sempre estava com o aluno ou de forma individual ou em dupla, dependendo de como os alunos gostariam, e ele iria dizendo ponto por ponto. Sempre colocando a... ética, o conhecimento teórico, o conhecimento prático. O que nós desenvolvemos na prática, e dava uma nota, que nem sempre o professor, ele, o intuito dele não era reprovar o aluno e sim ajudar cada vez mais a contribuir com tudo que ele viu na teoria [...] (E14).

Os gerentes também identificaram que o Técnico em Enfermagem egresso do curso da EEN tinha uma formação humana em que compreendia o cuidado em enfermagem a partir das competências política, ética, e técnica, e das relações interpessoais. Consideravam a concepção de profissional do técnico em enfermagem deste curso como o diferencial na qualidade da formação. Como descrito nos fragmentos das falas dos gerentes a seguir:

Eu considero uma formação humana, é uma formação, realmente, que se preocupa com o humano, mas as competências técnicas vão além, que se preocupa realmente com a questão das competências éticas e da competência política, das relações interpessoais. Então envolve, é uma formação mais ampla, sabe, não fica apenas na questão técnica. Então é essa concepção que eu percebo como diferencial (G04).

[...] eu acho que em relação ao comportamento ético legal e até da própria formação do cargo, isso eu sei que são principiantes e sei que a escola valoriza muito isso, essa questão do desenvolvimento ético, da postura profissional, da responsabilidade, da legislação, do conselho [...] e o respeito até os profissionais, ele tem essa diferença, assim a questão do respeito, que eles sabem que muitos, pelo próprio desenvolvimento do curso, pela carga horária que eles trabalham no curso, isso é mais desenvolvido (G06).

Ao caracterizar o egresso do CTE da EEN, o gestor disse que o diferencial dos egressos da EEN era identificado pela formação técnica, teórica, no comportamento e na postura ética. Relatou que, como gerente, observava os alunos e egressos da EEN e também acompanhava o desenvolvimento deles através dos depoimentos dos colegas enfermeiros, que percebiam na formação oferecida pela EEN a valorização do ensino, da carga horária do curso, a responsabilidade, a postura profissional e o conhecimento das competências profissionais. Os gerentes relataram assim como reconheciam o egresso:

[...] conheço, pelo conhecimento científico, pela postura, tanto quanto a postura profissional como a postura ética, a maneira de se portar diante dos pacientes, diante dos familiares, e principalmente pelos conhecimentos científicos, esse pra mim, esse é o diferencial maior, diante do técnico da escola é esse (G02).

[...] realmente o aluno da Escola de Enfermagem de Natal, ele é um aluno muito bem preparado, não sei... não sei não, eu acho, é certeza, que até o tempo em que é desenvolvido o curso isso valoriza muito o aprendizado, diferentemente de tantas escolas de formação de nível médio que a gente vê, onde a carga horária pra o aprendizagem é muito restrita, muito pequena, às vezes limita-se a finais de semana, é um tempo curto. Então assim, eu percebo realmente na prática que há diferença em

relação ao aprendizado realmente desses alunos, os que vêm da escola de enfermagem e dos alunos das outras escolas de formação geral e privada do nosso estado (G06).

4. O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem

Os egressos relataram que compreenderam a responsabilidade de cuidar do ser humano, aprenderam a assistir o paciente de forma humanizada, conversar com ele, dar atenção, explicar cada procedimento antes de sua realização. Ressaltaram que as discussões e apresentações de trabalhos colaboraram para desinibir, auxiliando a realizar atividades de promoção à saúde. Ao relacionar como se constitui o seu perfil profissional de conclusão como técnico em enfermagem, o egresso disse que:

Semiotécnica e o cuidado na Enfermagem para mim foi a melhor disciplina, quando começou o curso que tinha umas disciplinas [...] era meio assim chata... aí, depois, com Semiotécnica, dali eu comecei a gostar, porque realmente foi a primeira prática que a gente começa a ter, para poder puncionar as pessoas, e o banho no leito também. É o cuidado em si da Enfermagem, que é tudo, a gente faz todos os dias (E08).

O egresso relatou que o curso foi a base da formação profissional, apontou os fatores que contribuíram para a qualidade do curso, como a estrutura curricular, equipe docente, campo de estágio, material didático, materiais médico-hospitalares e estrutura física. O curso era conduzido de uma forma muito boa, disseram os egressos que o diferencial do curso era todo o processo de formação, do trabalho realizado nas aulas, seminários, dinâmica, dos estágios, da forma de trabalho. Afirmaram que tudo isso influenciou para serem os profissionais que são hoje, pois deu a condição para serem selecionados e ingressarem rapidamente no mundo do trabalho com segurança. A seguir, o que relataram sobre o curso:

Eu acho que, a escola de enfermagem, ela consegue formar um profissional muito bem qualificado, eu vejo muito... principalmente no período que eu

estava, talvez eu não tivesse tanta maturidade pra enxergar tudo isso, depois que a gente sai, que vai pra o ambiente de trabalho, é que a gente percebe o quanto realmente foi rico [...] (E12).

Assim, o curso sempre, para mim os dois anos foram maravilhosos, porque a Escola de Enfermagem da UFRN dá o suporte muito bom, preparava você para sair daqui como um ótimo profissional, porque você via na teoria e na prática. E geralmente, assim, você via na teoria e na prática, no laboratório e ainda no estágio. Diferente de muitas escolas, que eu saiba, não têm todos esses materiais que aqui tem (E08).

[...] inclusive depois que eu fiquei [...] como bolsista, e vi os estagiários de outras escolas, a gente via o nível de diferença de ensino, de aprendizagem, sabe, e eu acho isso é muito relacionado à estrutura que a gente tinha, que a estrutura muito boa que o curso oferece, mas principalmente pela capacidade dos professores de nos transmitir aquele conhecimento e de nos colocar realmente no mundo da enfermagem (E05).

Nesse sentido, o gerente de enfermagem disse que o TE da EEN era realmente diferenciado, tinha uma boa formação, tinha conhecimento mais aprofundado, como no preparo e administração de medicação, no zelo e sensibilidade no cuidado ao cliente, sabia identificar o papel da enfermagem, valorizando o cuidado. Identificou os egressos pelo conhecimento científico, pela postura profissional e ética e pelo modo de comunicar-se com os pacientes e familiares. O gerente declarou em sua entrevista da seguinte forma:

Eles têm um bom preparo. Questão de preparo e administração de medicamento, bem forte, a parte de cuidados também, no tempo certo identifica, e são profissionais que têm uma atenção maior para o cuidado, sabe, a gente sente, percebe a sensibilidade maior, um zelo pelo cuidado, pelo paciente. Eles conseguem distinguir e identificar

que esse é o papel, o papel forte da enfermagem, sabe, o cuidado que a gente já não sente tanto em outros profissionais. Esta questão de identificar, a gente vê hoje o técnico muito centrado em medicamentos, em preparo e administração de medicamentos, e esquece muito do cuidado. No caso, a gente sente essa diferença, no caso do técnico que vem da Escola a gente percebe que eles valorizam a parte do cuidado, sabe, isso é uma diferença que a gente identifica (G04).

5. Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos

Relatou o egresso que adquiriu conhecimentos, que era a base segura da sua formação em enfermagem, aprendeu de uma forma que não esqueceu. Ao término do Curso Técnico em Enfermagem tinha adquirido muitos conhecimentos, que o capacitaram para desenvolver as atividades de cuidado em enfermagem com confiança.

Informou que atuava de forma humanizada, realizando atividades como preparo do cliente, medidas antropométricas, verificação de sinais vitais, banho no leito, lavagem das mãos, tratamento de lesões, curativos, vacinas, coleta de material para exames, auxiliava na coleta de preventivos, medicação, e também sabia da importância do trabalho em equipe e da continuidade da assistência na rotina do trabalho da enfermagem. Os egressos relacionaram algumas atividades desenvolvidas por eles:

A lavagem das mãos, fazer as assepsias na hora que vai diluir os medicamentos, botar na bandejinha, se apresentar. A evolução que a gente... a evolução que foi orientada. O meu começo, que foi muito o passo a passo da escola mesmo (E12).

[...] a gente aprendeu quanto à ética, fica fixo o que eu posso fazer com o paciente, eu tenho que tratar aquele paciente da forma que a gente sempre ouviu muito, da forma que nós queríamos ser tratados, com toda aquela ética, uma coisa que eu carrego muito, a questão do pudor. Foi dada muita ênfase ao pudor dos pacientes que precisam ser expostos,

isso é um ponto que é muito utilizado no centro cirúrgico (E11).

[...] a técnica de administração de medicamentos, e a abordagem ao paciente, a anotação da enfermagem. O relatório, eu lembro que, o aluno, ele tinha que entregar no final da disciplina um relatório de enfermagem pertinente às anotações daquela disciplina, às terminologias, os procedimentos básicos daquela disciplina, então era bem... muito cobrado do aluno isso aí, então o aluno já saía das disciplinas falando a terminologia. Os termos técnicos que são importantíssimos, enriquecem o relatório de enfermagem (E14).

Ao falar sobre os conhecimentos adquiridos pelos egressos no curso técnico em enfermagem da EEN, o gerente de enfermagem disse que eles tinham os conhecimentos esperados ao concluírem o curso. Eles tinham conhecimento teórico-prático no desenvolvimento dos procedimentos de enfermagem, como na administração de medicamentos, ao realizar curativos, ao verificar sinais vitais, realizavam registros de enfermagem, tinham boa comunicação verbal e desenvolviam a assistência ao cliente. Conforme podemos observar nas falas dos gerentes a seguir:

Eu acho que eles têm o conhecimento esperado, eles não têm a prática, que ninguém vai ter saindo de uma escola, mas o conhecimento eu acho que eles têm (G01).

[...] a gente vê que eles têm um embasamento teórico maior e a gente vê que eles vêm com prática, que têm... se ele vai administrar a medicação, se vai realizar um curativo, se vai verificar os sinais vitais. Você vê que eles têm uma prática maior [...] (G05).

[...] ele vem com uma parte de embasamento, muito, muito grande da parte de informática, da questão dos registros de enfermagem, que são das atividades muito importantes, né, a questão do

registro, nos nossos prontuários, nos nossos documentos, e a questão da linguagem escrita, verbal, isso é bem mais valorizado nesses profissionais, e na parte prática, do desenvolvimento da assistência mesmo, da parte que compete às suas funções mesmo (G06).

Os egressos falaram da sua inconcretude ao reconhecerem que os conhecimentos que adquiriram no curso da EEN foi uma base que, com o passar do tempo, precisa ser aprimorada. Falaram da importância do CTE para prosseguir com os estudos e conseguir um trabalho. Lembraram dos ensinamentos recebidos sobre a interação com o paciente, a forma de chegar, conversar, de falar, explicar os procedimentos, esclarecer dúvidas, que são atitudes e ações aprendidas na prática do curso.

Tinham consciência de que, ao terminarem o curso, não sabiam tudo da enfermagem, mas realizavam os procedimentos básicos de enfermagem em geral, como punção venosa, sinais vitais, banho no leito, curativo, montar respirador, entre outros. O curso ampliou a visão da enfermagem e da saúde por terem tido a oportunidade de vivenciar experiências em diversos campos de estágio, como pediatria, obstetrícia, saúde mental. Descreveram com orgulho, como observamos a seguir:

Assim, eu tinha aquela base segura e a partir dali eu fui construindo os conhecimentos, tinha aquela base porque eu sabia que daquilo ali, eu tinha que fazer aquilo ali, mas aí fui só somando, só somando os conhecimentos (E04).

[...] eu aprendi também, se a gente faz errado até aqui e hoje alguém alertou que tá errado, então, vamos modificar, porque o profissional, ele está em construção. Eu não me formei em técnica de enfermagem em dois anos, eu me formei em dois mil e seis, já se passaram oito anos, mas eu ainda estou em formação, já tendo, no caso, catorze anos que eu estou em formação, e vou passar mais outros vinte, vinte e cinco anos trabalhando, sempre em formação, não sou um profissional que está completo ainda (E11).

Os estágios eram enriquecedores porque a gente tinha muita oportunidade, lembro bem de semiotécnica, o aluno não saía dessas aulas práticas em hospitais, sem que ele conseguisse... sem que ele... administrasse todos os medicamentos. Sem que ele fizesse um curativo, verificar os sinais vitais, então o aluno realmente, na minha época de aluno, o aluno mesmo aprendia na prática, aprendia bastante mesmo, e o professor tinha esse olhar de trazer pra o aluno tudo o que ele via em sala de aula (E14).

Os gerentes de enfermagem observaram que os egressos do CTE da EEN tinham mais desenvoltura e conhecimentos aprofundados, no entanto, ao chegarem à instituição, recém-formados sem experiência na profissão, tinham facilidade em aprender e adaptar-se à rotina da unidade, sendo relatado assim pelo gerente:

É, vem verde, mas como tem um acompanhamento próximo, direto do enfermeiro, eles são assim diagnosticados até pela equipe com mais facilidade adaptação [...], e isso facilita (G06).

[...] a gente observa o seguinte, que no desenvolvimento das competências é... profissionais mesmo da prática, ele tem mais desenvoltura, ele tem mais conhecimento do que realmente faz, sabendo porque está fazendo, muito bem orientados, [...] (G6).

Na parte técnica, na parte de da formação mesmo, você vê que ele tem um embasamento diferente, do lavar das mãos ao, à parte mais complexa, que compete a eles, a gente vê que existe um diferencial na postura, no comportamento, é diferente (G05).

O egresso disse que realizava as atribuições no trabalho com os conhecimentos aprendidos durante o CTE. Estes estavam presentes na sua rotina diária, contribuindo com o desenvolvimento de sua postura profissional, e também no enfrentamento e tomada de decisões. Procurava utilizar na realidade do trabalho, relatava que os pacientes exigem o

respeito aos seus direitos com uma assistência de qualidade, conseqüentemente, se faz necessário mobilizar os conhecimentos adquiridos para conquistar a confiança deles e realizar uma melhor assistência. Como podemos observar nos fragmentos de suas entrevistas:

Os conhecimentos adquiridos tanto na parte teórica, como eu já disse também, a Escola de Enfermagem, ela não tem a preocupação só do aluno sair sabendo da parte teórica, mas também conseguindo aplicar a teoria na prática, e isso a gente consegue ver em toda a situação (E02).

[...] os pacientes, ele às vezes, principalmente no PS, eles chegam muito arredios pra gente, questionando a medicação e.... e eu sei os direitos que eles têm, e eu tenho que escutar aquilo e tentar saber conduzir. Lógico que não é sempre que a gente consegue, mas na maioria das vezes eu consigo conduzir aquele paciente pra que ele confie em mim como profissional (E11).

Com certeza, atende sim, procuro dar algo a mais. Segundo os professores, aqui eles me incentivavam extrapolar, incentivando não só a mim, mas a turma, seja algo a mais, não faça só aquilo que aprendeu no técnico. E assim eu procedo lá, além da técnica eu procuro, porque a técnica exige o cuidado (E20).

DISCUSSÃO

Os egressos relataram os conhecimentos adquiridos durante o curso que possibilitaram construir seu perfil profissional de conclusão do técnico em enfermagem e viabilizaram sua inserção no mundo do trabalho. Consideraram significativa sua formação profissional, ressaltando nas falas temas que merecem aprofundamento, como o Relacionamento Interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem; Características essenciais ao trabalhador da enfermagem; Comportamento ético e postura profissional; O cuidar em enfermagem e a atuação do técnico em enfermagem; Competências e habilidades fundamentadas nos conhecimentos técnico-científicos, por permitirem

compreender o processo de formação e sua inserção no mundo do trabalho.

O profissional técnico em enfermagem integrante da equipe de enfermagem representa, no mês de março do corrente ano, cerca de 52% (939.025) da categoria da enfermagem no país. Evidencia-se, por conseguinte, a importância e a dimensão do trabalho desenvolvido por este profissional no processo de cuidado da saúde e da doença, no viver do cidadão brasileiro, sendo marcante a presença deste trabalhador nos serviços de saúde (COFEN, 2015).

Reveste-se de importância o processo de formação deste trabalhador de nível médio da enfermagem e, conseqüentemente, o perfil profissional que construiu durante seu curso. Tais conhecimentos mínimos são fundamentais para conseguir inserir-se no mundo do trabalho, atuar no Sistema Único de Saúde ou em outros serviços de saúde.

Nesse sentido, estudiosos ressaltam a importância de conhecer o egresso que se encontra atuando nos serviços de saúde, sua trajetória profissional e o desenvolvimento de suas competências frente ao cotidiano de seu trabalho, por possibilitar refletir sobre a formação profissional e a atuação no mundo do trabalho (COLENCI; BERTI, 2012).

Os egressos inseridos no mundo do trabalho, ao relatarem sobre a sua formação, permitem identificar em seus discursos o conhecimento adquirido durante o processo de ensinar-aprender, bem como a aplicação no cotidiano de seu trabalho, nos enfrentamentos requeridos nas mais diversas atividades, levando o egresso a refletir e analisar sobre o curso realizado e as competências requeridas para o exercício de sua profissão (COLENCI; BERTI, 2012).

Na formação profissional, o processo de aprendizagem é organizado objetivando levar o estudante a apropriar-se de conhecimentos teóricos e práticos, desenvolver habilidades e competência de uma profissão. Ressalta Manfredi que, na educação profissional vista sobre o prisma das ideias de Paulo Freire, o autor pensava esta modalidade de ensino como “[...] um processo de formação humana, que vincule formação técnica – criticamente aos processos de trabalho – aos conhecimentos técnicos, científicos, em sua historicidade e com a sua função social e política[...]” (MANFREDI, 2010, p. 142).

Freire concebe a formação para o trabalho numa perspectiva ampliada, numa relação permanente entre educação, trabalho e sociedade,

possibilitando formar trabalhadores como cidadãos críticos, humanos, sociais e politicamente ativos (MANFREDI, 2010). Então, neste processo de formação, o educando e o educador, sujeitos no mesmo ato, no processo de ensinar-aprender, independente da modalidade de ensino, são seres de diálogo, reflexivos, inacabados, inconclusos, conscientes de sua inconclusão, críticos, criativos, levando-os neste processo a aprenderem juntos (FREIRE, 2011a).

O educador e o educando, durante o processo de aprendizagem, ambos aprendem juntos, segundo Freire, pois para ele “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2004, p. 23).

A compreensão dos alunos sobre seu mundo real é utilizada como base para a realização das atividades do educador. O educando precisa assumir seu papel, reconhecer que ele próprio é capaz de conhecer e de querer conhecer em relação ao outro, que também almeja e é capaz de conhecer o objeto do conhecimento (FREIRE, 2011c).

Paulo Freire compreende o homem como ser de relação, que está no mundo e com o mundo, fazendo a leitura do vivido a partir dos laços entre os dados e/ou entre os fatos de forma crítica e reflexiva (FREIRE, 2011c). O egresso do curso técnico em enfermagem, ao atuar frente às mais diversas incertezas da área da saúde, tem que mobilizar diferentes conhecimentos no seu processo de trabalho. Os conhecimentos adquiridos na vida e no curso precisam instrumentalizá-lo para relacionar-se e desenvolver suas atividades nas mais variadas situações do cotidiano do trabalho, com usuários e com a equipe profissional dos serviços de saúde, em meio às condições de trabalho proporcionadas pelos empregadores.

A partir desta análise do perfil de conclusão fundamentado nos princípios de Paulo Freire, se compreende o egresso do CTE como um ser profissional, ser de práxis, educando/ trabalhador, sujeito ativo no seu trabalho, comprometido com a sociedade e com os homens, que atua dialogando permanentemente com o outro, capaz de refletir sobre seu fazer, seu saber e sobre ele mesmo. Como um ser de relação, relacionando-se com o outro e com o mundo, conseqüentemente precisa ter consciência de sua realidade, que é histórica e cultural, e como ser humano compromete-se verdadeiramente por si mesmo com os homens em sociedade (FREIRE, 2011a; GADOTTI, 2004).

E é nesta perspectiva que os discursos dos egressos e dos gerentes apontam que o Técnico em Enfermagem formado na Escola de

Enfermagem de Natal é um ser em formação, mas com competências e habilidades adquiridas ao longo do curso técnico.

O compromisso do TE para desenvolver as atividades inerentes ao seu nível de formação em seu cotidiano de trabalho requer competências e habilidades para relacionar-se com profissionais, tanto da categoria de enfermagem quanto os diversos profissionais da área da saúde. Nesse contexto, o relacionamento e o diálogo são fundamentais para a qualidade do cuidado de enfermagem prestado aos usuários e para a satisfação do profissional.

A enfermagem constitui uma profissão que desenvolve um trabalho coletivo com responsabilidade, respeito e compromisso ético. No seu cotidiano, atua mediante complexas relações entre os profissionais da equipe de saúde, o usuário e sua família, e enfrenta no dia a dia diversos conflitos que precisam ser enfrentados e solucionados, objetivando superar, entre outras, as dificuldades de relações humanas que são essenciais ao trabalho coletivo e ao cuidado em saúde.

Os profissionais de saúde e da enfermagem precisam ter na sua formação como referência os princípios do SUS, objetivando desenvolver uma visão crítica, humana, serem criativos, reflexivos e terem o domínio de competências técnicas, políticas e éticas. Precisam ser observadas no processo de formação as tensões e pressões que os futuros profissionais irão sofrer como trabalhadores da área de saúde, especialmente os técnicos em enfermagem, que no cotidiano do trabalho vivenciam complexas relações, diversas condições de trabalho, a dor e o sofrimento humano (REIBNITZ; PRADO, 2006; PEREIRA; RAMOS, 2006).

Nesse sentido, durante o processo de formação do trabalhador a construção do conhecimento precisa oportunizar ao homem a experiência do debate, da crítica e da problematização da realidade vivenciada, proporcionando o exercício da verdadeira participação. No entanto, para que o processo de conhecimento ocorra, este precisa acontecer na sua realidade concreta, apropriando-se inicialmente do objeto de aprendizagem, reinventam-no, levando-o a transformá-lo em algo aprendido (FREIRE, 1985, 2011b; GADOTTI, 2004).

No cotidiano da realidade concreta, em qualquer atividade, as questões éticas permeiam o trabalho humano, mas, durante a atuação do profissional de enfermagem, enfrentar os dilemas éticos no dia a dia significa vivenciar situações embaraçosas, tomar difíceis decisões, conviver com as fragilidades humanas. Nas formações dos profissionais, o ensino da ética/bioética é considerado por Germano (2013) como o

primeiro dilema, por entender que este ensino deve ser transversal e, por conseguinte, todos os docentes devem transmitir conhecimentos éticos, compromisso nem sempre lembrado pelos professores e profissionais envolvidos no processo. No entanto, afirma Germano que, no contexto da formação, percebe que “para o estudante, ser ético significa, quando muito, apenas respeitar o código de sua profissão” (GERMANO, 2013, p. 77).

Souza, Santos e Prado (2005) vêm corroborar com a discussão sobre a responsabilidade ética da profissão, ao afirmar que “uma ética em Enfermagem precisa ser construída no contexto ético da sociedade, ou seja, reconhecer suas responsabilidades em termos da saúde e da vida de forma mais abrangente, incluindo aí as perspectivas políticas da sociedade e da profissão” (SOUZA; SANTOS; PRADO, 2005, p. 80). Ao longo da nossa história de vida somos responsáveis pelos nossos atos e ações, seja pessoalmente, profissionalmente e ou na sociedade, logo precisamos viver de forma ética.

Na formação humana é essencial o desenvolvimento da dimensão ética orientada pela humanização e convivência respeitosa entre homens e mulheres, em defesa de uma vida digna para todos os cidadãos. Ressalta Freire que “mulheres e homens, seres histórico- sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos” (FREIRE, 2004, p. 33). Para Paulo Freire (2004, 2010a) a decência e boniteza dos seres humanos estão na ética.

Para atuar na área da saúde/enfermagem a formação crítica do profissional é essencial, precisa-se de muito mais que o treinamento ou adestramento dos indivíduos para lidar com seres humanos nas mais diversas situações, utilizando equipamentos e materiais de sofisticada tecnologia que se atualizam constantemente. Para inserir-se e trabalhar nesta área os egressos devem ter construído um perfil profissional que os qualifique a cuidar de gente, que pensem criticamente seu processo de trabalho, que realizem seu atendimento eticamente e com qualidade. O ambiente e o processo de trabalho do técnico em enfermagem são muito importantes na área da saúde, mas quanto a ética necessita-se de “[...] rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado” (FREIRE, 2000, p. 46).

Portanto, os egressos e educadores do Curso Técnico em Enfermagem da EEN não podem se eximir de pensar criticamente a

competência técnica utilizada no seu fazer cotidiano, além de manter a própria ação sob permanente vigilância ética. Exatamente por serem homens e mulheres de práxis do “que fazer”, de ação-reflexão-ação, que vivem no mundo e com o mundo, tendo oportunidade de conhecer, de fazer, de refazer e transformar a realidade concreta.

Os egressos apontaram que, no processo de formação do curso, o diferencial são a prática e a experiência docente compartilhada com os educandos durante as aulas, seminários, dinâmicas, estágios, da forma de trabalhar. Ressaltaram a capacidade dos professores de ensinar os conhecimentos e de apresentar o processo de trabalho da enfermagem. Ao escrever sobre os saberes necessários à prática educativa, Freire diz que a ação do professor “[...] ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim [...]” (FREIRE, 2004, p. 118).

Com o entendimento de que o educando precisa se apropriar do conteúdo ensinado, orientado pelo educador, Freire afirma com insistência que:

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (FREIRE, 2004, p. 118-119).

Isso se repete na fala dos egressos ao se reportarem ao processo de ensino-aprendizagem, em que destacam o papel do professor, as atividades desenvolvidas e a forma de avaliar. Os egressos do curso técnico de enfermagem relataram que desenvolveram um perfil profissional de conhecimentos mínimos que possibilitou inserir-se no mundo do trabalho e atuar sob a supervisão do enfermeiro, desempenhando ações de enfermagem nos níveis de promoção, proteção, recuperação e de reabilitação da saúde de indivíduos e/ou grupos sociais, determinadas pelo processo saúde/doença.

Nesse contexto, o egresso precisa manter-se atualizado para realizar seu trabalho com qualidade e assegurar sua colocação no mundo do trabalho. Portanto, o egresso relatou nas entrevistas ter ciência da necessidade de buscar uma educação permanente para prosseguir construindo seus conhecimentos para a vida.

Por isso, ao discutir sobre a prática educativa crítica, Freire relaciona, dentre os saberes indispensáveis, o de que “[...] o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção[...]” (FREIRE, 2004, p. 22).

Tinham consciência de que ao terminar o curso não sabiam de tudo da enfermagem, mas que durante sua formação aprenderam ao vivenciar experiências em diversos campos de estágio, como pediatria, obstetrícia, saúde mental, realizando os procedimentos básicos de enfermagem. Descreveram com orgulho os conhecimentos aprendidos durante o CTE, disseram que realizavam as atribuições na sua rotina diária no trabalho, observando os preceitos éticos e humanos da profissão a serviço da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas falas dos participantes do estudo desvelou-se como o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal construiu os conhecimentos durante o processo de formação e como os gerentes de enfermagem observaram a atuação profissional deste profissional egresso da Escola, no mundo do trabalho.

A categorização do perfil profissional de conclusão do curso técnico em enfermagem da EEN possibilitou organizar os fragmentos de falas dos egressos e gerentes de enfermagem, permitindo identificar as competências adquiridas pelos egressos durante o curso, bem como conhecer como ocorreram a inserção e permanência no mundo do trabalho.

O profissional técnico em enfermagem egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal integrante da equipe de enfermagem desenvolveu seu trabalho no processo do cuidado em saúde nas diversas fases que compreendem o viver humano. Por conseguinte, a formação oferecida pelo curso buscou qualificar os educandos para atuarem nos diversos níveis de atenção à saúde, de forma integral e crítica, considerando os princípios éticos, técnicos, políticos e

humanos, na perspectiva de contribuir com a atenção à saúde guiados pelos princípios do Sistema Único de Saúde brasileiro.

Os egressos entrevistados descreveram o empenho dos professores para formar um profissional que realizasse seu trabalho com responsabilidade, competência, ética e de forma humanizada. Falaram com orgulho que o CTE da EEN foi a base da formação profissional. Relataram a importância de trabalhar cuidando dos seres humanos em momentos de extrema fragilidade, e que para atuar precisavam ter habilidades e competências para realizar os procedimentos de enfermagem com segurança.

Afirmaram os egressos que aprenderam a trabalhar coletivamente durante o curso participando das atividades e práticas realizadas no processo de aprendizagem, e lembraram as dinâmicas, seminários, pesquisas, trabalhos em grupo. Ressaltaram que um bom relacionamento interpessoal no cotidiano do trabalho do Técnico em Enfermagem é essencial para o trabalho coletivo, falaram da dificuldade de comunicação e dos conflitos no ambiente de trabalho, como integrantes da equipe de enfermagem, e, conseqüentemente, a equipe multiprofissional de saúde precisa ter habilidades para interagir com paciente, familiares e profissionais de saúde.

Egressos e gerentes de enfermagem descreveram a importância do ensino da ética ao longo de todo o curso, propiciando a construção de uma postura ética observada nos egressos do referido curso, que, ao ingressarem no ambiente de trabalho, participavam do processo de trabalho em enfermagem com compromisso, responsabilidade, observando a hierarquia da categoria. Relataram os gerentes que os egressos realizaram na Escola uma formação que se preocupava com o humano, com a qualidade do cuidado em enfermagem, buscando desenvolver competências políticas, éticas, técnicas e relações interpessoais entre a equipe e o usuário, e consideraram a concepção de profissional do técnico em enfermagem deste curso como o diferencial na qualidade da formação.

Os gerentes e os próprios egressos afirmaram durante as entrevistas que a qualidade da formação oportunizada pelo CTE da EEN aos seus alunos se distingue pelo conhecimento teórico e prático, resultando em trabalhadores mais preparados, com competências e habilidades indispensáveis, mesmo aos profissionais que estavam iniciando a carreira na enfermagem. Afirmaram que tudo isso influenciou para serem os

profissionais que são hoje, pois deu a condição para serem selecionados e ingressarem rapidamente no mundo do trabalho com segurança.

Sugeriram a ampliação dos ensinamentos éticos e de relações interpessoais aos alunos do curso técnico em enfermagem, com o intuito de preparar o profissional para enfrentar o stress, conflitos, negociações e emoções no cotidiano de trabalho.

Frente aos resultados obtidos, acreditamos que o egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal construiu de forma sólida os conhecimentos durante o processo de formação, além dos princípios éticos e políticos estabelecidos pela Escola. Fato confirmado nas falas dos egressos e dos gerentes de enfermagem, ao relatarem sobre os conhecimentos, competência e habilidades adquiridos pelos egressos na sua formação, levando-os a atuar profissionalmente no mundo do trabalho.

O estudo possui limitações frente ao envolvimento da pesquisadora, como professora da instituição aonde ocorreu o estudo de caso, que se guiou pelas orientações e respeito aos preceitos éticos em pesquisa, focalizando sua atenção em compreender o caso em particular do egresso do curso técnico em enfermagem da EEN. Espera-se que o presente trabalho, através da descrição do estudo realizado e da experiência da autora na área com a formação de técnicos em nível médio em saúde, leve os leitores a fazerem relações e associações com outros casos, possibilitando assim contribuir com a unidade de ensino estudada, mas também com a formação do profissional técnico de enfermagem e com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**: altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111741.htm> Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004**: regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Decreto nº 94.406/87, de 08 de junho de 1987**: regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da Enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 1987. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/decreto-n-9440687_4173.html>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 16/99 de 05 de outubro de 1999**: trata das diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de Nível Técnico. Brasília, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016_99.pdf>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**: aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CAVERNI, L. M. R. **Curso técnico em enfermagem**: uma trajetória histórico e legal: 1948 a 1973. 2005. 193f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7131/tde-31012006-111530/pt-br.php>>. Acesso em: 2 maio 2013.

COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**. São Paulo, v. 46, n. 1, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a22.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

COFEN. **Pesquisa retrata perfil de 1,6 milhão de profissionais de enfermagem.** Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-retrata-perfil-de-17-milhao-de-profissionais-de-enfermagem_31185.html>. Acesso em: 11 mar. 2015.

FONTE, A. S. da. **A Escola de Enfermagem Anna Nery e a nova ordem no campo da educação em enfermagem.** 2009. 113 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/lil-558699>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Educação e mudança.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Extensão ou comunicação.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'água, 2010a.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010b.

GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GERMANO, R. M. A pesquisa e os dilemas éticos do trabalho da Enfermagem **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 66, n. esp., 2013.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea10.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

GERMANO, R. M. A pesquisa e os dilemas éticos do trabalho da Enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. esp, p. 76-79, set. 2013. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jun. 2015.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000700010>. Acesso em: 25 mar. 2015

KOBAYASHI, R. M.; LEITE, M. M. J. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. **Rev. Latino-Am.**

Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, abr. 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a11.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI, S. M. Educação Profissional. In: STRECK, D. R.;

REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed.

Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 478.

MEIRA, M. D. D.; KURCGANT, P. Avaliação da formação de enfermeiros segundo a percepção de egressos. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 21, n. 4, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n4/a04v21n4.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. **Educação profissional em saúde**.

Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

REIBNITZ, K. S.; PRADO, M. L. **Inovação e educação em enfermagem**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

SANTOS, I. dos. Escolas Técnicas de Saúde do Sistema Único de Saúde (ETSUS). **Formação**, Brasília, v. 2, n. 5, 2002.

SILVA, E. R.; TIMOTEO, R. P. S. Profissionalização cidadã: mudanças na formação do trabalho de enfermagem. In: _____. (Org.). **Educando e produzindo conhecimento em enfermagem**. Natal: EDUFRN, 2007.

SOUZA, M. de L. de; SANTOS, V. V. de B.; PRADO, M. L. Subsídios para uma ética da responsabilidade em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n1/a10v14n1.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

WERMELINGER, M.; AMÂNCIO FILHO, A.; MACHADO, M. H. Formação técnica em saúde: expectativas, dilemas e (des)ilusões do aluno. **Boletim téc. Senac: a Rev. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/372/artigo6.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. **Curso técnico em enfermagem**: proposta pedagógica. Natal, 2009. Impresso.

VIEIRA, S. L. et al. Des-interesse no ensino profissionalizante na produção do Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 1, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0141.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

O ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação. Para o educando conhecer o que antes não conhecia, deve engajar-se num autêntico processo de abstração por meio do qual reflete sobre a totalidade ‘ação-objeto’ ou, em outras palavras sobre a forma de ‘orientação no mundo’.

Paulo Freire

Escrever as considerações de um estudo de caso realístico significa conhecer, acompanhar, analisar, identificar fortalezas e fragilidades, pensar novos rumos de um (re)começo constante. Sabemos da sua inconclusão, por ser um processo que se encontra em permanente atualização e mudanças, acompanhando os movimentos da vida dos sujeitos envolvidos, o contexto do trabalho e da sociedade em que estamos inseridos historicamente.

Para estudar a formação profissional e a inserção no mercado de trabalho do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o olhar dos próprios egressos e dos gerentes dos serviços de enfermagem, adotou-se um caminho metodológico com enfoque na pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso naturalístico, que possibilitou conhecer como vem ocorrendo a construção do perfil profissional do egresso ao concluir o curso, como ele apreendeu o perfil de formação, bem como identificar as facilidades e dificuldades do uso dos conhecimentos adquiridos no curso em seu cotidiano de trabalho como técnico em enfermagem.

A análise e o resultado levaram a pesquisadora a compreender e *sustentar a tese* proposta de que o perfil do egresso do curso técnico em enfermagem da Escola Enfermagem de Natal corresponde a um perfil profissional com competências e habilidades da profissionalização em enfermagem para o atendimento das necessidades do Sistema Único de Saúde.

Identificamos nos depoimentos dos entrevistados como o curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desenvolveu a formação do Perfil Profissional proposto pelo curso, bem como constatamos que o

perfil profissional do egresso do curso atende as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico e contribui fortemente para a inserção no mercado de trabalho.

A característica singular do egresso do curso técnico em enfermagem da EEN/UFRN inserido no Sistema Único de Saúde em instituições de natureza pública e privada levou a desenhar o perfil deste sujeito trabalhador da enfermagem no atual contexto histórico, social e econômico. Enfrentamos algumas dificuldades para encontrar os egressos nos seus respectivos ambientes de trabalho devido às escalas de serviços, à troca de horários, adocimentos, ente outros.

A trajetória do estudo gerou muitos sentimentos; localizar a maioria dos egressos inseridos no serviço público, alguns com mais de um vínculo empregatício, em esferas administrativas diferentes proporcionou a alegria de reencontrá-los atuando na enfermagem, especialmente desenvolvendo atividades em unidades hospitalares, maternidades, unidades básicas e mistas de saúde e como docente. Observamos que atuavam em setores dos serviços de saúde de maior complexidade, fosse nos serviços públicos ou privados, na atenção básica ou na assistência curativa.

Merecem registro a satisfação e orgulho, como defensora do ensino público, gratuito e de qualidade, de identificar na fala dos egressos a visão crítica e reflexiva ao reconhecer a qualidade do ensino oferecido pelo CTE da EEN, como alicerce da sua formação cidadã e da sua inserção no mundo do trabalho, através da aprovação em concurso público. E de saber que prosseguem a formação profissional iniciada no curso técnico. Hoje na maioria são enfermeiros ou cursam a graduação em enfermagem.

A permanente discussão da educação para a vida de homens e mulheres se mostra na atualidade como questão de extrema importância, para os pesquisadores da temática sobre formação e inserção no mundo do trabalho, independente do nível de ensino, e se constitui um importante debate frente à realidade de constantes transformações vivenciadas pela sociedade neste mundo globalizado.

Na realidade em que nós vivemos, as áreas da Saúde e da Enfermagem passam por forte desenvolvimento e incorporação de novas tecnologias, ampliando, assim, seus espaços de atuação e consequentemente de ofertas de serviços. Este contexto de mudança requer um trabalhador da enfermagem com uma formação que atenda a necessidade do setor e que se mantenha em uma educação permanente.

O trabalho coletivo em saúde é realizado por trabalhadores de diversas profissões, com vários níveis de formação, tendo como objetivo primordial o cuidado ao usuário. Caracteriza-se por ser um trabalho especial de atenção ao cuidado humano desenvolvido através de uma permanente interação entre profissionais e usuários.

O profissional Técnico em Enfermagem, para atuar nos serviços de saúde desenvolvendo as atribuições definidas para a categoria, requer competências e habilidades específicas, que integram o perfil profissional de conclusão do curso, respeitando as leis educacionais brasileiras e do exercício profissional da enfermagem.

Mediante a autonomia da Escola em desenhar os currículos, o curso técnico em enfermagem da EEN vem buscando acompanhar a onda de modernização e inovações tecnológicas das áreas de saúde e enfermagem, atualizando e modernizando seus planos de curso com o intuito de ofertar cursos de qualidade e que acompanhem as demandas sociais e do mundo do trabalho.

A inserção do egresso do curso técnico em enfermagem no mundo do trabalho e o uso dos conhecimentos que constitui o perfil profissional apreendido no curso recebem destaque importante nas falas dos egressos, levando-os a identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram o processo de inserção e permanência no trabalho em saúde.

Identificamos nos relatos dos egressos do curso técnico em enfermagem da EEN que, durante o seu processo de formação, conquistaram conhecimentos necessários para construir competências e habilidades para compor um perfil profissional objetivando viabilizar sua inserção e atuação com qualidade, responsabilidade e segurança, no mundo do trabalho em saúde.

Dentre as facilidades proporcionadas pelo curso, os egressos relacionaram os conhecimentos os quais consideravam a base segura da sua formação em enfermagem, que aprenderam de uma forma que não se esquece, e ressaltaram a contribuição dada pelo curso no momento de tomada de decisão para a vida, sobre a definição ou confirmação da escolha profissão e do curso de graduação.

Os conhecimentos adquiridos no curso, segundo os egressos, abriram muitas portas para conquistar uma vaga no mundo do trabalho, possibilitaram o ingresso nos serviços de saúde através de concurso público, principalmente em instituições públicas. Relataram que tinham consciência de que conseguiram êxito na aprovação do concurso devido aos conhecimentos obtidos nas aulas, práticas e estágios do curso.

Ao ingressarem no mundo do trabalho, disseram que estes conhecimentos permitiram realizar suas atribuições como trabalhador de nível médio da enfermagem e cidadão consciente de seus direitos e deveres, mesmo com os medos e insegurança característicos do início da vida profissional. Os conhecimentos, habilidades e competências apreendidos durante o curso capacitaram os egressos para desenvolverem as atividades de cuidado em enfermagem com qualidade. Disseram que o curso ofereceu a base aos alunos com conhecimentos teóricos e práticos, confiança, segurança e postura ética, e afirmaram que, a partir da conclusão do curso, seguiam na vida reaprendendo os conhecimentos através da educação permanente.

Nos resultados, os egressos apontaram como fator dificultador no ato da inserção no trabalho as relações com profissionais, usuários e seus familiares. Consideravam o trabalho do técnico em enfermagem como árduo, com elevada carga de trabalho, absenteísmo e adoecimentos dos membros da equipe de enfermagem, salários defasados, acúmulo de escalas de trabalho, além de faltar o estímulo à educação permanente institucional.

Foi possível ainda identificar, ao longo do estudo, como os egressos do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal apreenderam o perfil profissional durante o processo de formação e como os gerentes de enfermagem observavam esta formação na atuação profissional do egresso no mundo do trabalho.

Os egressos relacionaram as competências e habilidades adquiridas durante o curso, fundamentadas em conhecimentos técnico-científicos, desenvolvidas na teoria e na prática, no laboratório e no estágio. Elegeram a unidade curricular de semiotécnica como a principal, por possibilitar que, juntos, professores e alunos desenvolvessem os conhecimentos básicos da enfermagem, integrando teoria e prática, construindo coletivamente os conhecimentos que estavam presentes nas ações desenvolvidas durante todo o curso e no processo de trabalho em saúde.

Ressaltaram que o curso técnico em enfermagem ampliou a visão da enfermagem e da saúde, contribuindo com a escolha da profissão do educando. Ao término do curso os profissionais tinham ciência de que necessitavam realizar uma educação permanente para manterem-se atualizados, contribuindo com a qualidade do cuidado prestado à população e com a própria satisfação do desempenho profissional.

Entendiam que, por serem seres inconclusos, necessitavam seguir aprimorando os conhecimentos e elevando a escolaridade.

Tanto os egressos quanto os gerentes de enfermagem descreveram o empenho e compromisso dos professores em formarem Técnicos em Enfermagem para exercer a profissão de forma competente e segura. Relataram que eles eram atenciosos, com boa dinâmica de ensino, mas também eram exigentes. Os professores acompanhavam os alunos de perto, durante o curso, conversavam quando percebiam alguma dificuldade. Ressaltaram a importância da experiência dos professores, de como é significativo para os alunos perceber nas ações do docente a realidade do trabalho em saúde, com riqueza de detalhes, com o olhar de quem viveu a realidade, e sabiam da importância da formação de qualidade para atuar nos serviços de saúde.

Por conseguinte, os egressos, consideraram as aulas como mais um momento de socialização dos conhecimentos tanto dos professores, que traziam toda a experiência profissional da sua prática para sala de aula, como dos alunos, que traziam suas vivências, sendo assim estimulada a curiosidade dos alunos, deixando a aula mais dinâmica.

Ressalta-se que os egressos e os gerentes de enfermagem descreveram a importância do ensino da ética ao longo de todo o curso, propiciando a construção de uma postura ética, compromisso, responsabilidade para com a profissão e observando a hierarquia da categoria. Consideraram que o CTE da Escola tem um diferencial na qualidade da formação, ao realizar uma profissionalização cidadã, preocupada com o humano, com a qualidade do cuidado em enfermagem, buscando desenvolver competências políticas, éticas, técnicas e relações interpessoais saudáveis entre a equipe e o usuário.

A atuação do técnico em enfermagem no cuidar em enfermagem assistindo o cliente reflete a qualidade do curso, a estrutura curricular, equipe docente, campo de estágio, material didático, materiais médico-hospitalares e estrutura física. Ressaltaram os egressos que o curso é conduzido de uma forma muito boa, que o diferencial do curso é todo o processo de formação, do trabalho realizado nas aulas nos seminários, nas dinâmicas, nos estágios, na forma com que o curso é organizado.

Frente aos resultados apresentados, podemos concluir que o Curso de formação de Técnico em Enfermagem da UFRN vem cumprindo com os seus propósitos, dentre eles o de qualificar trabalhadores de enfermagem para atuar no Sistema Único de Saúde, para cuidar do cidadão brasileiro na promoção, recuperação e reabilitação da saúde, em

instituições de administração pública e ou privada. Mas, com a consciência de que este processo precisa ter uma observação e avaliação permanentes.

Ao término desta fase do presente trabalho e avaliando as etapas pelas quais passamos, fica uma sensação de ter cumprido com o compromisso assumido, pela conclusão de um processo de pesquisa e pela apresentação de seus resultados. E orgulho de integrar a família da Escola de Enfermagem de Natal e poder continuar na prazerosa tarefa de aprender e de contribuir com o processo de formação do profissional técnico de nível médio da enfermagem, no intuito de formar um trabalhador competente, ético e humano, guiado pelos princípios do Sistema Único de Saúde brasileiro. Formação esta definida pelos entrevistados como importante e de qualidade.

Entendemos que esta modalidade de estudo favoreceu a compreensão do fenômeno do perfil profissional do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em seu ambiente natural a partir da sua vivência, possibilitou conhecer como o egresso deste curso apreendeu o perfil de formação, bem como identificar os fatores que facilitaram e dificultaram o uso dos conhecimentos adquiridos no cotidiano de seu trabalho como técnico em enfermagem.

Esperamos que esta pesquisa contribua com a permanente atualização do processo de formação do técnico em enfermagem desenvolvido na Escola de Enfermagem de Natal e também possibilite contribuir com outras instituições de ensino, com pesquisadores da temática, vislumbrando uma formação profissional em nível técnico de qualidade. No entanto, temos consciência de sua inconclusão e da necessidade de manter-se em permanente processo de atualização para acompanhar as constantes inovações na área da educação profissional e da saúde.

Nesse sentido, as instituições de educação profissional técnica de nível médio em saúde devem buscar fortalecer os processos formativos, incluindo a educação permanente dos docentes, atualização contínua dos projetos pedagógicos, o estímulo à construção de novos conhecimentos sobre o trabalho em enfermagem e da saúde, acompanhando suas inúmeras inovações, estimular a criação de materiais didáticos, fortalecer as competências e habilidades, bem como as relações interpessoais entre os profissionais da equipe de enfermagem.

Constitui-se indispensável o desenvolvimento de mecanismos de acompanhamento e atualizações contínuas dos currículos dos cursos, como também assegurar a permanente discussão sobre o processo de formação, fortalecendo as relações entre as instituições de ensino e os serviços de saúde. Torna-se necessário ampliar as discussões sobre a educação profissional de nível técnico em enfermagem no âmbito da ABEn, especialmente nos SENADens, congressos e seminários temáticos, como fóruns legítimos de discussão das políticas de educação, formação de recursos humanos para a saúde e regulação da força de trabalho em enfermagem.

Os resultados do estudo possibilitaram sugerir o fortalecimento de escolas técnicas de educação profissional em saúde/enfermagem, particularmente a Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, considerando tratar-se de instituição comprometida com a formação pública, gratuita e de qualidade, e voltada para as demandas do Sistema Único de Saúde.

Entre os desafios de realizar um curso de doutoramento na modalidade interinstitucional, possibilitou vivenciar na prática que sempre é tempo de (re)aprender, de conhecer outras realidades, de estreitar laços de amizades, de compartilhar conhecimentos e experiências, abrindo novas possibilidades de (re)começar a cada novo amanhecer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. P. de; ROCHA, J. Y. **O saber da enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo. Cortez, 1986.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3.ed. Brasília: Liber, 2008.

ABEN. **Oficina de trabalho**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação. Brasília, 2000. Mimeografado.

ABEN. **Oficina de trabalho**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação. Brasília, 2000. Impresso

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa e com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4713.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BONFIM, M. I. R. M. et al. **Proposta pedagógica**: as bases da ação: formação pedagógica em educação profissional na área de saúde: enfermagem, módulo 6. Brasília: Ministério da Educação; Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). De 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. **Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949**: aprova o regulamento básico para os cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem. Brasília, 1949. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D27426.htm>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. **Decreto nº 94.406/87, de 08 de junho de 1987**: regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 1987. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/decreto-n-9440687_4173.html>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004**: regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**: regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____. **Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990**: dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/lei8080.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2011.

_____. **Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986**: dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7498.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**: altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11741.htm> Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**: fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**: fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 16/99 de 05 de outubro de 1999**: trata das diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Brasília, 1999a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016_99.pdf>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. _____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n. 11, de 9 de maio de 2012**: diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional nível técnico. Brasília, 2012a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17576&Itemid=866>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. _____. **Resolução CNE/CEB n.º 04/99 de 7 de outubro de 1999**: institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Brasília, 1999b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legislacao_tecnico_resol0499.pdf>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. _____. Educação Profissional: referenciais curriculares nacionais da educação Profissional de nível técnico. **Área profissional: saúde**. Brasília: MEC, 2000.

_____. _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica.
Pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos da rede federal de educação profissional e tecnológica (2003-2007). Brasília, [2013?]. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12503&Itemid=841> Acesso em: 30 maio 2013.

_____. _____. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.
Catálogo nacional de cursos técnicos. Brasília: MEC, 2012c. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841>. Acesso em: 6 jan. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**: aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012b. Disponível em:
<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

_____. _____. **A educação permanente entra na roda**: pólos de educação permanente em saúde, conceitos e caminhos a percorrer. Brasília: MS, 2005. 36p. Disponível em:
<http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/05_0002_M1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2013.

_____. _____. **Portaria GM/MS nº 1.996, de 20 de agosto de 2007**: dispõe sobre as diretrizes para a implementação da política nacional de educação permanente em saúde e dá outras providências. 2007. Disponível em:
<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Portaria_1996-de_20-de_agosto-de-2007.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2013.

_____. _____. **Portaria nº 399, de 22 de fevereiro de 2006**: divulga o pacto pela saúde 2006: consolidação do SUS e aprova as diretrizes operacionais do referido pacto. 2006. Disponível em:
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0399_22_02_2006.html> Acesso em: 28 jun. 2013.

_____. _____. **Portal saúde:** PROFAPS. 17 fev. 2014. Disponível em:
BB<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1810>. Acesso em: 28 jun. 2013.

CARTANA, M. H. F. et al. El estudio de caso en investigación en enfermeira. In: PRADO, M. L.do; SOUZA, M. de L. de. **Investigación cualitativa en enfermería:** contexto y bases conceptuales. Washington: PALTEX, 2008. p. 213-221.

CAVERNI, L. M. R. **Escolas de nível médio de enfermagem:** criação e desenvolvimento em hospitais privados modelo-referência da cidade de São Paulo (1945-1989). 2009. 255f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHRISTÓFARO, M. A. C.; MELO, C. M. M.; GUSSI, M. A. **Relatório final:** perfil das ações do técnico de enfermagem no Brasil. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, Ministério da Saúde, 2003.

CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A "era das diretrizes": a disputa pelo projeto de educação dos mais pobres. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, abr. 2012. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n49/a01v17n49.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2013.

COFEN. **Resolução COFEN-276/2003:** regula a concessão de inscrição provisória ao auxiliar de enfermagem de Rio de Janeiro, 16 de junho de 2003. 2003. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2762003-revogada-pela-resoluo-cofen-3142007_4312.html>. Acesso em: 19 fev. 2015.

DANTAS, R. A. S.; AGUILLAR, O. M. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem Brasileira. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, abr. 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n2/13458>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

DELORS, J. **Educação:** um tesouro a descobrir. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2000.

FERREIRA, B. J. Rediscussão de formação dos profissionais de nível médio de enfermagem um desafio contemporâneo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 50., 1998, Salvador. **Anais...** Salvador: Aben Bahia, 1999.

FREIRE, A. M. de A. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI M.(Org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, A. M. de A. Paulo Freire: sua vida, sua obra. **Educação em revista**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2001. Disponível: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/663/546>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 14. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Educação e mudança**. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011d.

_____. **Política e educação: ensaios**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
Digitalizado

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GARCIA, S. R. **O fio da história**: a gênese da formação profissional no Brasil. Disponível em: <
<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0904t.PDF> >. Acesso em: 27 maio 2013.

GADOTTI, M. **Paulo Freire**: uma bibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1997.

GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GEOVANINI, T. et al. **História da enfermagem**: Versões e Interpretações. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

GERMANO, R. M.; **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GERMANO, R. M.; TIMÓTEO, R. P. de S. Lutas sociais, reforma sanitária e profissionalização na área de enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: “História e memória da educação brasileira” 2., 2002, Natal. **Anais...**, Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN- NAC, 2002. 1 CD-ROM

GERMANO, R. M. A pesquisa e os dilemas éticos do trabalho da Enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 66, n. esp, p. 76-79, set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2015

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **História da educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GUBERT, E. **Formação do técnico de enfermagem na perspectiva da interdisciplinaridade**: reflexões dos enfermeiros educadores. 2009. 209 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

IBGE. **Rio Grande do Norte**: Natal: infográficos: dados gerais do município. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=240810>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio**: as políticas do Estado neoliberal. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MANFREDI, S. M. Educação Profissional. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

MYERS, G. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa e com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 271-292.

OGUISSO, T. Considerações sobre a legislação do ensino e do exercício do técnico em enfermagem e do auxiliar de enfermagem. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, n. 30, p. 168-174, 1977.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. dos. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2011.

PEREIRA, I. B. Histórico da educação profissional em saúde. In: FONSECA, A. F.; STAUFFER, A. de B. (Org.). **O processo histórico do trabalho em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

_____. A educação dos trabalhadores da saúde sob a égide da produtividade. In: MATTA, G. C.; LIMA, J. C. F. (Org.). **Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 393-420.

PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.

_____. _____. A educação dos trabalhadores da saúde sob a égide da produtividade. In: MATTA, G. C.; LIMA, J. C. F. (Org.). **Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 393-420.

PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. **Educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL. Secretaria Municipal de Saúde. **(Re)desenhando a Rede de Saúde na Cidade do Natal**. Natal: Secretaria Municipal do Natal, 2007.

RAMOS, M. N. A Educação Profissional pela Pedagogia das Competências e a Superfície dos Documentos Oficiais. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, set. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 28 maio 2013.

REIBNITZ, K. S.; PRADO, M. L. **Inovação e educação em enfermagem**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

SEVERINO, A. J. Os embates da cidadania: ensaios de uma abordagem filosófica da nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. In: BRZEZINSKI, I. (Org). **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 53-64.

SAUPE, R.; ALVES, E. D. Contribuição à construção de projetos político-pedagógicos na enfermagem. **Rev. Latino am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 60-67, abr. 2000. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12419.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SILVA, E. R. **O cidadão técnico em enfermagem: analisando as mudanças na sua profissionalização**. 2003. 94f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

SILVA, F. I. **Entre flores e espinho: a atuação do técnico em enfermagem na estratégia saúde da família**. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SILVA, E. R.; TIMOTEO, R. P. S. Profissionalização cidadã: mudanças na formação do trabalho de enfermagem. In: _____. (Org.). **Educando e produzindo conhecimento em enfermagem**. Natal: EDUFRN, 2007.

SILVA, J. B. da. Reflexões sobre o universo do ensino-aprendizagem de jovens e adultos. **Formação: revista do Projeto de Profissionalização**

dos Trabalhadores da Área de Enfermagem, PROFAE/Ministério da Saúde, Brasília, v. 1, n. 3, p. 17-24, set. 2001.

SÓRIO, R. E. da R. Inovações do campo da Gestão de Projetos Sociais: uma reflexão à luz da experiência do PROFAE. In: CASTRO, Janete Lima de. **PROFAE: educação profissional em saúde e cidadania**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. p. 17-29.

STAKE, R. E. **Investigación con estudio de casos**. 4. ed. reim. Madrid: Morata, 2007.

TIMOTEO, R. P. de S. **O ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. Natal, 1997. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

TORRES, C. A. et al. **Reinventando Paulo Freire no século 21**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

TORRES, R. A. M. Educação profissional de nível técnico na enfermagem: relatos e vivências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 53., 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABEn-PR, 2001. 1 CD-ROM

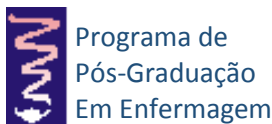
TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação, positivismo, fenomenologia, marxismo**. 21. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. **Curso técnico em enfermagem: proposta pedagógica**. Natal, 2009. Mimeografado.

UFRN. Escola de Enfermagem de Natal. [2015?]. Disponível em: <<http://www.escolaenf.ufrn.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO EGRESSO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Projeto de Pesquisa: **O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

Pesquisadora Principal: Dda. Edilene Rodrigues da Silva
Pesquisadora Orientadora: Profa. Dra. Kenya Schmidt Reibnitz

Entrevista _____ Data ____/____/____ Horário _____
Local _____
Duração: _____ Início _____ Término _____

A entrevista será realizada, após o consentimento da(o) entrevistada(o), dos devidos esclarecimentos e orientação a respeito da pesquisa. Serão respeitados os preceitos éticos, de acordo com a Resolução CNS nº 466/2012 que determina diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Dados de Identificação:

Nome: _____

Sexo: F () M () Idade _____

Profissão: _____

E mail: _____

Escolaridade /Ano de conclusão

() Técnico em Enfermagem _____ Ano de conclusão _____

() Graduação _____ Ano de conclusão _____

() Pós-graduação _____ Ano de conclusão _____

Atua na mesma área do curso: Sim () Não ()

Condição de Emprego _____ Nº de vínculos _____

Instituição de trabalho: _____

() Pública () Privada () Outra _____

Setor de Trabalho _____ Função _____

Inserção no mercado de trabalho:

() Antes do curso/ Ano _____

() Durante o curso/ Ano _____

() Após o curso/ Ano _____

Forma de contratação _____

Roteiro de entrevista

- a. Quais os motivos que levaram você a fazer um curso técnico em enfermagem?
- b. Fale-me sobre o seu curso técnico em enfermagem. Como foi o seu processo de formação?
- c. No seu cotidiano de trabalho você utiliza os conhecimentos e habilidades adquiridos durante o curso? Estes conhecimentos atendem às necessidades do seu trabalho?
- d. O curso técnico em enfermagem propiciou os conhecimentos necessários para você exercer o trabalho do técnico em enfermagem?
- e. Que situações durante o curso favoreceram esta aprendizagem?
- f. Conte-me o modo como você, em seu trabalho diário, desenvolve o trabalho em equipe, enfrenta os dilemas éticos, mediante os conhecimentos apreendidos durante o curso técnico em enfermagem.
- g. Quais as facilidades encontradas para você aplicar o perfil profissional no seu trabalho diário de técnico em enfermagem?
- h. Que dificuldades você encontra para aplicar o perfil profissional no seu trabalho diário de técnico em enfermagem?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GERENTE DE ENFERMAGEM/ENFERMEIRO



Programa de
Pós-Graduação
Em Enfermagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Projeto de Pesquisa: **O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

Pesquisadora Principal: Dda. Edilene Rodrigues da Silva
Pesquisadora Orientadora: Profa. Dra. Kenya Schmidt Reibnitz

Entrevista _____ Data ____/____/____ Horário _____
Local _____
Duração: _____ Início _____ Término _____

A entrevista será realizada, após o consentimento da(o) entrevistada(o), dos devidos esclarecimentos e orientação a respeito da pesquisa. Serão respeitados os preceitos éticos, de acordo com a Resolução CNS nº 466/2012 que determina diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Dados de Identificação:

Nome: _____

Sexo: F () M () Idade _____

Profissão: _____

Escolaridade /Ano de conclusão

() Técnico em Enfermagem _____ Ano de conclusão _____

() Graduação _____ Ano de conclusão _____

() Pós-graduação _____ Ano de conclusão _____

Instituição de trabalho: _____
() Pública () Privada () Outra _____
Setor de Trabalho _____ Função _____
Tempo de trabalho na instituição _____

Roteiro de entrevista

- a)** Como você caracteriza o trabalho do técnico em enfermagem? E o da EEN?
- b)** Em sua opinião, como o técnico em enfermagem egresso da Escola de Enfermagem de Natal desenvolve suas atividades?
- c)** Que competências e habilidades destes trabalhadores você percebe nas suas atividades diárias?
- d)** Como você analisa a formação profissional do técnico em enfermagem egresso da Escola de Enfermagem de Natal?
- e)** O técnico em enfermagem, ao ser admitido nesta instituição, apresenta a formação esperada para o seu processo de trabalho?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DOUTORADO EM ENFERMAGEM/ DINTER/UFRN-UFSC

TERMO DE CONSENTIMENTO

O Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, está realizando o DINTER (Doutorado Interinstitucional), direcionado para os professores da UFRN. Nesse contexto, a doutoranda Edilene Rodrigues da Silva, sob orientação da professora Kenya Schmidt Reibnitz irão realizar uma pesquisa intitulada: **O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, necessitando coletar dados que subsidiem este estudo, junto aos egressos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dos aos gerentes de enfermagem de serviços de saúde do Município de Natal. Assim sendo, solicitamos de Vossa Senhoria a valiosa colaboração, no sentido de autorizar as referidas pesquisadoras a realizar o processo de coleta de dados, que será procedido após parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC. Salientamos que os dados coletados serão mantidos em sigilo e utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Informamos que o Termo de Autorização encontra-se em anexo.

Na certeza de contarmos com o apoio e compreensão, agradecemos antecipadamente.

Natal/RN, _____ de _____ de 2014

Responsável

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DOUTORADO EM ENFERMAGEM/ DINTER/UFRN-UFSC**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Título do Estudo: O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Pesquisadores: Kenya Schmidt Reibnitz
Edilene Rodrigues da Silva

01. Após a análise do projeto e da solicitação

_____ Autorizamos a coleta de dados na instituição

_____ Não autorizamos a coleta de dados na instituição

02. Quanto à divulgação

_____ Autorizamos menção do nome na instituição no relatório técnico-científico

_____ Não autorizamos menção do nome na instituição no relatório técnico-científico

03. No que diz respeito ao relatório escrito

_____ Requeremos a apresentação dos resultados na instituição

_____ Não requeremos a apresentação dos resultados na instituição

Natal/RN, ____ de _____ de
2014

Responsável

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DOUTORADO EM ENFERMAGEM/ DINTER/UFRN-UFSC**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, das enfermeiras: Dra. Kenya Schmidt Reibnitz e Dda. Edilene Rodrigues da Silva. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Tem como objetivo: Analisar o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir da implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Os pesquisadores obedecerão aos preceitos éticos expressos na Resolução CNS nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A coleta de dados será por meio de uma entrevista, sendo necessária a sua prévia autorização para o uso de um gravador, importante para captar as informações de forma precisa. Elas serão transcritas e mostradas aos egressos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal e aos gerentes de enfermagem de serviços de saúde, e após sua concordância quanto ao conteúdo é que as utilizaremos no estudo.

Todos os procedimentos de coleta de dados durante a sua participação no projeto oferecerão riscos mínimos. Você poderá sentir constrangimento em responder alguma pergunta. No entanto, sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Você também tem o direito de não responder a questões caso não se sinta à vontade ou as considere muito pessoais ou lhe cause incômodo falar sobre o assunto. O desconforto da

entrevista será minimizado por meio da realização da entrevista em local que preserve a confidencialidade das informações. Caso ocorra necessidade, você será assistido(a) e acompanhado(a) pelas pesquisadoras para corrigir possíveis danos, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ou à interrupção da pesquisa.

Embora não haja benefícios diretos, ao participar do estudo, você estará contribuindo para a discussão sobre o perfil profissional trabalhado na formação do técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da UFRN a partir da implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Os resultados obtidos no estudo serão utilizados para fins científicos, havendo o compromisso por parte da pesquisadora em manter sigilo e anonimato de sua participação.

Ressaltamos ainda que poderá desistir da pesquisa em qualquer momento, sem que lhe sejam imputados penalidades ou prejuízos, e, mesmo não havendo necessidade de ressarcimento, a pesquisadora se responsabilizará por possíveis custos solicitados por você, desde que fique comprovada legalmente sua necessidade.

Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, Telefone: (48) 3721-9206, E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Esta pesquisa terá a coordenação da Dra. Kenya Schmidt Reibnitz, professora do Departamento de Enfermagem, UFSC.

Após sentir-se esclarecido(a), caso você aceite participar, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Agradecemos sua atenção.

_____/_____/_____

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: **O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.**

() com uso do gravador

() sem uso do gravador

Participante da pesquisa:

Nome

Assinatura Participante da pesquisa

Pesquisadores responsáveis:

Nome: Kenya Schmidt Reibnitz e Edilene Rodrigues da Silva

Assinatura Pesquisador responsável

Informações sobre a pesquisa:

Dra. Kenya Schmidt Reibnitz

Departamento de Enfermagem, Campus da UFSC, Bairro: Trindade,
CEP 88040-900, Florianópolis/SC. E-mail: kenyasrei@gmail.com

Dda. Edilene Rodrigues da Silva

Endereço profissional: Complexo de Enfermagem. Campus da UFRN,
Br 101, Lagoa Nova – CEP 59.078-970 Natal/RN Tel. 32153774.
Email: edilene001@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEPSH) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Pró-Reitoria de Pesquisa,
Localização: Campus da UFSC, Biblioteca Universitária Central -
Bairro: Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis/SC. Telefone: (48)
3721-9206. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

**ANEXO A – FAC-SÍMILE DO CURRÍCULO MÍNIMO DE
ENFERMAGEM – ANEXO DO PARECER Nº 45/1972,
APROVADO EM 12 DE JANEIRO DE 1972**

CURRÍCULO MÍNIMO
HABILITAÇÃO: TÉCNICO EM ENFERMAGEM
83 CRÉDITOS - 2.490 HORAS

69

NÚCLEO COMUM	EDUCAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECIAL
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	LÍNGUA E LITERATURA NACIONAIS	REDAÇÃO E EXPRESSÃO
	LÍNGUA ESTRANGEIRA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	
	C H 12 360	C H 6 180
ESTUDOS SOCIAIS	GEOGRAFIA	ESTUDOS REGIONAIS
	HISTÓRIA EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	
	C H 10 300	C H 6 180
CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM ENFERMAGEM MÉDICA ENFERMAGEM CIRÚRGICA ENFERMAGEM MATERNO-INFANTIL ENFERMAGEM NEUROPSIQUIÁTRICA PSICOLOGIA E ÉTICA
	CIÊNCIAS	
	C H 12 360	C H 28 840

Fonte: Acervo da Escola de Enfermagem de Natal/UFRN.

ANEXO B – CURRÍCULO DO CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM (2013) – ESCOLA DE ENFERMAGEM DE NATAL/UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE NATAL

5 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR		10	
Módulos		Unidade Curricular	CH
Módulo 1 CH 240 h		Saúde e sociedade	60
		Promoção da saúde e segurança no trabalho	45
		Promoção da biossegurança nas ações de saúde	20
		Informação e informática em Enfermagem	60
		Prestação de primeiros socorros	40
Módulo 2 CH 970 h		Metodologia do trabalho científico	15
		Processo de trabalho em Enfermagem I	40
		Biossegurança nas ações de Enfermagem	40
		Semiotécnica em Enfermagem I	170
		Saúde coletiva I	80
		Atenção à saúde do adulto e idoso I	50
		Atenção à saúde do adulto e idoso II	50
		Atenção em saúde mental	50
		Atenção à saúde sexual e reprodutiva da mulher e do homem	55
		Atenção à saúde da criança e adolescente	35
Estágio Supervisionado I			400
Módulo 3 CH 600 h		Processo de trabalho em Enfermagem II	75
		Saúde coletiva II	60
		Biossegurança nas ações de Enfermagem II	30
		Semiotécnica em Enfermagem II	40
		Atenção a clientes em situação de urgência e emergência	40
	Atenção ao adulto em estado grave	80	
	Atenção à mulher em estado grave no ciclo gravídico puerperal	30	
	Atenção ao recém-nascido e a criança em estado grave	45	
Estágio Supervisionado III			200
CARGA HORÁRIA TOTAL			1.810

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Pesquisador: Kenya Schmidt Reibnitz

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32999614.4.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 725.679

Data da Relatoria: 21/07/2014

Apresentação do Projeto:

"O egresso do curso técnico em enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte". Projeto que visa estudar os egressos de cursos de enfermagem para acompanhar a trajetória do profissional formado pela instituição de ensino e seu processo de inserção no mundo do trabalho. Aham-se pertinentes e necessárias as reflexões acerca do modo como o egresso do curso técnico em enfermagem apreende, o seu perfil profissional e sua aplicação no dia a dia de seu trabalho nos serviços de saúde, a partir do olhar dos próprios Técnicos em Enfermagem, por entender que este profissional poderá contribuir com a efetiva proposta de mudança no sistema de saúde e com a educação profissional brasileira.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário é compreender o perfil do egresso do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal que atua no Sistema Único de Saúde a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Secundariamente: 1) identificar o perfil profissional do egresso do curso técnico em enfermagem; 2) conhecer como o egresso do curso técnico em enfermagem apreendeu o perfil profissional; 3) identificar os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a aplicabilidade do

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Continuação do Parecer: 725.679

perfil proposta pela Escola no trabalho do técnico em enfermagem; 4) como o enfermeiro integrante da equipe de enfermagem caracteriza o trabalho e a formação do técnico em enfermagem egresso da Escola de Enfermagem de Natal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores os riscos são mínimos, podendo ocorrer constrangimento em responder alguma pergunta. No entanto, como a participação é voluntária, podendo haver desistência a qualquer momento, retirando o consentimento. O participante também tem o direito de não responder a questões caso não se sinta a vontade, a considere muito pessoal ou lhe cause incômodo falar sobre o assunto. O desconforto da entrevista será minimizado por meio da realização da entrevista em local que preserve a confidencialidade das informações. Caso ocorra necessidade, o mesmo será assistido e acompanhado pelas pesquisadoras para corrigir possíveis danos, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ou a interrupção da pesquisa. Como benefícios a participação no estudo, contribuirá para a discussão e compreensão do processo de profissionalização dos trabalhadores da enfermagem, na construção permanente do currículo e na qualidade da educação profissional e do Sistema Único de Saúde (SUS). Os resultados serão publicados e divulgados em periódicos e eventos científicos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata o presente de um projeto de Tese do Curso de Doutorado em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC – PEN-UFSC na Modalidade Doutorado Interinstitucional /UFSC/UFRN. Um Estudo de Caso com abordagem qualitativa. A coleta de dados será por meio da entrevista dos egressos do curso Técnico em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Natal e dos enfermeiros gerentes de enfermagem de serviços de saúde do município de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Também serão utilizadas as informações contidas em documentos oficiais como leis, decretos, portarias, projeto político, plano de curso, livros de atas, entre outros documentos, que possam contribuir com a pesquisa. O presente estudo reveste-se de importância visto que, permite conhecer o modo como o perfil profissional trabalhado na formação do técnico em enfermagem se aplica ou é exercido no trabalho diário desse profissional. O projeto tem relevância científica e se encontra devidamente instruído, documentação completa e TCLE que atende na íntegra a Resolução CNS nº466/12; e normas complementares. Desta forma, recomendamos a sua aprovação.

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 725.679

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentação completa.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram detectadas pendências ou inadequações neste projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 23 de Julho de 2014

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br